

ALINE JULIANA DE SOUZA PEREIRA

**TRÊS FAMÍLIAS DE CAMADAS POPULARES E A ESCOLARIZAÇÃO DOS
FILHOS: ENTRE ESTABELECIMENTOS DE ENSINO PÚBLICOS E PRIVADOS**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa,
como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação
em Educação, para obtenção do título de *Magister
Scientiae*.

VIÇOSA
MINAS GERAIS – BRASIL
2016

ALINE JULIANA DE SOUZA PEREIRA

**TRÊS FAMÍLIAS DE CAMADAS POPULARES E A ESCOLARIZAÇÃO DOS
FILHOS: ENTRE ESTABELECIMENTOS DE ENSINO PÚBLICOS E PRIVADOS**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa,
como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação
em Educação, para obtenção do título de *Magister
Scientiae*.

APROVADA: 12 de agosto de 2016.

Marlice de Oliveira e Nogueira

Frederico Assis Cardoso

Wânia Maria Guimarães Lacerda
(Orientadora)

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Professora Wânia Maria Guimarães Lacerda pelas contribuições sempre pertinentes.

Às famílias que se dispuseram a participar dessa pesquisa, por me receberem e compartilharem suas histórias.

Aos meus pais pelo carinho e apoio incondicionais, que nessa trajetória foram grandes encorajadores.

Ao meu namorado Caio, que mesmo distante esteve presente em todos os momentos dessa caminhada, sempre atento e conselheiro.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), a qual permitiu que eu pudesse me dedicar de forma integral à pesquisa.

Ao Departamento de Educação da UFV, o qual foi meu local de trabalho por seis anos, seus professores, funcionários e colegas.

Agradeço ainda, a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para a realização desta pesquisa.

SUMÁRIO

RESUMO.....	v
ABSTRACT.....	vii
INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I.....	9
AS PRÁTICAS EDUCATIVAS E SOCIALIZADORAS FAMILIARES.....	9
E A ESCOLARIZACAO DOS FILHOS EM CAMADAS POPULARES.....	9
1 O alargamento da renda entre famílias das camadas populares.....	9
1.1 As famílias e a escolarização dos filhos.....	17
1.2 As práticas educativas familiares.....	19
1.2.1 A escolha do estabelecimento de ensino.....	21
1.2.2 A escolha dos estabelecimentos de ensino privados por famílias de camadas populares.....	27
1.3 As práticas socializadoras familiares e o processo de escolarização em camadas populares.....	31
1.3.1 As práticas de socialização favorecedoras da escolarização entre irmãos.....	34
CAPITULO II.....	40
A FAMÍLIA SILVA.....	40
2.1 O processo de escolarização de Bruna.....	44
2.2 O processo de escolarização de Rodrigo.....	46
2.3 As práticas educativas familiares.....	47
2.3.1 O acompanhamento da escolarização dos filhos.....	47
2.3.2 A escolha do estabelecimento de ensino.....	51
2.4 As práticas socializadoras familiares.....	58
2.4.1 A socialização entre irmãos.....	61
CAPÍTULO III.....	63
A FAMÍLIA ALVES.....	63

3.1	O processo de escolarização de Mateus.....	66
3.2	O processo de escolarização de Maria.....	69
3.3	As práticas educativas da Família Alves.....	70
3.3.1	A escolha do estabelecimento de ensino.....	70
3.3.2	O acompanhamento da escolarização dos filhos.....	76
3.4	As práticas socializadoras da Família Alves.....	81
CAPÍTULO IV.....		84
A FAMÍLIA COSTA.....		84
4.1	Os processos de escolarização de Lucas e Pedro.....	89
4.2	As práticas educativas empreendidas pela Família Costa.....	91
4.2.1	A escolha do estabelecimento de ensino.....	91
4.2.2	O acompanhamento da escolarização dos filhos.....	95
4.3	As práticas socializadoras familiares.....	99
2.4.1	A socialização entre irmãos.....	103
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....		105
REFERÊNCIAS.....		115

RESUMO

PEREIRA, Aline Juliana de Souza. M. Sc., Universidade Federal de Viçosa, agosto de 2016. **Três famílias de camadas populares e a escolarização dos filhos: entre estabelecimentos de ensino públicos e privados.** Orientadora: Wânia Maria Guimarães Lacerda.

Esta pesquisa, desenvolvida no âmbito da sociologia das relações família-escola, teve como objetivo conhecer e analisar as práticas educativas e socializadoras de famílias, pais e irmãos, de frações das camadas populares cuja renda foi ampliada e os filhos foram transferidos de estabelecimentos de ensino públicos para privados da cidade de Viçosa. A hipótese central foi a de que a elevação da renda das famílias de camadas populares, a centralidade da escolarização dos filhos nas famílias de diferentes meios sociais e a atual configuração do contexto local são elementos que levaram as famílias pesquisadas a escolherem estabelecimentos de ensino privados. Os dados para esta pesquisa foram produzidos junto a três famílias procedentes de frações de camadas populares que alargaram a renda, e que transferiram os filhos de escolas públicas para três distintos colégios privados de Viçosa (MG). Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os sujeitos transferidos, seus irmãos e suas mães ou pais. A análise dos dados revelou que as três famílias estudadas investiam na educação da prole, pois sabiam que o capital escolar é o mais valorizado na sociedade atual e entendiam que os filhos só poderiam alcançar uma mobilidade social por meio dos estudos. Essas famílias acreditavam que os estabelecimentos de ensino da rede privada ofereceriam um ensino de melhor qualidade do que aqueles da rede pública, por esse motivo efetivaram a transferência dos filhos de escolas dessa rede de ensino para colégios privados. Outros motivos que levaram as famílias a realizarem a escolha pelos estabelecimentos de ensino em questão foram: os baixos custos da mensalidade; as informações obtidas pelas redes sociais; a falta de vaga na escola pública desejada; e o oferecimento de bolsa de estudos integral em um dos casos. Além disso, a presença da UFV e do CAP/Coluni na cidade de Viçosa contribuiu indiretamente para a realização das transferências, já que as famílias pesquisadas investiam mais intensamente na escolarização dos filhos pois almejavam que esses ingressassem nessas instituições. Assim, a prática educativa que se mostrou mais intensa entre as famílias pesquisadas foi a escolha do estabelecimento de ensino. No que tange as práticas de socialização não se observou uma imposição ou regulação de horários de estudos ou a realização de práticas culturais valorizadas no meio escolar. As famílias se preocupavam em zelar pelo bem estar dos filhos controlando suas companhias e horários de saída. Com relação às práticas dos irmãos, ao contrário do que se esperava, não foi observada uma importante

participação desses membros da família no acompanhamento da escolarização dos irmãos caçulas.

ABSTRACT

PEREIRA, Aline Juliana de Souza. M. Sc., Universidade Federal de Viçosa, August, 2016. **Three families of the lower classes and the schooling of children: between public and private schools.** Orientadora: Wânia Maria Guimarães Lacerda.

This research was developed within the sociology of family-school relations and aimed to know and analyze the educational and socializing practices of families, parents and siblings of fractions of the lower classes whose income has been increased and the children were transferred from public educational institutions to private schools in Viçosa. The central hypothesis was that the increase in the income of the lower class families, the centrality of children education in families of different social media and the current local context configuration are elements that led the surveyed families to choose private schools. The data for this study were produced from three families coming from lower classes that have expanded their income and have transferred their children from public institutions to three different private schools in Viçosa (MG). Semi-structured interviews were conducted with the transferred children, their siblings and parents. The data analysis revealed that the three studied families invested in children's education because they knew that the educational capital is the most valued in the contemporary society and believed that their children could only achieve social mobility through education. These families understood that the private school system would offer a better quality education than the public educational system. Therefore, they transferred their children from public schools to private institutions. Other reasons that led families to choose those educational institutions were: the low cost of tuition; the information obtained through social networks; the lack of vacancy in the desired public school; and the full scholarship offering in some cases. Furthermore, the presence of the UFV and the CAp/Coluni in Viçosa indirectly contributed to the transfers, since the surveyed families invested more heavily in the children's education in order to enable them to attend these institutions. Thus, the educational practice that was more intense among the surveyed families was the school choice. Regarding socialization practices, an imposition or study schedules regulation or even the conduction of cultural practices appreciated in the school environment were not observed. Families were concerned in ensuring the children's welfare by controlling their friendships and leisure times. Regarding the siblings' practices, contrary to expectations, it was not observed a significant share of these family members in monitoring the schooling of their little siblings.

INTRODUÇÃO

Na primeira década dos anos 2000, foi noticiada em diversos veículos de comunicação, a elevação da renda mensal e do poder de consumo de brasileiros pertencentes às camadas populares. Não apenas o volume de notícias foi alto, mas também ocorreram várias discussões acadêmicas acerca da caracterização e denominação desse segmento. Neri (2010) o designou como “nova classe média”. Já para Pochmann (2012) o fenômeno de elevação da renda produziu o alargamento da classe trabalhadora e para Souza (2012), a melhor denominação para esse segmento é “nova classe trabalhadora” ou, simplesmente, “batalhadores”.

Nos debates sobre o segmento que elevou renda, alguns comentadores e analistas chamaram a atenção para o fato de que o aumento da renda gerou um maior consumo de produtos e serviços aos quais, anteriormente esse grupo não tinha acesso, portanto, aqueles que têm interesses mercantilistas deveriam ficar atentos ao padrão de consumo desse segmento. Outros destacaram o tipo de consumo ao qual esse segmento emergente passou a ter acesso, explicitando que se tratava exclusivamente de novos consumidores de bens materiais e não de bens simbólicos.

As discussões de Neri (2010), autor que cunhou a expressão “nova classe média” para designar esse grupo, chamam a atenção para o fato de que o aumento da renda das famílias produziu a diminuição da desigualdade social. Já as discussões de Souza (2012), destacam que juntamente com o aumento relativo da renda e do poder de consumo das famílias seria necessário que ocorresse a modificação dos hábitos culturais e do estilo de vida, pois se não houver investimentos em bens simbólicos como na educação, essa elevação inicial da renda se estagnarão e poderá até decair, de acordo com a conjuntura econômica do país.

É provável que a conjuntura econômica brasileira atual com altos índices de desemprego, estagnação da economia e inflação leve algumas famílias que aumentaram a renda na primeira década dos anos 2000 e decidiram transferir os filhos de estabelecimentos públicos para privados, buscando ofertar um ensino de qualidade aos filhos a retornar, ou seja, fazer o movimento pendular de transferi-los novamente para estabelecimentos públicos.

No entanto, em alguns contextos específicos, como é o caso de Viçosa, pode-se encontrar famílias de camadas populares que mantêm os filhos em escolas privadas, presumindo sua qualidade de ensino. Provavelmente, como indicado por Lacerda (2012), as especificidades do contexto educacional dessa cidade, com a presença da Universidade Federal de Viçosa (UFV) e do Colégio de Aplicação da Ufv (CAp/Coluni), produzam seus

efeitos, por exemplo, elevando as expectativas das famílias residentes em Viçosa de que os filhos ingressem no CAP/COLUNI e/ou na UFV, mobilizando as famílias dos diferentes meios sociais a investirem no processo de escolarização dos filhos objetivando que eles ingressem na educação superior. Para Lacerda (2012) a grande influência exercida pela Universidade neste contexto se deve, dentre outros elementos, ao fato de que Viçosa é uma cidade média, o que facilita o fluxo de informações e a constituição de redes de relações sociais.

No Brasil, desde o trabalho seminal de Portes (1993), diversos outros estudos foram realizados sobre a construção de trajetórias escolares longevas por estudantes oriundos de camadas populares, como Viana (1998), Portes (2001) e Lacerda (2006). Tais pesquisas destacaram, dentre outros resultados, as especificidades das configurações das famílias de camadas populares, cujos filhos concluíram a educação superior, os diferentes conjuntos de práticas empreendidas pelas famílias na constituição dos percursos escolares estudados, a importância da escolha do estabelecimento de ensino dentre essas práticas e as práticas socializadoras familiares que facilitam a constituição de disposições favoráveis à longevidade escolar.

Estes estudos, especialmente em função da época em que foram produzidos, não analisaram as práticas de famílias que passaram por uma situação de elevação de renda, a qual poderia ter fundamentado, por exemplo, a escolha do estabelecimento de ensino, ainda que, em tais trabalhos, se reconheça que a estabilidade proporcionada, por exemplo, pela posse da casa própria ou pela cessão de moradia, tenha favorecido a constituição dos percursos escolares longos e, em alguns casos, atípicos, entre estudantes de camadas populares.

Considerou-se, assim, a pertinência de se estudar as práticas educativas e socializadoras desse “novo” grupo que ampliou a renda mensal, de camadas populares e que nesse estudo, é considerado como pertencente a uma fração da camada popular. Parte-se do pressuposto de que a especificidade desse grupo pode tê-lo levado a empreender práticas familiares distintas daquelas empreendidas por famílias pertencentes a outras frações das camadas populares, especialmente a escolha da escola, uma vez que autores vêm apontando que diversos grupos familiares no contexto educacional brasileiro, onde a hierarquia entre os estabelecimentos e as diferenças quanto à composição social do alunado é marcante, à medida que suas condições econômicas permitem, realizam escolhas por colégios privados para matricularem os filhos (ANDRADE, 2012; NOGUEIRA, 2013; MEDEIROS e JANUÁRIO, 2014).

A escolha do estabelecimento de ensino privado é uma prática educativa muito rentável no contexto brasileiro, cujo fundamento se encontra na preocupação que as famílias contemporâneas têm quanto ao processo de escolarização dos filhos, tendo em vista que na sociedade atual a certificação escolar ocupa um papel central na reprodução social. É consenso entre os autores do campo da Sociologia da Educação que as famílias de todos os meios sociais preocupam-se com a escolarização dos filhos, pois reconhecem a importância da certificação escolar (SINGLY, 2007), especialmente para a ocupação dos postos de trabalho. Da mesma forma, a definição da escola que o filho frequentará é uma preocupação cada vez maior das famílias de distintas classes sociais, as quais têm condições diferentes, tanto econômicas, como culturais, para escolher a escola dos filhos. Entretanto, a posição social não é o único fator que interfere no ato de escolha. A valorização e a representação que as famílias têm da escola interferem na mobilização e na busca do melhor estabelecimento de ensino para a prole (NOGUEIRA, 1998; NOGUEIRA e AGUIAR, 2007; NOGUEIRA e LACERDA, 2014).

A escolha da escola é uma prática educativa mais comum entre as famílias socialmente favorecidas, pois envolve não só a posse do capital econômico necessário para custear as despesas com mensalidades escolares, material didático e deslocamento da residência à escola, quando o estabelecimento de ensino escolhido é uma instituição privada, mas também, e, especialmente, envolve o “capital informacional” (BRANDÃO, 2003, p. 5) sobre a lógica de funcionamento dos estabelecimentos escolares e as hierarquias entre eles, ou seja, as famílias precisam conhecer o conjunto de escolas no contexto educacional local e, discernir qual aquela que melhor se adéqua às características dos filhos dentre as escolas que integram o repertório de escolhas, aquela que oferece o ensino de melhor qualidade. Assim, são as famílias que possuem os capitais econômico, cultural, escolar e simbólico, nos termos de Bourdieu (1998), aquelas que têm as melhores condições de realizarem as “escolhas ativas” (HERAN, 1991 *apud* NOGUEIRA, 1998) e de criar condições para que os filhos obtenham com tais escolhas o sucesso escolar e social.

No contexto brasileiro, a escolha do estabelecimento de educação básica, utilizando-se como critério a qualidade do ensino, geralmente implica na escolha do estabelecimento privado. De modo geral, as escolas privadas de educação básica são vistas, presumidamente, como sendo de melhor qualidade se comparadas às instituições públicas. Essa presunção é confirmada por dados de pesquisa, pois, conforme Pinto *et al.* (2006), a “Pesquisa Nacional

de Qualidade na Educação: a escola pública na opinião dos pais¹”, indicou que para os pais, a escola privada de educação básica oferece um ensino de melhor qualidade que a escola pública.

As pesquisas realizadas por Andrade (2012) e Nogueira (2013) indicaram que a ampliação da renda mensal de algumas famílias de camadas populares, aliado a outros fatores como a preocupação com a escolarização dos filhos e as novas exigências do mercado de trabalho que levam à busca por maior qualificação escolar impeliram algumas famílias a efetivarem a escolha do estabelecimento de ensino privado.

Na cidade de Viçosa (MG) ao se considerar, por exemplo, os resultados alcançados pelos estabelecimentos privados que ofertam o ensino médio nas avaliações externas – um indicador da qualidade do ensino – na elaboração de *rankings*, observa-se que são esses que ocupam as posições mais elevadas, excetuando-se apenas o CAp/Coluni, uma vez que esse Colégio público federal ocupa a primeira posição em nível local e estadual². Também os rumores sobre a qualidade do ensino ofertado indicam que essa oferta se dá em estabelecimentos privados, colaborando para a construção de “imagem-guia” (BALLION, 1991 *apud* NOGUEIRA, 1998).

Diante do exposto pode-se considerar que tanto a ação parental de escolha do estabelecimento de ensino, bem como de outras práticas educativas e socializadoras em favor da escolarização dos filhos por famílias de camadas populares implica em posse de recursos materiais e simbólicos e que essas famílias estejam mobilizadas escolarmente. Daí o interesse específico desse trabalho que foi o estudo das práticas de escolarização de famílias pertencentes às camadas populares que tiveram elevação de renda e que, em razão disso, escolheram estabelecimentos de ensino privados para matricular seus filhos.

Cabe destacar ainda que, neste trabalho, não foram consideradas apenas as práticas educativas e socializadoras dos pais (pai e mãe), mas também a dos irmãos. Essa opção se embasou, dentre outros autores em Romanelli (2003), pois segundo esse autor os irmãos também são responsáveis por transmitir o capital cultural e, junto com os pais, são as pessoas com as quais, normalmente, mais se convive. Dessa forma, entende-se que os irmãos podem exercer uma importante influência na escolarização uns dos outros. Assim, o conhecimento das práticas educativas e socializadoras de famílias de camadas populares, considerando-se não somente aquelas empreendidas pelos pais, mas também pelos irmãos, colaborou tanto

¹ Pesquisa realizada pela Fundação Cesgranrio para a Diretoria de Avaliação da Educação Básica DAEV/INEP/MEC, em 2005.

² O CAp/Coluni ocupa a primeira posição em nível federal dentre as escolas públicas brasileiras. Essa posição favorável vem sendo ocupada reincidentemente ao longo dos últimos anos (NOGUEIRA e LACERDA, 2014).

com a apreensão de indícios em relação à especificidade das escolhas escolares desse grupo social, como no conhecimento de outras práticas familiares (de pais, mães e irmãos) que favorecem a escolarização em camadas populares, além daquelas já discutidas em outros trabalhos sobre essa temática.

Dessa forma, a pesquisa realizada, partindo-se do pressuposto de que a elevação da renda das famílias de camadas populares; a centralidade da escolarização dos filhos nessas famílias e a atual configuração do contexto educativo local se conjugam para que tanto pais como irmãos empreendam práticas educativas e socializadoras em favor da escolarização dos filhos no primeiro caso e dos irmãos, no segundo, teve como objetivo conhecer e analisar as práticas educativas e socializadoras de famílias, pais e irmãos, de frações das camadas populares cuja renda foi ampliada entre os anos de 2003 a 2011³ e cujos filhos foram transferidos de estabelecimentos de ensino públicos para privados na cidade de Viçosa⁴.

A pesquisa foi realizada com três famílias, tendo sido realizadas entrevistas com três membros de cada uma delas (pais ou mães, irmãos e estudantes). Os critérios para a seleção dessas famílias foi ter filhos transferidos de estabelecimentos de ensino públicos para privados da cidade de Viçosa (MG), matriculados no segundo segmento do ensino fundamental ou no ensino médio e ter vivenciado o aumento da renda familiar nos últimos anos.

A definição do número de três famílias⁵, para a realização da pesquisa, deveu-se ao interesse em investigar pelo menos um grupo familiar de cada um dos estabelecimentos privados da cidade de Viçosa, reconhecidos no contexto local como aqueles cuja composição social do corpo discente é diversa.

A escolha de estudantes nessas etapas de escolarização se justifica, conforme Nogueira (1998), pelo fato de que os investimentos dos pais no que concerne à escolha do estabelecimento de ensino dos filhos tendem a aumentar à medida que esses progredem na carreira escolar.

³ Esse foi o período considerado por Neri (2010), para a produção de um estudo sobre o aumento da renda familiar de um contingente populacional de camadas populares no contexto brasileiro.

⁴ Parece pertinente destacar, ainda que entre os sujeitos pesquisados não tenha ocorrido casos conforme o descrito a seguir, que na cidade de Viçosa, a manutenção dos filhos em estabelecimentos privados pelas famílias de camadas populares também está relacionada ao fato de que alguns colégios privados dessa cidade reduzem os valores das mensalidades escolares em troca da prestação de serviços nas instituições pelas mães dos alunos e pelos próprios alunos.

⁵ A definição desse número também foi motivada em razão do tempo disponível para realização da pesquisa no âmbito do mestrado. Foram entrevistadas três pessoas de cada família, de modo que o *corpus* da pesquisa se constituiu de nove entrevistas.

Os três colégios considerados para os quais os sujeitos da pesquisa foram transferidos são: Colégio Portinari, Colégio Eça de Queiroz e Colégio Tarsila do Amaral⁶. Para a seleção dos grupos familiares, sujeitos da pesquisa, inicialmente foi realizada uma sondagem por meio de contato telefônico, conversa com gestores e com pessoas que trabalham em quatro colégios privados de Viçosa, com o intuito de obter informações preliminares sobre a existência de estudantes matriculados nos mesmos, vindos de estabelecimentos públicos que possuíam irmãos em idade escolar. Desses, três colégios informaram haver casos de estudantes com esse perfil tanto no segundo segmento do ensino fundamental, como no ensino médio.

A identificação dos grupos familiares, sujeitos da pesquisa ocorreu por meio da indicação de terceiros. Colegas e ex-colegas que trabalham ou realizam estágio em diversas escolas de Viçosa foram contatados por meio de redes sociais e/ou telefone. A indicação de famílias com o perfil supracitado foi solicitado à cerca de 20 pessoas. Dessas, quatro fizeram indicações. Três delas indicaram parentes e a outra indicou pessoas conhecidas, sendo que a última conhecia duas famílias de diferentes colégios. No total foram indicadas cinco famílias, sendo que três delas tinham filhos frequentando o Colégio Eça de Queiroz.

Todas as famílias indicadas foram contatadas, inicialmente por redes sociais e/ou telefones. Dessas, apenas duas famílias que tinham as filhas matriculadas no Colégio Eça de Queiroz não deram resposta quanto ao interesse em participar da pesquisa. Como a família de Mateus, que frequenta esse colégio, se dispôs de imediato em participar da pesquisa, optou-se pela realização das entrevistas com essa família.

Já no primeiro contato com os grupos familiares foram apresentados os objetivos da pesquisa e os procedimentos éticos adotados. Foram-lhes solicitadas informações sobre a transferência dos filhos de estabelecimentos públicos para privados e a existência, no grupo familiar, de irmãos em processo de escolarização. Além disso, as famílias foram questionadas, inicialmente quanto à elevação da renda mensal nos últimos anos, dados os critérios utilizados para a seleção dos sujeitos da pesquisa. Nos três casos obteve-se a confirmação. As famílias foram consultadas, por fim, sobre a disponibilidade de participarem da pesquisa, tanto dos pais ou de um deles, como do irmão daquele que foi transferido de estabelecimento público para privado e do próprio estudante.

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com três membros de cada família – o pai ou a mãe, o filho que foi transferido para um estabelecimento de ensino privado e o irmão que também se encontrava em processo de escolarização. Essas entrevistas ocorreram entre

⁶ Foram utilizados nomes fictícios.

outubro de 2015 e janeiro de 2016. De modo geral, não houve empecilhos para a realização das entrevistas, que foram marcadas sempre em locais e horários escolhidos pelos entrevistados prevalecendo, nesse caso, a própria residência da família. Apenas a família de Mateus não foi entrevistada em seu local de moradia por opção dos próprios membros. A entrevista de Mateus ocorreu na casa da avó materna e a de seu pai e de sua irmã, na casa da avó paterna de Mateus.

As entrevistas foram feitas com cada membro das famílias em separado, os quais consentiram que elas fossem gravadas. Realizou-se, então, a transcrição das mesmas em sua totalidade e, excetuando-se os casos dos irmãos mais jovens, na faixa etária de 12 anos, cujas entrevistas variaram entre vinte e trinta minutos, a duração média das entrevistas foi de sessenta minutos.

O quadro abaixo mostra algumas informações sobre o perfil social das famílias pesquisadas:

Quadro 1
Caracterização das famílias pesquisadas

Sujeitos da pesquisa	Série e rede de ensino frequentada	Irmãos dos sujeitos da pesquisa	Série e rede de ensino frequentada pelo irmão	Escolaridade dos pais	Ocupação dos pais
Rodrigo (13 anos)	7º ano do ensino fundamental, colégio privado	Bruna (19 anos)	Cursinho preparatório para o ENEM, rede privada	Tânia- ensino médio completo Mário- 7º ano do ensino fundamental	Tânia - balconista Mário- funileiro
Mateus (17 anos)	3º ano do ensino médio, colégio privado	Maria (12 anos)	6º ano do ensino fundamental, escola pública	Laura- ensino superior completo (Tecnologia de Laticínios) João- ensino superior completo (Processos Gerenciais)	Laura- funcionária pública municipal João- trabalha no almoxarifado de uma empresa
Pedro	6º ano do	Lucas	1º ano do	Valéria- ensino	Valéria-

(12 anos)	ensino fundamental, colégio privado	(15 anos)	ensino médio, escola pública	superior completo (Pedagogia) Cláudio- ensino superior completo (Ciências Contábeis)	diarista Cláudio- carteiro motorizado
-----------	-------------------------------------	-----------	------------------------------	---	--

A análise dos dados ocorreu de acordo com os pressupostos da análise de conteúdo (BARDIN, 1977). Desse modo, após a transcrição das entrevistas foram realizadas diversas leituras com o objetivo de separar categorias e subcategorias de análises condizentes com o tema e o objetivo da pesquisa. Assim, os dados foram categorizados e submetidos a processos de interpretação e inferência, observando-se o conjunto do grupo familiar composto por três entrevistas.

Esta dissertação está organizada em quatro capítulos, além da introdução e das considerações finais. No capítulo I intitulado: *As práticas educativas e socializadoras familiares e a escolarização dos filhos em camadas populares* são realizadas discussões teóricas as quais embasaram esta pesquisa e abordam, trabalhos que se ocuparam em estudar o fenômeno social do alargamento da renda de famílias de camadas populares e estudos sobre as práticas educativas e socializadoras familiares, com ênfase na escolha do estabelecimento de ensino, a escolha do colégio privado e as práticas de socialização e de escolarização de irmãos.

Nos capítulos II, III e IV, são realizadas as análises dos dados colhidos junto às três famílias entrevistadas. Em cada capítulo há a apresentação de um grupo familiar, assim como suas práticas educativas e socializadoras, sobretudo, as que se referem aos motivos que levaram à escolha pelos estabelecimentos de ensino frequentados pelos filhos.

Por fim, têm-se as considerações finais, em que são apresentadas as conclusões as quais foram possíveis se chegar por meio deste estudo, assim como as respostas parciais dos questionamentos que guiaram esta pesquisa. São discutidas também as limitações do estudo, por meio das quais podem suscitar o surgimento de novos trabalhos. E, ainda, as referências que embasaram e tornaram possíveis as análises do presente estudo.

CAPÍTULO I

AS PRÁTICAS EDUCATIVAS E SOCIALIZADORAS FAMILIARES

E A ESCOLARIZAÇÃO DOS FILHOS EM CAMADAS POPULARES

Neste capítulo é feita uma discussão sobre a literatura que aborda as ações de famílias pertencentes às camadas populares e ao segmento denominado no contexto brasileiro de “novas classes médias” em favor da escolarização dos filhos. Não se pretendeu neste capítulo fazer um estado da arte ou do conhecimento, mas realizar uma aproximação da temática específica que será tratada nessa dissertação, ou seja, as ações parentais de escolarização dos filhos empreendidas por um segmento das camadas populares que teve o alargamento da renda na primeira década de 2000. Este capítulo está dividido em duas partes. Na primeira é apresentada a discussão sobre o alargamento da renda entre as famílias de camadas populares no contexto recente brasileiro. Na segunda, é abordada parte da literatura no campo da Sociologia da Educação que trata das relações entre as instituições família e escola, ou seja, apresenta-se, de modo sucinto, uma sociologia das relações família-escola. Nessa parte são discutidas as práticas educativas das famílias em favor da escolarização dos filhos, especialmente a escolha do estabelecimento de ensino e as práticas socializadoras – considerando-se os pais e os irmãos.

1 O alargamento da renda entre famílias das camadas populares

Na última década tem sido discutida por alguns autores, como por exemplo, Neri (2010), Pochmann (2012), Souza (2012), Kerstenetzky e Uchôa (2013), Costa (2013), Vicente (2013), a ampliação da renda e do poder de consumo no Brasil por um contingente de pessoas pertencentes às camadas populares⁷. Esse alargamento da renda tem sido apontado como decorrência da melhoria econômica e da consequente diminuição da desigualdade social pela qual o país passou no início o século XXI.

Dado que Neri (2010) considera que esse contingente constitui uma “nova classe média”, parece pertinente introduzir nesse texto algumas discussões sobre a pertença social. Para alguns autores as classes sociais são determinadas apenas pelos critérios de renda econômica e posse de bens de consumo (NERI, 2010). Para outros, como Bourdieu (2007, p. 14), a definição de classe social vai além dos fatores econômicos:

⁷ Esse grupo vem sendo objeto de discussões tanto no meio acadêmico, como midiático.

Uma classe não pode jamais ser definida apenas por sua situação e por sua posição na estrutura social, isto é, pelas relações que mantém objetivamente com as outras classes sociais. [...] É evidente dizer que as diferenças de segunda ordem [...] as marcas de distinção como duplicação simbólica dos valores de posição vinculados a cada posição na estrutura social [...] dependem das atitudes que os agentes desenvolvem para se apropriar dos modelos de transmutação das diferenças em distinções, transmutação essa que depende principalmente da educação dos agentes e, portanto, de sua condição e, portanto, de sua posição estrutural.

Observa-se, portanto, que para Bourdieu, a definição da classe social vai além da posse de capital econômico. Seria necessário considerar, por exemplo, a profissão do indivíduo, sua escolarização, raça, idade, gênero e o estilo de vida, isto é, o efeito que o conjunto dessas propriedades exerce sobre as práticas dos agentes (BOURDIEU, 2008).

Nessa mesma direção para Ribeiro (2014, p. 184): “Não há dúvidas [...] de que definir classes sociais apenas pela renda é uma enorme limitação conceitual e empírica.” Conforme esse autor, as ciências sociais têm destacado que a definição de classes sociais deve contemplar a ocupação, as práticas culturais e o estilo de vida das pessoas levando-se em consideração as relações de trabalho dos sujeitos. Ele acrescenta também a importância de atrelar a essas propriedades, os padrões de mobilidade intergeracional para definir as classes sociais.

No Brasil as classes sociais são bastante distintas o que é resultado da forte hierarquia de classes e enormes desigualdades sociais (RIBEIRO, 2014). Assim, as classes que ocupam a base da pirâmide social têm desvantagens de diversas ordens, ao passo que as classes que estão no topo da pirâmide teriam grandes vantagens advindas de sua posição na hierarquia.

Uma forma de atenuar essas desigualdades seria por meio da educação, a qual seria o principal instrumento para a efetivação da mobilidade social (RIBEIRO, 2014). Dessa forma, as pessoas oriundas das classes menos favorecidas teriam chance de alcançar a mobilidade por meio da sua escolarização. O autor apresenta os seguintes dados:

[...] cada ano de educação aumenta em 1,62 (e 0,48) vezes as chances de mobilidade ascendente. Por exemplo, um indivíduo com 15 anos de estudo completos, que completou a universidade, tem 24,3 ($1,62 \cdot 15$) vezes mais chances de mobilidade ascendente do que um indivíduo analfabeto (com nenhum ano de educação) (RIBEIRO, 2014, p. 207).

Embora os anos de escolarização aumentem em cerca de 70% a probabilidade da realização de uma mobilidade social ascendente, a origem social ainda exerce uma grande influência na possibilidade de ascensão. Assim, as classes superiores têm muito mais chances de manter as futuras gerações na posição atual, do que qualquer outra classe de ascender ao

topo da pirâmide. Haveria então uma desigualdade de oportunidades de realização da mobilidade social por parte de diferentes classes (RIBEIRO, 2014).

É importante destacar que embora a manutenção das classes superiores em sua posição social seja mais provável do que a ascensão de indivíduos pertencentes a outras classes a essa mesma posição, a reprodução das classes que ocupam os mais altos patamares sociais só é possível se as novas gerações herdarem os bens imateriais transmitidos pelos pais (SOUZA, 2012). Nessa perspectiva, para Souza (2012) as camadas superiores devem transferir aos filhos muito mais que heranças materiais, como o capital cultural. Sendo assim, depreende-se que, para esse autor, a mobilidade social não ocorreria apenas com o aumento relativo da renda e do poder de consumo das famílias. É necessário que a modificação dos hábitos culturais e do estilo de vida acompanhe o aumento do capital econômico. Portanto, embora a elevação da renda por parte de segmentos populares traga indiscutíveis benefícios, tendo em vista que pode-se ter acesso a uma vida mais confortável, se não houver investimentos em bens simbólicos como a educação dos membros da família, essa elevação inicial da renda pode se estagnar e até decair de acordo com a conjuntura econômica do país. Sendo assim, concordando com Ribeiro (2014), Souza (2012) afirma também que a educação seria o meio mais eficaz que essas famílias teriam para ascenderem socialmente.

O precursor dos estudos que constataram o aumento da renda familiar de diversas pessoas das camadas populares, Marcelo Neri (2010) designa esse contingente como “nova classe média”, o qual segundo o economista passou a ter a oportunidade de consumir produtos e serviços de melhor qualidade no setor privado, tais como educação e saúde.

A “nova classe média” seria a “classe C”, cuja renda domiciliar variaria entre dois e nove salários mínimos mensais, aproximadamente. Neri (2011) salienta que a denominação por ele utilizada é explicada pelo fato de a “nova classe média” ocupar uma posição intermediária, entre os conjuntos constituídos pelas classes A e B e D e E⁸. O aumento do número de empregos formais foi o principal fator que levou a ampliação da renda familiar, aliado ao crescimento de programas sociais e aos benefícios previdenciários, bem como do prolongamento dos anos de estudo (NERI, 2010).

Uma média nacional de 39,6 milhões de pessoas ingressaram na “nova classe média” entre os anos de 2003 e 2011, chegando nesse último ano ao número 105,5 milhões de brasileiros, isso é, cerca de 55,05% da população total do país, enquanto a base da pirâmide,

⁸ Conforme Neri (2010) as classes A e B são aquelas que apresentam nível de renda superior ao da classe C, ou seja, possuem renda superior a nove salários mínimos e as classes D e E renda inferior a dois salários mínimos.

as classes D e E, sofreu redução de 96,2 milhões em 2003 para 63,3 milhões em 2011 (NERI, 2011).

Outro economista que tem se dedicado aos estudos sobre o grupo social que alargou renda, Márcio Pochmann (2012; 2013), discorda de Neri (2010) e considera que o fenômeno designado como sendo “nova classe média” é, na verdade, um alargamento da classe trabalhadora e não a produção de uma nova classe, visto que se ampliou o número de empregos formais de baixa remuneração, o que resgatou inúmeras pessoas da condição de pobreza e ampliou seu poder de consumo. No entanto, essa grande parcela da população não pode ser incluída em outra classe que não a trabalhadora. Isso porque na primeira década dos anos 2000, cerca de 95% das vagas surgidas no mercado de trabalho eram de ocupações de até 1,5 salário mínimo. Essas ocupações não ofereceram uma mudança no estilo de vida das pessoas, tendo em vista que apenas a ampliação do poder de compra não garante acesso a bens simbólicos socialmente valorizados, como educação de qualidade e práticas culturais distintas.

Nesse sentido, o uso da expressão “nova classe média” estaria carregado de interesses, sobretudo mercantilistas, no sentido de reorientar as políticas públicas para atenderem aos interesses do mercado (POCHMANN, 2012). Isso significa o fortalecimento dos serviços privados de saúde, educação e outros. Para Pochmann (2012), tal fato está ligado à propaganda negativa que tem sido apresentada em torno dos serviços públicos.

O economista não nega a ocorrência da diminuição da desigualdade social e do aumento da renda dos brasileiros, o que ocorreu devido à ampliação dos trabalhos formais atrelado às políticas sociais implementadas e ao aumento do valor real do salário mínimo. Entretanto, a ampliação do emprego formal, deu-se, sobretudo, na base da pirâmide social; ou seja, foram ampliados os postos de trabalho com remuneração de até 1,5 salário mínimo mensal.

Por esse motivo, as pessoas que fariam parte de tal segmento teriam, na perspectiva do autor, características gerais das camadas populares. Pochmann (2012, p. 10) afirma que: “[...] por elevar o rendimento, ampliam imediatamente o padrão de consumo. Não há, nesse sentido, qualquer novidade, pois se trata de um fenômeno comum, uma vez que trabalhador não poupa, e sim gasta tudo o que ganha.” Portanto, para Pochmann (2012) o segmento emergente é despolitizado, individualista e busca o consumo capitalista.

Do grupo que teve a renda aumentada, esse autor aponta que as mulheres foram as que mais ocuparam os postos de trabalho de salário de base⁹, assim como não brancos e

⁹ Pochmann (2012) considera como sendo salário de base os rendimentos mensais de até 1,5 salário mínimo.

pessoas com nível médio de ensino. Da mesma forma, metade do total das ocupações de salário de base foi gerada no Nordeste, Norte e Centro-Oeste.

O sociólogo Jessé de Souza (2012; 2013), também se contrapõe a nomenclatura utilizada por Neri (2010) e prefere utilizar o termo “nova classe trabalhadora brasileira” ou, simplesmente, “batalhadores” para se referir ao grupo social que passou por uma ampliação de renda, pois, para ele: “Chamar essa nova classe trabalhadora de ‘nova classe média’ faz parte, precisamente, dessa estratégia de ‘eufemizar’ a dominação e silenciar o sofrimento [...] para melhor dominar” (SOUZA, 2012, p. 350).

No ponto de vista desse autor, que realizou uma pesquisa com pessoas que tiveram a renda mensal ampliada, a “nova classe trabalhadora” não tem acesso aos capitais mais valorizados pela sociedade, o cultural e o econômico, e, por esse motivo, consegue sua ascensão por meio de lutas, esforços, sacrifícios, cansaço por causa do exercício de dois ou de três empregos diferentes, jornada de até 14 horas diárias, conciliação de estudos com o trabalho e a capacidade de poupança e de resistência ao consumo imediato. Contrapondo-se a Pochmann (2012), nessa perspectiva, o qual afirma que a “nova classe trabalhadora” gasta tudo o que ganha, Souza (2012) ressalta que esse contingente populacional é, em geral, extremamente cuidadoso com seu orçamento, atentando-se sempre para não gastar com coisas supérfluas, abrindo mão, muitas vezes, de conforto e de atividades de lazer.

Souza (2012) salienta ainda a importância da socialização primária desses “batalhadores”. Em sua pesquisa esse autor observou que embora as famílias tivessem fraco capital cultural e escolar¹⁰, transmitiam aos filhos os valores e os exemplos da importância do trabalho sério, intenso e honesto, mesmo nas condições mais adversas. Esses “batalhadores” teriam como capital mais importante, o familiar¹¹, não apenas pelos valores e pelas disposições que se incorporam nessa instituição socializadora, mas também pelo auxílio mútuo entre os membros da família da “nova classe trabalhadora”.

Mesmo possuindo fraco capital escolar, alguns dos sujeitos entrevistados por Souza (2012) explicitaram a percepção de que a ascensão social dos filhos apenas se concretizará por meio da educação. Assim, para esse autor, os integrantes da “nova classe trabalhadora” sabem a importância do capital escolar na sociedade atual e estão cientes do preço que terão

¹⁰ O capital escolar se origina da conversão do capital econômico em capital cultural (BOURDIEU, 1998). Conforme Bourdieu (1998) é o capital escolar que determina o valor da certificação escolar obtida pelo sujeito.

¹¹ Com a expressão “capital familiar”, o autor quer afirmar a importância da socialização primária na formação identitária dos membros de uma mesma família. É por meio dos processos de socialização familiares que esses “batalhadores” apreendem o mundo social em que vivem e adquirem o *habitus* que orienta suas ações e práticas. É na família que o “batalhador” aprende a ser honesto, a trabalhar pesadamente.

de pagar caso os filhos não dêem continuidade a carreira escolar até a conclusão da educação básica: terão de “trabalhar duro”, no sentido físico da expressão.

Kerstenetzky e Uchôa (2013), assim como Pochmann (2012) e Souza (2012), criticam o termo “nova classe média”, explicando que apenas a renda seria um aspecto insuficiente para classificar esse grupo, seria preciso adotar também critérios sociológicos. Além disso, na percepção das autoras, para ser “nova classe média” as pessoas pertencentes a esse grupo deveriam apresentar estabilidade financeira e terem acesso a bens simbólicos valorizados pela sociedade a fim de sustentarem a nova posição.

Nesse sentido, as referidas autoras realizaram uma pesquisa que teve como objetivo avaliar se a denominação proposta por Neri (2010) faria jus à realidade vivida pelas pessoas pertencentes à dita “nova classe média”. Para tanto, utilizaram a noção bourdieusiana de estilo de vida para analisar os dados da Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2008 e 2009 e focaram nas famílias que pelo critério de renda eram consideradas como sendo dessa classe.

Kerstenetzky e Uchôa (2013) selecionaram, então, cinco marcadores, que elas consideraram distintivos de uma classe média: posse de casa própria com padrões elevados de habitação¹², acesso ao crédito, chefe da família com ensino superior, utilização de planos de saúde privados e filhos matriculados em escolas privadas.

Os dados mostraram que no momento da pesquisa, 55% dos domicílios brasileiros estavam situados na faixa de renda da “nova classe média” proposta por Neri (2010). A maioria das famílias possuía casa própria, sem adensamento de moradores; no entanto, poucas casas possuíam dois banheiros (23,6%); apenas 35% das famílias tinham acesso ao cartão de crédito; e somente 7,8% dos chefes dos domicílios tinham ensino superior; 28,7% possuíam planos de saúde; e apenas 18% tinham os filhos matriculados em escolas privadas (KERSTENETZKY E UCHÔA, 2013).

Segundo as autoras, tais resultados revelaram que as famílias que viviam nos domicílios pesquisados não pertenciam à classe média: “[...] a maioria deles pode ser de fato considerada *pobre* sob qualquer critério que leve em consideração adequação dos níveis de bem-estar social” (KERSTENETZKY E UCHÔA, 2013, p. 28, grifo nosso). Desse modo Kerstenetzky e Uchôa (2013) confirmam a pertinência da crítica sociológica que se posiciona contra os critérios exclusivos da renda para determinar o surgimento de uma nova classe.

¹² Kerstenetzky e Uchôa (2013) consideraram como sendo padrões elevados de habitação a distribuição de no máximo dois moradores por dormitórios e pelo menos dois banheiros por domicílio.

As discussões realizadas por Costa (2013) seguem também essa perspectiva. Conforme a autora, somente a variável renda não explica a expansão da classe média; seria preciso considerar o nível de escolaridade dos membros das famílias, o aumento da poupança, a participação política, os gostos culturais, e um emprego mais qualificado capaz de oferecer estabilidade social.

Vicente (2013) concorda com Neri (2010) que o contingente populacional que ampliou a renda no Brasil, trata-se de uma nova classe social brasileira. No entanto, diverge do mesmo autor quanto à denominação “nova classe média”, a qual pode confundir e encobrir a compreensão da presença da desigualdade social no país, além de exaltar o consumo como possibilidade de ascensão social. A autora prefere, então, fazer uso do termo “segmento emergente” para se referir ao grupo que alargou a renda.

Para essa autora, corroborando as ideias de Pochmann (2012), Souza (2012), Kerstenetzky e Uchôa (2013) e Costa (2013), a ampliação da renda e do poder de consumo não podem ser vistos como únicos critérios responsáveis pela mobilidade social, sobretudo quando se refere a um grande número de pessoas e em um curto espaço de tempo. Dizer que o “segmento emergente” é uma “nova classe média” seria escamotear a realidade brasileira que conta com um grande número de trabalhadores manuais, não qualificados, excluídos e explorados. Basear essa denominação na questão da renda, somente, parece ser uma estratégia de mostrar que este é um país no qual a maior parte da população seria representada pela classe média.

Apesar de Neri (2011) afirmar que a utilização do termo “nova classe média”, não carrega outro sentido que não a posição intermediária ocupada por essa “classe” na pirâmide social, a maior parte das informações veiculadas pelas mídias televisivas, virtuais e impressas não trazem essa observação. O interlocutor, o internauta e o leitor podem interpretar o uso do termo “nova classe média” de forma não condizente com a realidade das pessoas que tiveram uma elevação da renda mensal.

Os dados apresentados por esse economista mostram uma melhoria dos rendimentos mensais de boa parte dos brasileiros e a ampliação do acesso a bens de consumo. Nesse sentido, não pode se negar que o crescimento do número de empregos formais no contexto brasileiro tenha sido um fator de suma importância para a diminuição da desigualdade social no país. Entretanto seria demasiado afirmar que a classe média brasileira se ampliou, visto que os novos empregos oferecidos, como demonstra Pochmann (2012), foram, em sua grande maioria, empregos de base que além de não oferecerem grandes rendimentos financeiros,

oferecem ainda menos oportunidades de o trabalhador se qualificar e retirar ganhos em termos simbólicos desse emprego.

Com base nos resultados obtidos pelos autores que tiveram seus trabalhos aqui apresentados, percebe-se que o grupo social em questão, ampliou sua renda e seu poder de consumo, no entanto, não modificou seu estilo de vida, que é uma condição essencial para a mobilidade social.

Outro fator que questiona a utilização do termo “nova classe média” é que os trabalhos de Neri (2010; 2011) mostraram uma evolução na economia brasileira ocorrida de forma muito acelerada, entre os anos de 2003 e 2011. Vicente (2013) afirmou que não se poderia considerar como sendo uma nova classe, um grupo que ampliou renda em tão curto espaço de tempo. Da mesma forma, Costa (2013) e Kerstenetzky e Uchôa (2013) ressaltaram que para uma “nova classe média” existir de fato, as pessoas que pertencessem a ela deveriam ter um emprego estável e qualificado, e usufruírem de práticas culturais, aspectos distintivos das classes médias. Somente dessa forma essas pessoas teriam uma posição social mais estável, o que não parece ser o caso dos brasileiros que ampliaram a renda, tendo em vista que grande parte teve o poder de consumo afetado pela atual conjuntura econômica brasileira, conforme tem sido noticiado quase diariamente pela imprensa.

O momento econômico atual no cenário brasileiro não tem sido favorável à maior parte da população. O aumento do desemprego e da inflação pode levar à dita “nova classe média” a perder a “posição” social ocupada e a capacidade de consumo. Nesse sentido, os critérios utilizados por Neri (2010) para sustentar a ideia do surgimento de uma “nova classe” estão sendo contestados pela própria realidade econômica brasileira.

Neri falou sobre a “nova classe média” em entrevista concedida ao jornal online O Globo, publicada no dia 10 de agosto de 2015. Ele afirmou que mesmo que não podendo quantificar com exatidão, sabe-se que a “nova classe média” foi afetada pelo cenário econômico e, conseqüentemente, diminuiu.

Segundo o economista, entre os anos de 2003 e 2013 o Produto Interno Bruto (PIB) se elevou a uma taxa de 30%, bem como a renda média dos brasileiros, que cresceu 58%. Atualmente o movimento, tanto do PIB, quanto da renda do brasileiro estariam sofrendo queda; o desemprego aumentou e os salários diminuíram. Neri, no entanto, assegurou que para o país voltar à situação que estava até o surgimento da “nova classe média”, teria que viver uma nova década de retrocesso.

As divergências entre os autores que estudaram o grupo que alargou renda entre os anos de 2003 a 2011 evidenciam a necessidade da realização de mais trabalhos que se

dediquem ao estudo das práticas e do estilo de vida desse grupo para melhor compreendê-lo e caracterizá-lo. Devido a falta de consenso entre os autores sobre a designação do grupo que teve a renda mensal ampliada, opta-se por referir-se a ele nesta pesquisa como sendo uma fração das camadas populares. Isso porque os autores, cujos trabalhos foram apresentados anteriormente, concordam que as pessoas que fazem parte desse grupo se originam das camadas populares.

Nesse sentido, é relevante destacar que embora as camadas populares possuam características comuns como, formas de lazer, linguagem e práticas de socialização, elas são marcadas também por uma ampla heterogeneidade interna (BOSC, 1993 *apud* VIANA, 1998, p. 5). Essa heterogeneidade seria fruto das frações distintas que compõem as camadas populares (NOGUEIRA, 1994). De maneira simplificada, pode-se dizer que são as diferenciações das ocupações, dos rendimentos, do nível de escolaridade e do estilo de vida dos sujeitos que dão origem a distintas frações de classe no interior de uma mesma camada social, portanto, não existiria um estilo de vida único que caracterizaria as camadas populares.

1.1 As famílias e a escolarização dos filhos

O modo como as famílias contemporâneas se relacionam com a escolarização dos filhos se alterou significativamente ao longo dos anos, devido tanto às transformações nos modos de vida familiar e nas próprias famílias, como ao valor da certificação escolar na sociedade atual. Dentre as transformações nas famílias, Singly (2007) destaca a elevação do número de arranjos monoparentais e recompostos, o fato de que a família se tornou mais autônoma e individualista na medida em que suas preocupações se limitam aos parentes mais próximos, a diminuição do número de filhos por casal, o que permitiu (ao mesmo tempo em que decorreu do interesse na), a dedicação de maior tempo e a concentração dos dispêndios financeiros dos pais em poucos filhos. O lugar da criança no interior da família também se modificou. Na família contemporânea, a criança é soberana, é fonte de amor, afeição, carinho e cuidado por parte dos pais (SINGLY, 2007).

Atrelado a essas transformações, destaca-se também, o aumento da participação da mulher no mercado de trabalho. No caso das famílias nucleares, o trabalho feminino significou, além do crescimento da independência da mulher, uma proteção no meio familiar em caso de desemprego masculino, a possibilidade de melhoria das condições objetivas de vida e a ampliação do poder de consumo (PASTORE e SILVA, 2000), tendo em vista que o homem passa a não ser o único provedor da subsistência do lar.

Nogueira (2006) referindo-se às modificações no modelo contemporâneo ocidental de família nos países industrializados destaca a diminuição do número de casamentos, o aumento do número de uniões livres, a elevação da idade de casamento, o crescimento do número de outros arranjos familiares monoparentais, recompostos e monossexuais e a diminuição do número de filhos. De acordo com essa autora, a redução da prole se constituiria em uma das estratégias utilizadas pelos pais, visando assegurar uma escolarização longa da prole, uma vez que, essa diminuição do número de filhos aumentaria a possibilidade de os investimentos na escolaridade e na formação de cada um serem mais intensos.

O fator que contribuiu efetivamente para que as atitudes dos pais, no que concerne a escolarização dos filhos, se modificassem diz respeito à ampliação da importância do capital escolar na sociedade atual. O mercado de trabalho passou a exigir, cada vez mais, pessoal qualificado e é a instituição escolar que propicia a certificação escolar necessária para o ingresso no mercado de trabalho. Para Singly (2007), o capital mais valorizado na sociedade contemporânea é o capital escolar e, por esse motivo, as famílias de todas as classes sociais se preocupam com a escolarização dos filhos. Para esse autor “[...] o valor de uma família, e do grupo social ao qual ela pertence, é definido pelo montante de capital escolar que detém o conjunto de seus membros” (op. cit., p. 50). Conforme Singly (2007), a criança pode ser simultaneamente, objeto de afeição e de ambição, ou seja, as crianças são estimadas pela família, mas também delas é esperado um bom rendimento escolar, por meio do qual se poderá alcançar posições escolares e profissionais de prestígio. Isto leva as famílias, sobretudo as que pertencem às camadas médias, a lançarem mão de estratégias escolares cada vez mais eficientes, com o objetivo de propiciar aos filhos uma educação de qualidade, para que esses, no futuro, possam ascender socialmente ou, no mínimo, manter a posição social atual da família. De acordo com Nogueira (2006, p. 161) os pais “mobilizam um conjunto de estratégias visando elevar ao máximo a competitividade e as chances de sucesso do filho, sobretudo face ao sistema escolar [...]”.

Os investimentos escolares realizados pelas famílias dependem das condições objetivas e simbólicas que vivenciam, isto é, as estratégias escolares são influenciadas pelo nível educacional dos pais, pela profissão dos mesmos, experiências de vida a que foram submetidos e as condições econômicas do grupo familiar (DIOGO, 2006). Além disso, a intensidade do investimento da família na educação dos filhos depende dos rendimentos que esses estão tendo na escola, portanto, quanto melhor desempenho escolar o filho, mais os pais tendem a investir em sua escolarização, pois conseguem perceber o retorno de tais investimentos. Os investimentos podem ser tanto de ordem econômica, como, por exemplo, a

matrícula em estabelecimento de ensino privados, como simbólica, como, o acompanhamento dos trabalhos escolares (SINGLY, 2007).

A escola se constitui, portanto, como uma instituição central no cotidiano das famílias, tendo em vista que essas se organizam em torno da escolarização dos filhos. E entre seus membros a figura materna, conforme Diogo (2006) é a que se mostra como presença mais constante na vida escolar dos filhos. Assim, mesmo que as mães trabalhem fora do ambiente doméstico e possuam um baixo nível de escolaridade, são elas que, de modo geral, mais se empenham na escolarização dos filhos.

Cabe destacar, no entanto, que apesar do consenso atual de que o envolvimento dos pais na escolarização dos filhos é um fator de suma importância para que eles obtenham sucesso escolar e sobre a importância da certificação escolar, comum às famílias dos diferentes meios sociais, tem sido disseminada a ideia de que os pais, sobretudo os que pertencem às camadas populares, não têm se envolvido suficientemente na escolarização da prole (DIOGO, 2012), o chamado “mito da omissão parental” (LAHIRE, 2004). De fato é preciso reconhecer que nem todas as famílias podem investir da mesma forma na escolarização da prole, pois as famílias de diferentes meios sociais estão desigualmente munidas de capital cultural e econômico. No entanto, conforme Diogo (2006) e Paixão (2005), pesquisas realizadas no campo da Sociologia da Educação vêm mostrando que mesmo as famílias com limitados recursos econômicos e fraco capital cultural e escolar empreendem práticas educativas e socializadoras em favor da escolarização dos filhos.

1.2 As práticas educativas familiares

Estudos realizados no campo da Sociologia da Educação vêm indicando que a pertença social produz seus efeitos nas práticas familiares de escolarização dos filhos, ou seja, as ações parentais, nesse sentido, estariam fortemente relacionadas à posição da família na estrutura social. Assim, as famílias com maior volume de capital cultural e econômico estariam mais aptas a empreenderem práticas favorecedoras da educação dos filhos, enquanto as menos dotadas desses capitais teriam participação menos efetiva na vida escolar da prole.

A pesquisa de Laureau (2007), um exemplo desses estudos, mostrou que as famílias pertencentes às classes trabalhadoras possuem maneiras distintas das famílias das classes médias de lidar com a criação dos filhos. Conforme a autora, as práticas daquelas famílias seriam realizadas com intuito de obter para a prole um “crescimento natural” (LAREAU, 2007, p. 17). Os pais das classes trabalhadoras tenderiam a considerar que a oferta de um ambiente de afeto, carinho e cuidados básicos aos filhos, os levaria ao amadurecimento e à

conquista de um futuro próspero. Essas famílias dariam mais liberdade à prole, regulando menos as atividades realizadas pelos filhos, se preocupando mais com as questões básicas ligadas à sobrevivência familiar do que com o desenvolvimento da autonomia dos filhos. Ao passo que as classes médias empregariam práticas que a autora chamou de “cultivo orquestrado” (LAREAU, 2007, p. 17). Assim, a vida cotidiana das famílias das classes médias, giraria em torno de atividades voltadas para o sucesso escolar da prole. Os pais organizariam a vida diária dos filhos, por exemplo, matriculando-os em diversas atividades extraclasses e empreenderiam práticas no sentido de desenvolver seus talentos.

As práticas educativas são atos das famílias com o objetivo de promover o bom rendimento escolar da prole e o prosseguimento da carreira escolar até a educação superior. Alguns exemplos dessas práticas são: o acompanhamento do desempenho escolar dos filhos, o investimento em atividades extraclasse, o auxílio na preparação para as avaliações, a presença dos pais na escola, o apoio para a realização do dever de casa e a escolha do estabelecimento de ensino. Essas práticas se diferem em função da pertença social das famílias e da posse de capitais, ou seja, a posição social das famílias, o volume de capital cultural e os modos de socialização familiares afetam os atos parentais em favor da escolarização dos filhos tanto no que se refere ao tipo de práticas, como na sua intensidade.

As práticas educativas empreendidas pelas famílias de camadas populares, por exemplo, dependem do desempenho escolar dos filhos e variam no decorrer de suas trajetórias escolares, tornando-se menos efetivas nos anos finais do percurso escolar, isso porque os filhos estariam mais autônomos e aptos a cuidarem da própria escolarização, ou pelo fato de serem muito estudiosos e competentes, o que não exigiria grande participação parental no acompanhamento escolar (NOGUEIRA *et al.*, 2015).

O acompanhamento do dever de casa pelas famílias é uma prática muito valorizada pelas escolas. Segundo Resende (2013) esse acompanhamento é uma das formas mais importantes de interação entre as famílias e a escola. Conforme essa autora, as famílias que acompanham os deveres de casa dos filhos realizam uma avaliação da escola por meio dos mesmos, podendo, inclusive fazer comparações entre diferentes instituições. Da mesma forma os professores, também por meio do dever de casa, avaliam o quanto as famílias estão envolvidas na escolarização dos filhos e estabelecem julgamentos. Por esse motivo, o dever de casa pode gerar uma tensão entre essas duas instâncias socializadoras, uma vez que funciona como uma “janela” por meio da qual as famílias podem observar e julgar o trabalho realizado pela escola e, de igual modo, a escola pode “espiar” as ações familiares (RESENDE, 2013). Outro motivo causador de tensão entre as famílias e a escola envolvendo o dever de

casa resulta do fato de que as condições de realização desses não são as mesmas para todas as famílias. Na verdade tais condições podem ser bastante desiguais a depender do capital escolar e cultural dos pais, do tempo disponível que esses possuem para auxiliar os filhos e das condições do ambiente doméstico, que podem ser mais ou menos favoráveis para realização das tarefas escolares como, por exemplo, a falta de mobília ou materiais adequados, tais como, livros, computador e acesso à internet (RESENDE, 2013).

Carvalho (2004) também discute as interações entre a família e a escola por meio do dever de casa, destacando que o dever de casa atua também nos aspectos morais, fazendo com que os discentes tenham maior autonomia e responsabilidade, já que contribui para a criação de hábitos de estudo. Por outro lado, o dever de casa pode se constituir como forma de extensão da autoridade escolar sobre as famílias, já que essas precisam se organizar no sentido de auxiliar os filhos nessa tarefa. Desse modo, o dever de casa pode se transformar, para algumas famílias, a depender de suas condições econômicas e culturais, em um fardo, em uma imposição (CARVALHO, 2004).

Assim como Resende (2013), Carvalho (2004) acredita que as famílias possuem distintas condições de auxiliar os filhos com os deveres de casa. No entanto, a autora aponta que apesar dessa diferença, as pesquisas têm mostrado que os pais, em geral, independentemente da pertença social reconhecem o valor dessa atividade. Carvalho (2004) ressalta que o acompanhamento do dever de casa dos filhos é realizado, sobretudo, pelas mães e que são necessárias três condições para que os pais consigam acompanhar o dever de casa da prole: disponibilidade de tempo, conhecimento dos conteúdos escolares e gosto por auxiliar os filhos. Tais condições, por si só, indicam que as possibilidades das famílias de apoiar os filhos na realização do dever de casa diferem em função da pertença social das mesmas.

1.2.1 A escolha do estabelecimento de ensino

A pesquisa sobre as relações entre as famílias e as escolas é um dos principais eixos de estudos da Sociologia da Educação. Nos anos de 1960, as pesquisas focaram-se na transmissão da herança cultural, como modo de reprodução social, mas a partir dos anos de 1980, a atenção voltou-se para as escolhas as famílias dos estabelecimentos de ensino onde seus filhos seriam matriculados (POUPEAU, 2011).

Para apresentar como o fenômeno da escolha do estabelecimento de ensino tem sido tratado no campo da Sociologia da Educação parece pertinente iniciar com o trabalho de Nogueira (1998), aqui considerado como um trabalho seminal de sistematização da produção

sociológica sobre a escolha da escola. Essa autora apresenta, no trabalho mencionado, as discussões realizadas por pesquisadores europeus, mais especificamente estudos realizados na Inglaterra e na França, sobre o fenômeno emergente da escolha da escola.

De acordo com Nogueira (1998), os autores Ball, Gewirtz e Bowe (1994, 1995), a partir dos discursos dos pais ingleses pesquisados sobre a escolha do estabelecimento de ensino, construíram tipos-ideais de pais, os quais se relacionam à pertença social das famílias. Assim o grupo dos “privileged/skilled choosers” (NOGUEIRA, 1998, p. 44) é formado por pais de camadas médias que ocupam funções liberais, são funcionários públicos e desempenham ocupações científicas, os quais são propensos à escolha. Esses pais têm os recursos culturais, sociais e econômicos para compreender as hierarquias entre os estabelecimentos de ensino e tendem a se dirigir para os estabelecimentos mais prestigiosos. Para esses pais tanto os resultados acadêmicos dos estabelecimentos, como o clima dos mesmos e a capacidade que eles têm de desenvolver múltiplas habilidades dos estudantes são importantes critérios de escolha (NOGUEIRA, 1998). O segundo tipo-ideal apresentado por Ball, Gewirtz e Bowe (1994, 1995), de acordo com Nogueira (1998) são os “semi-skilled choosers” (op. cit., p. 45). Os pais que integram esse grupo são comerciantes, motoristas, donas de casa e têm forte inclinação para a escolha do estabelecimento de ensino, mas são desprovidos de uma capacidade eficiente de escolha, porque não conhecem tão bem o funcionamento do sistema de ensino, a ponto de perceber com clareza, por exemplo, as posições que os estabelecimentos ocupam na hierarquia local (NOGUEIRA, 1998). O terceiro tipo-ideal é constituído pelos pais “disconnected choosers”, pertencentes às classes operárias, com baixa escolaridade. As escolhas desse grupo não são regidas pelo desempenho dos estabelecimentos de ensino, mas por uma lógica prática, ou seja, os critérios de escolha são, por exemplo, a distância entre a escola e a residência, as facilidades de locomoção e transporte e a segurança (NOGUEIRA, 1998). De acordo com Nogueira (1998), os autores Ball, Gewirtz e Bowe (1994, 1995) concluem em seus estudos que “uma cultura da escolha por parte dos pais” tinha se instaurado (op. cit., p. 54).

Do contexto francês, Nogueira (1998) abordou a produção de Ballion (1982), Langouet e Leger (1991) e Héran (1996). A pesquisa realizada por Ballion (1982)¹³, conforme Nogueira (1998), indicou que a atitude das famílias no que tange à escolha do estabelecimento de ensino mudou radicalmente ao longo do tempo e os pais passaram a assumir uma atitude racional de “consumidores de escola” (NOGUEIRA, 1998, p. 51), isto é, os bens da educação

¹³ O livro *Les Consommateurs d'école*, de Robert Ballion, publicado em 1982, é o “primeiro de uma série de pesquisas referentes às escolhas educativas das famílias” (POUPEAU, 2011, p. 398).

são considerados por esse autor como bens de consumo comuns, daí a importância da escolha do estabelecimento de ensino (POUPEAU, 2011). De acordo com Poupeau (op. cit., p.398) “o setor privado desempenha então um papel regulador, na medida em que oferece ‘produtos educativos’ diversificados, correspondendo às demandas que o setor público não pode atender”. Conforme Nogueira (1998), para Ballion isso ocorreu em razão da complexificação do sistema escolar, do desaparecimento do consenso em torno de um único modelo de educação que seria o mais adequado e do surgimento de diversos serviços educacionais ofertados pela rede particular de ensino. Nesse contexto de consumidores de escola, as razões que levam as famílias a escolher esta ou aquela escola, decorrem de dois tipos de condutas as avaliatórias e as funcionais ou motivações domésticas. As condutas avaliatórias são aquelas que decorrem da imagem que pais e estudantes constroem dos estabelecimentos em função suas características educativas e sua reputação, o que prescinde de um dinamismo na busca de informações que é próprio das camadas médias. Nas condutas funcionais o que move as escolhas são critérios relacionados à conveniência prática, como proximidade geográfica, facilidade de transporte, valor cobrado das mensalidades, outros irmãos ou amigos matriculados no mesmo estabelecimento (NOGUEIRA, 1998).

O trabalho de Héran (1996) *apud* Nogueira (1998) destaca que os pais têm três opções na escolha do estabelecimento de ensino a escola particular, a escola pública escolhida e a escola pública aceita. Segundo Nogueira (1998, p. 48), “o autor [Héran] classifica tanto a estratégia de optar pela escola privada (não submetida à setorização) quanto a de recusar o estabelecimento público designado como ‘escolhas ativas’, em contraposição à ‘escolha passiva’ daqueles que aceitam, a designação administrativa”. Para Héran (1996), conforme Nogueira (1998), as escolhas ativas eram realizadas sobretudo por pais de meios sociais favorecidos, que dispunham de recursos culturais e econômicos e informações sobre o funcionamento dos sistema de ensino, enquanto as famílias desfavorecidas pouco escolhem e, de modo geral, aceitam o estabelecimento designado, portanto casos de escolhas passivas.

Outro estudo analisado por Nogueira (1998), também realizado na França, foi o dos sociólogos Langouet e Leger (1991). Esses autores, conforme Nogueira (1998) destacaram três tipos de estratégias utilizadas pelos pais na escolha do estabelecimento de ensino: as estratégias de distinção, as estratégias preventivas e as estratégias de evitamento. As estratégias de distinção são próprias “das elites sociais e consiste em assegurar, aos filhos, a frequência a estabelecimentos altamente seletivos e prestigiosos” (NGUEIRA, 1998, p. 50). As estratégias preventivas são condutas de antecipação em relação aos problemas que podem surgir ao longo do percurso escolar, como, por exemplo, transferir o filho de um

estabelecimento mais exigente para outro mais tolerante para evitar uma situação de reprovação. As estratégias de evitamento, conforme Langouet e Leger (1991) *apud* Nogueira (1998) consistem em evitar estabelecimentos de ensino localizados em bairros populares, cujo alunado é constituído por estudantes de nível socioeconômico baixo. Nogueira (1998, p. 54) apresenta nas considerações finais de seu trabalho que os autores estudados têm em comum que “um novo tipo de relação está se instaurando entre as famílias e a instituição escolar”, marcado pelas condutas familiares de escolha da escola. A autora (op. cit.) destaca ainda que da mesma forma que em outros investimentos educacionais são as famílias pertencentes às classes médias e superiores que obtêm o máximo de rentabilidade, também em termo de escolha do estabelecimento de ensino são as famílias com essa pertença social que obtêm as maiores vantagens e os resultados mais proveitosos para os seus propósitos de reprodução e mobilidade ascensional. As famílias de camadas populares, de modo geral, são levadas “a se definir pelos estabelecimentos indesejados pelas outras categorias sociais” (NOGUEIRA, 1998, P. 54).

Poupeau (2011, p. 401) corrobora com os argumentos apresentados por Nogueira (1998) com relação à diferença entre as famílias quanto aos seus objetivos educacionais e à escolha do estabelecimento de ensino. Para esse autor as ações parentais:

“[...] se revelam fortemente ligadas aos objetivos educativos das famílias e aos valores que as animam [...] uma lógica individualista de dominante instrumental das classes médias ou altas incita assim a privilegiar os resultados escolares e a escolher ambientes escolares pouco misturados socialmente, mesmo que a missão de integração atribuída à escola não seja completamente esquecida”.

Conforme seus objetivos, as famílias podem empreender as estratégias de evitamento escolar, as quais “tem efeitos locais importantes, pois afeta a composição social dos estabelecimentos” (POUPEAU, 2011, p. 400). Segundo esse autor, “O medo do fracasso, que estimula os bem-sucedidos a partir gera, pois, a elevação da taxa de fracasso entre os que ficam, o que legitima assim as estratégias de evitamento, aliás também legitimadas pela fuga dos docentes” (POUPEAU, 2011, p. 399). Essa dinâmica também acirra a concorrência entre os alunos por escolas reputadas e eleva as desigualdades escolares (POUPEAU, 2011).

Em *L'école de la périphérie*, Van Zanten (2001) destaca que certos pais de camadas mais favorecidas que avaliam os estabelecimentos de ensino situados nos bairros em que residem de forma negativa procuram evitar esses estabelecimentos na medida em que veem com desconfiança a qualidade do ensino ofertado por essas escolas. Esses pais tenderiam a acreditar que as escolas situadas em bairros heterogêneos do ponto de vista social, por serem

frequentadas predominantemente por crianças das camadas populares, teriam baixo nível de qualidade da educação. Eles consideram que tanto os professores desses estabelecimentos de ensino adaptam suas exigências escolares ao nível das turmas, como que, nessas escolas, o comportamento dos alunos e a indisciplina seriam recorrentes e atrapalhariam o desenvolvimento da aprendizagem. Assim, buscando propiciar uma educação de qualidade, alguns pais matriculam seus filhos em colégios privados, os quais seriam, na concepção deles, mais seletivos do ponto de vista social e mais exigentes no que concerne à disciplina e ao comportamento dos estudantes, evitando as escolas públicas de bairro. Dessa forma, para essa autora (op. cit.), esses pais praticam o evitamento escolar e não propriamente a escolha do estabelecimento de ensino (VAN ZANTEN, 2007). Já em relação às famílias dos meios populares, essa autora afirma que por não possuírem informações suficientes acerca do funcionamento do sistema de ensino e por temerem burlar a legislação da setorização escolar que vigora na França, aceitam a escola que lhes é designada.

No Brasil, vários trabalhos têm se dedicado ao estudo da escolha do estabelecimento de ensino, como, por exemplo, os trabalhos de Alves *et al.* (2010), Resende *et al.*, (2011) e Nogueira *et al.* (2015).

Para Alves *et al.* (2010), o volume e a estrutura dos diferentes tipos de capitais, econômico, cultural e social das famílias interferem no processo de escolha da escola. Nos grupos familiares em que os pais possuem escolaridade de nível superior ou médio e com maior volume de capital econômico, haveria melhores condições para a efetivação da escolha por escolas com diferencial de qualidade para os filhos, em comparação com famílias em que os pais são menos escolarizados e provenientes das camadas populares. Segundo esses autores (op. cit), uma opção possível para os pais que desejam uma educação de qualidade para os filhos e pressupõem que a escola privada ofereça maior qualidade de ensino, seriam as escolas privadas de menor prestígio, as quais geralmente cobram mensalidades menos caras ou oferecerem bolsas de estudos, o que atrai alunos de frações das camadas populares, cujo perfil social seria semelhante ao de discentes da rede pública de ensino.

Haveria ainda outras características que influiriam no ato parental da escolha do estabelecimento de ensino para os filhos, tais como o contexto de moradia, isto é, quanto maior for desenvolvimento social do local de moradia, maiores as chances de a família realizar a escolha de uma boa escola para os filhos (ALVES *et al.*, 2010).

De acordo com Resende *et al.*,(2011), também influi na escolha do estabelecimento de ensino a profissão exercida pelos pais, a religião, o estilo de vida e as experiências de âmbito pessoal ou profissional. Também para esses autores, as famílias mais favorecidas e

escolarizadas, tenderiam a considerar critérios ligados à qualidade do ensino ofertado e a filosofia pedagógica do estabelecimento no ato da escolha da escola, ao passo que as famílias com baixo nível de escolaridade e provenientes de camadas menos favorecidas da sociedade, tenderiam a privilegiar os critérios práticos de escolha como, por exemplo, proximidade entre o local de moradia e a escola e a presença de outros filhos na instituição.

As distintas condições para efetuação da escolha do estabelecimento de ensino pelas famílias dependem também, conforme Resende *et al.* (2011) da rede de amizades que elas mantêm, isto é, o capital social, o qual figura-se como condição importante para que tenham acesso a informações sobre o funcionamento do sistema de ensino e a respeito das características das escolas do contexto educacional local. Essas informações chegam e são apreendidas de maneiras desiguais por famílias de diferentes meios sociais e podem advir principalmente de amigos ou parentes que atuem ou tenham filhos matriculados no estabelecimento de ensino.

Em pesquisa recente, Nogueira *et al.* (2015), observaram que as famílias por eles investigadas pertencentes às camadas populares, além de critérios práticos, consideraram também critérios pedagógicos na escolha do estabelecimento de ensino. No entanto, essas famílias não puderam incluir no seu repertório de escolhas as escolas públicas mais concorridas e as escolas privadas de grande prestígio, pois não possuíam os volumes de capital econômico e cultural necessários para efetivar e sustentar tais escolhas. Para Nogueira *et al.* (2015, p. 769): “a escolha da escola pode ser um processo com certa autonomia em relação às outras dimensões do acompanhamento da escolaridade dos filhos”, uma vez que os dados de pesquisa indicaram que os pais se dedicavam mais ao processo de escolha dos estabelecimentos de ensino da prole do que a outras práticas educativas.

Em pesquisa realizada nos Estados Unidos Bell (2005) observou que os pais tendiam a escolher as mesmas escolas frequentadas por seus outros filhos. Os dados obtidos pela autora mostraram que a maioria dos pais que não realizou uma pesquisa por estabelecimentos de ensino, a fim de escolher a escola para matricular os filhos, não o fez não porque não possuíam interesse pela escolarização da prole, mas porque estavam satisfeitos com o estabelecimento de ensino frequentado pelos filhos mais velhos, por isso desejavam matricular os caçulas na mesma instituição de ensino frequentada pelos primogênitos, onde esses pais já haviam estabelecidos sentimentos de confiança. Portanto, manter os filhos na mesma escola frequentada pelos irmãos, ainda que fosse possível transferi-los, não era um ato fruto da indiferença em relação à escolarização dos filhos. Em sua pesquisa a autora constatou que os pais entrevistados atribuíam grande importância às informações advindas de suas redes

de amigos, sobretudo as que vinham de outros pais de alunos. Assim, 92% dos pais das camadas populares e 94% dos pais das camadas médias reuniam informações por meio das redes sociais sobre as escolas em que havia a possibilidade de matricularem seus filhos. Bell (2005) observou também que o repertório de escolas consideradas pelos pais de distintas classes sociais obtidas por meio das redes sociais foi desigual na medida em que se considera a pertença social dessas famílias. Dessa maneira, quando se observa a importância das redes sociais no momento da escolha da escola, bem como a desigualdade do acesso à informação por famílias de diferentes meios sociais, percebe-se mais uma vez o quanto o ato da escolha da escola pode resultar em desigualdades escolares.

1.2.2 A escolha dos estabelecimentos de ensino privados por famílias de camadas populares

No Brasil é disseminada a ideia de que os estabelecimentos de ensino privados de educação básica são superiores em termos de qualidade quando comparados às escolas da rede pública que ofertam esse mesmo nível de ensino. A “Pesquisa Nacional de Qualidade na Educação: a escola pública na opinião dos pais”¹⁴, por exemplo, indicou que os pais consideram que as instituições da rede privada de nível fundamental e médio oferecem um ensino de melhor qualidade se comparadas aos estabelecimentos de ensino públicos (PINTO *et al.*, 2006).

Associada a essa ideia de qualidade do ensino ofertado, observa-se a expansão do número de escolas privadas de educação básica no Brasil nos últimos anos, o que tem sido considerado por alguns autores (Andrade, 2012, 2015; Nogueira, 2013; Medeiros e Januário, 2014) como um acontecimento de suma importância no contexto da educação brasileira.

Para Medeiros e Januário (2014) o aumento do número matrículas em estabelecimentos da rede privada de ensino estaria ligado à elevação da renda de frações das camadas populares brasileiras que ocorreu na primeira década do século XXI. Assim, algumas famílias dessa camada social, mais providas de recursos econômicos, estariam propensas a investirem na escolarização dos filhos, matriculando-os em colégios privados. Conforme esses autores a expansão do número de colégios privados de educação básica começou a ser verificada no Brasil a partir de 2007 quando as famílias brasileiras estavam ampliando seu poder de consumo. Nessa época, o número de matrículas em escolas privadas cresceu de maneira antes nunca vista no contexto brasileiro, sobretudo no ensino fundamental. Os autores observam que essa expansão não ocorreu apenas nos bairros de alto padrão social,

¹⁴ Pesquisa realizada pela Fundação Cesgranrio para a Diretoria de Avaliação da Educação Básica DAEV/INEP/MEC, em 2005.

onde estaria a demanda potencial para as instituições privadas. Andrade (2012), Nogueira (2013) e Medeiros e Januário (2014) salientam que nas grandes metrópoles brasileiras, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e São Paulo, o fenômeno do crescimento do número de colégios privados alcançou também a periferia dessas cidades.

Nogueira (2013), referindo-se à cidade Belo Horizonte, destaca que um novo:

[...] grupo consumidor vem propiciando, atualmente, um processo gradual de expansão quantitativa, em bairros populares, de estabelecimento de ensino privados dirigidos a esse público, com características de baixo custo e, em parte, com um viés religioso ligado ao fenômeno da disseminação das religiões pentecostais e neopentecostais nesse meio social (NOGUEIRA, 2013, p.128).

Em Belo Horizonte, onde Nogueira (2013) realizou uma pesquisa com o objetivo de analisar o modo como as famílias da “nova classe média” faziam uso do mercado escolar privado, a autora constatou que o consumo escolar por parte desses pais da “nova classe média” era recente e instável. Recente porque os filhos foram a primeira geração a ter acesso ao ensino privado, já que os progenitores frequentaram estabelecimentos públicos. Instável tanto pelo fato de as famílias da “nova classe média” poderem a qualquer momento ter problemas financeiros e precisarem transferir o filho para a escola pública, estando sempre por esse motivo “no fio da navalha” (NOGUEIRA, 2013, p. 109), como em função do rendimento escolar da prole, que justificasse ou não os investimentos educacionais. Segundo Nogueira (2013), para esses pais o investimento no filho que não apresenta bons rendimentos é arriscado, já que “pode significar sacrifícios feitos em prol de um futuro incerto e remoto” (op. cit., p. 117).

De acordo com Nogueira (2013), as instituições privadas frequentadas pelos filhos das famílias pesquisadas eram de baixo prestígio se comparadas aos colégios de maior reputação dessa cidade, ou seja, os critérios de seleção dos estabelecimentos escolares se baseavam menos na questão da qualidade do ensino, da filosofia da instituição e da posição nos *rankings* de estabelecimentos de ensino. Pesou mais na escolha desses estabelecimentos de ensino o preço da mensalidade, o transporte, a localização e a segurança.

A falta de estabelecimentos dessa rede de ensino próximos aos locais de residência das famílias, segundo a autora, era um elemento que ameaçava a permanência dos filhos dessa “nova classe média” em instituições privadas, ou seja, era outro fator de instabilidade, visto que o ingresso em escolas distantes da moradia gerariam gastos adicionais com o transporte e a depender da localização do estabelecimento, como, por exemplo, a área central da cidade e bairros com alto padrão de desenvolvimento social, o mesmo poderia ter o valor da

mensalidade mais elevado em comparação a colégios de bairros em que residiriam, predominantemente, as famílias da “nova classe média”.

De acordo com Nogueira (2013) a preocupação com a qualidade do ensino ofertado por estabelecimentos de ensino privados não foi a razão primordial, embora importante, para que os pais investissem em colégios dessa rede de ensino. Para essa autora, outros fatores como, por exemplo, a desvalorização da escola pública, que teria como maior problema a insegurança dos alunos, em alguns casos com problemas gerados por violência e uso de drogas, isto é, um ambiente propício ao desenvolvimento da delinquência juvenil, motivaram as famílias da “nova classe média” a procurarem estabelecimentos privados. Outro aspecto negativo das escolas públicas mencionado pelos pais foi a indisciplina, a qual atrapalharia a concentração necessária à aprendizagem e o rendimento escolar de sua prole.

Para Nogueira (2013) a “nova classe média”, vem fazendo uso do mercado escolar privado ao custo de pesados esforços para inserir e manter seus filhos nesse tipo de estabelecimento. Essas famílias além da visão negativa da escola pública, quanto à segurança dos filhos, têm desconfiança em relação à qualidade do ensino ofertado, inclusive em razão das constantes greves de professores, que atrapalhariam o processo de aprendizagem dos filhos. Essa autora destaca que essa atitude pode ser classificada como individualista, já que os pais não pensam no bem da sociedade, ou em melhorar o ensino público, mas no próprio benefício da família.

Andrade (2012, 2015), em pesquisa realizada na cidade do Rio de Janeiro em duas escolas, uma pública e outra privada, essa última pertencente a uma rede de colégios privados que atendiam os filhos das camadas populares e da “nova classe média”, a qual teve como objetivo compreender como as famílias escolheram esses estabelecimentos, considerados pela comunidade em que se localizavam como sendo de qualidade¹⁵, também destacou que a frequência às escolas privadas pelas camadas populares tem aumentado significativamente nos últimos anos. Para essa autora, o público dessas escolas não se diferencia muito do alunado que está matriculado nas escolas públicas. Dentre os fatores que explicariam a escolha de estabelecimentos privados por tais famílias encontram-se: a visão negativa da escola pública, a expansão do setor privado e o aumento de renda das famílias de camadas populares.

Andrade (2012) observou também que na escolha de determinado colégio privado os pais das camadas populares e da “nova classe média” consideraram primeiramente a

¹⁵ Andrade (2012, 2015) ressalta que esses pais consideravam que a qualidade do ensino era sinônimo de bons resultados escolares dos filhos, o que era almejado por eles acima de tudo.

qualidade do ensino ofertado, o rigor e exigência da escola tanto na dedicação aos estudos por parte dos alunos e na transmissão dos conteúdos escolares, como nas avaliações e no comportamento do aluno em sala de aula e a seguir, o custo da mensalidade. Essa autora constatou em sua pesquisa que embora a qualidade de ensino não tenha sido o único motivo que fez com que os pais buscassem estabelecimentos de ensino privados para a prole, pois além dos elementos já elencados, as famílias também mencionaram a questão da segurança, essa qualidade do ensino teve especial relevância, o que difere os resultados dessa pesquisa daqueles encontrados por Nogueira (2013). Assim, para Andrade (2012), o segmento de famílias que ampliou a renda mensal nos últimos anos está fazendo uma escolha cuidadosa. Essa autora considera que as pessoas que integram o segmento denominado “nova classe média” ou as famílias de camadas populares que alargaram a renda na época da pesquisa estariam empreendendo estratégias similares às das camadas médias, dentro de seus limites orçamentários.

Os dados obtidos por essa autora mostraram ainda que embora tanto as famílias que matricularam os filhos em escolas públicas, como em colégios privados apresentassem motivos comuns para escolha da escola para os filhos, aquelas famílias que optaram pelo estabelecimento privado possuíam vantagens econômicas e maior posse de bens em relação às famílias que tinham filhos matriculados em escolas públicas. A maioria das famílias que tinham filhos matriculados no estabelecimento privado de ensino não expressou nas entrevistas sacrifícios decorrentes do gasto com a educação dos filhos, o que indica, conforme a autora, que havia um planejamento financeiro por parte dos pais que decidiram matricular os filhos em colégios privados na cidade do Rio de Janeiro.

Quanto ao processo de escolarização dos próprios pais pesquisados por Andrade (2012), ela informa que, em geral, eles estudaram em escolas públicas ou tiveram bolsas de estudo em colégios privados, mas não concluíram percursos escolares longos, ou seja, não concluíram a educação superior. Na visão da autora esses pais alcançaram alguma mobilidade social por meio do trabalho e entendem a importância do capital escolar para ascender socialmente, por isso investem fortemente na educação dos filhos.

De acordo com Andrade (2015, p. 3) as famílias pesquisadas realizaram três diferentes tipos de escolha do estabelecimento de ensino:

[...] escolhas de ordem pragmática (proximidade, estrutura física da escola e custo das mensalidades), escolhas voltadas para melhoria de vida e ascensão social (qualidade e prestígio da escola, longevidade escolar e qualificação pra o trabalho) e escolhas voltadas para a transmissão de valores morais e éticos (respeito ao próximo, submissão às regras, e cordialidade).

Segundo Andrade (2012, 2015), a maior parte dos pais da pesquisa que matriculou os filhos no colégio privado, para efetivar suas escolhas seguia recomendações de amigos ou já possuía parentes que frequentavam o mesmo estabelecimento de ensino. Percebe-se aí, conforme a autora, a importância para esses pais das informações das redes sociais no ato da escolha.

As escolhas de ordem pragmática, na maioria das vezes estavam atreladas à condição social da família. Dessa forma, muitas famílias não escolheram a escola que realmente desejavam, mas aquela que era possível com base em suas condições financeiras. Portanto, o custo da mensalidade foi um fator importante para que os pais escolhessem a escola dos filhos e limitou a consideração de outros critérios de escolha. Assim, embora os pais considerassem que outros aspectos, como, por exemplo, a qualidade de ensino ofertada, seria o mais importante para se escolher a escola dos filhos, o valor da mensalidade revelou-se como sendo fator essencial para sustentar a escolha, o que limitou o repertório de escolas consideradas para matricular a prole. Andrade (2012, 2015) destaca ainda que as escolas estudadas por ela, tanto a pública, como a privada, por gozarem de certo prestígio na comunidade em que se localizavam, levavam os pais a pensarem que os filhos estariam recebendo um ensino de qualidade e estariam livres de “más companhias”.

1.3 As práticas socializadoras familiares e o processo de escolarização em camadas populares

As famílias pertencentes às camadas populares embora em alguns casos não possam empreender práticas educativas favorecedoras dos percursos escolares, como, por exemplo, a escolha do estabelecimento de ensino, atuam por meio de um “tipo específico de presença” (VIANA, 2005) ou práticas socializadoras que favorecem a construção dos percursos escolares em camadas populares (VIANA, 2005; THIN, 2011). Assim para compreender as ações familiares que exercem influência na escolarização dos filhos, deve-se estudar não só as práticas educativas empreendidas pelas famílias, isto é, ações que são intencionalmente realizadas em prol do sucesso escolar da prole, mas também deve-se considerar as práticas de socialização familiares, as quais também influenciariam na escolarização dos filhos.

Segundo Berger e Berger (1977), a socialização é o processo que impõe os padrões sociais à conduta individual das pessoas. Esses padrões são relativos e variam de acordo com as características individuais dos adultos que convivem com a criança e com o meio social em que essa está inserida. As maneiras de ser e agir das crianças são, então, desenvolvidas de

acordo com suas vivências, e seriam fruto da posição social que suas famílias ocupam e das pessoas com quem interagem.

No processo de socialização, a criança passa a ter contato com o mundo social, o qual é apresentado a ela em um primeiro momento pela família. (BERGER E BERGER, 1977). Assim, segundo os referidos autores, a interação com o outro é um mecanismo de fundamental importância no processo de socialização. Alguns desses “outros” possuem uma posição de destaque nesse processo, como os pais e os irmãos, os quais são para a maior parte das crianças, as pessoas com as quais mais se convive.

Nesse mesmo sentido, Lahire (2004) afirma que, os comportamentos, os modos de agir e reagir das crianças são produtos das relações que se estabelecem entre elas e as pessoas com quem convivem, são produtos da socialização. Embora a criança não reproduza os modos de agir de sua família, ela se molda nesses para construir sua própria personalidade.

A vivência na família que leva o indivíduo a ser introduzido no mundo social e se tornar um membro da sociedade é chamada por Berger e Luckmann (1996) “socialização primária”. Já o processo que ocorre posteriormente, quando o indivíduo já socializado se insere em outros setores do mundo social, é designado pelos referidos autores como “socialização secundária”. Durante a socialização primária, é construído o primeiro mundo da criança, e por isso, esse tipo de socialização é a mais relevante para os indivíduos, e é a base para toda socialização secundária, a qual é a interiorização de “submundos” baseados em instituições (BERGER; LUCKMANN, 1996).

A socialização familiar foi considerada por Lahire (2004) no desenvolvimento de sua pesquisa realizada na França com famílias dos meios populares. Esse autor percebeu que embora as famílias de camadas populares não empreendessem práticas de superescolarização, atuavam de formas periféricas ao estritamente escolar em favor da escolarização dos filhos. Segundo o autor essa presença periférica da família se estabelecia por meio de condições e disposições econômicas, das formas de autoridade familiar e de uma ordem moral doméstica. Algumas famílias de camadas populares, embora não pudessem auxiliar os filhos nos estudos e nos deveres, atribuíam grande importância ao respeito às normas e às autoridades escolares e transmitiam aos filhos tais valores, o que os favorecia na escola. No ambiente doméstico, os pais controlavam a escolarização dos filhos como, por exemplo, aplicando castigos em virtude de baixos resultados escolares e maus comportamentos, regulando os horários dedicados aos estudos e ao lazer, certificando-se que as tarefas estariam sendo feitas, conforme as exigências da escola. De acordo com Lahire (2004, p. 26):

Através de uma presença constante, um apoio moral ou afetivo estável a todo o instante, a família pode acompanhar a escolaridade da criança de alguma forma (por exemplo, através de um autoritarismo meticuloso ou uma confiança benevolente). Neste caso, a intervenção positiva das famílias, do ponto de vista das práticas escolares, não está voltada essencialmente ao domínio escolar, mas a domínios periféricos.

Viana (2005) enfatiza que estudos realizados no campo da sociologia da educação têm mostrado que casos de longevidade escolar nos meios populares, os quais são estatisticamente improváveis, nem sempre podem ser explicados por uma forte mobilização familiar em torno da escolarização da prole¹⁶. Ela defende a ideia de que a presença escolar das famílias de camadas populares ocorre por meio dos processos socializadores familiares e aponta a necessidade de ampliação de estudos nessa área.

De acordo com essa autora, as famílias de camadas populares, pelo fato de não possuírem um volume significativo de capital cultural e escolar, atuam de modo diferente das famílias de camadas médias na escolarização dos filhos, por meio de práticas desenvolvidas nos processos de socialização, já que: “As práticas educativas dessas famílias são marcadas por uma limitada ajuda nos deveres de casa, pela ausência nas reuniões convocadas pela escola e pela raridade do uso doméstico da leitura e da escrita.” (VIANA, 2005, p. 114). Assim, para essa autora é mais apropriado utilizar o termo “socialização” para caracterizar as práticas desenvolvidas pelas famílias de camadas populares.

Para Thin (2011, p.403):

Estudando a socialização familiar, reservaremos o termo de práticas educativas para as práticas socializantes intencionais, explicitamente utilizadas para educar, ou realizando uma transmissão tangível. Distinguiremos essas práticas de tudo aquilo que produz uma socialização insensível ou difusa, como as formas das interações cotidianas, as condições familiares de existência, ou ainda as formas de relações intrafamiliares, mas que não toma a forma de uma ação específica que transforma as trocas entre pais e filhos em comunicação pedagógica.

Também para Diogo (2012) as famílias possuem formas distintas de atuar na escolarização dos filhos em virtude do meio social do qual se originam. Nem sempre o investimento direto dos pais na escolarização da prole gera efeitos positivos, em alguns casos pode até surtir efeitos negativos, causando tensão no ambiente doméstico.

As práticas socializadoras em favor da escolarização no âmbito familiar tanto podem ser empreendidas pelos pais, como pelos irmãos, especialmente no caso das famílias de

¹⁶ A autora salienta que a mobilização familiar em torno da escolarização dos filhos se constitui em práticas voltadas especificamente para a escolarização, práticas essas mais presentes nas famílias de camadas médias.

camadas populares com fraco capital escolar. As práticas socializadoras entre irmãos, relacionadas ao processo de escolarização, serão abordadas no próximo tópico desse capítulo.

1.3.1 As práticas de socialização favorecedoras da escolarização entre irmãos

No âmbito da sociologia da educação quando se aborda a relação das famílias com a escola, centra-se na figura dos pais e, mais especificamente, da mãe para a discussão dessa relação e dos investimentos educacionais das famílias. No entanto, como afirmaram Berger e Berger (1977), além dos pais, os irmãos são sujeitos com os quais mais tempo uma pessoa convive. Sendo assim, negligenciar a presença dos irmãos ao se estudar as relações das famílias com a escola, parece significar o abandono de uma presença que pode ser fundamental na vida escolar de cada um deles, sobretudo no caso dos estudantes de camadas populares.

A pesquisa realizada por Portes (1993), por exemplo, sobre as trajetórias escolares de estudantes de camadas populares que ingressaram no ensino superior, apontou que alguns dos estudantes entrevistados em função de serem os irmãos caçulas, receberam ajuda escolar dos irmãos mais velhos, pois esses geralmente possuíam maior capital escolar que os pais, o que foi fundamental na constituição dos percursos longevos estudados pelo autor.

Romanelli (2003; 2013) é outro autor que vem destacando em seus estudos a importância de se considerar a participação de irmãos e não apenas as práticas empreendidas pelos pais nos trabalhos sobre as relações entre a família e a escola, visto que os irmãos, assim como os pais, são responsáveis pela transmissão do capital cultural e podem criar condições propícias à apropriação do capital escolar pelos irmãos mais jovens. O autor aponta também a pertinência de se estudar as relações fraternais nos diferentes meios sociais. Para Romanelli (2003), a relação entre os irmãos, não se dá de forma vertical, como ocorre entre pais e filhos. Os irmãos estariam em situação de igualdade e, por compartilharem o lar e a convivência com os mesmos sujeitos, possuiriam *habitus* bastante semelhante, o que poderia aproximá-los. No entanto, nas relações fraternais “[...] não há igualdade plena [...], pois ocorrem situações de dominância fundadas em diferenças de gênero, idade e escolaridade dos irmãos” (ROMANELLI, 2003, p. 252).

No âmbito da sociologia da educação brasileira, os trabalhos que se dedicaram a estudar os irmãos, têm se concentrado mais na questão das diferenças de desempenho escolar entre esses membros da família. Entende-se que embora esses trabalhos tenham enfoque diferente da presente pesquisa, podem contribuir com as reflexões sobre a socialização entre irmãos.

Autores que realizaram trabalhos sobre escolarização de irmãos vêm apontando a ordem de nascimento dos filhos como importante fator de diferenciação dos resultados escolares dos membros de uma fratria (GLÓRIA, 2007; BALARINI e ROMANELLI, 2012).

Uma situação que comumente pode levar os filhos a terem distintos resultados em função da posição na fratria é a mobilidade social vivenciada por algumas famílias. Nesses casos, especificamente, os filhos mais novos podem ser beneficiados, pois com o aumento das condições financeiras os pais podem investir de forma mais intensa na escolarização do caçula (ROMANELLI, 2003).

Glória (2007) também observou diferenças de desempenhos escolares entre irmãos em função do lugar que ocupavam na fratria quando realizou uma pesquisa com famílias de camadas médias em Belo Horizonte, e notou que no interior de uma família, muito provavelmente, existam estratégias educativas distintas para cada um dos filhos. Os irmãos podem ter percursos escolares bastante diferentes “pelo fato de cada um deles ocupar uma posição singular em seu meio familiar” (GLÓRIA, 2007, p. 19). Assim, os irmãos vivenciaram diferentes experiências de socialização, cada um viveu momentos distintos com pessoas diversas em função da ordem de nascimento. As experiências vivenciadas por cada irmão podem ser mais distintas entre si, quando a diferença de idade é maior entre eles.

Os resultados obtidos pela pesquisa de Glória (2007) mostraram que primogênitos eram os filhos que mais se destacavam na escolarização. A autora explicou essa recorrência salientando que o filho mais velho já foi filho único por algum tempo, e recebeu maior investimento por parte dos progenitores, principalmente no que tange a questão de tempo disponível. Para Glória (op. cit.) o fato de os pais serem mais jovens também influenciou os resultados positivos dos primogênitos, visto que além de terem maior disposição e tempo livre, o distanciamento era menor em relação à sua própria escolarização.

Dessa forma, essa autora observou que os pais por ela pesquisados tenderam a depositar maiores expectativas escolares sobre os filhos primogênitos, os quais, por sua vez, se cobravam mais e obtinham os melhores resultados escolares entre os membros da fratria. A pesquisa mostrou também que os pais pesquisados consideravam os filhos mais velhos como sendo os melhores alunos e os que apresentavam o melhor comportamento em relação aos irmãos mais novos.

Embora os primogênitos fossem os filhos mais cobrados pelos pais, os caçulas, conforme Glória (op. cit.), foram favorecidos em alguns aspectos justamente pela ordem de nascimento. Os pais, que já vivenciaram a experiência da escolarização de um ou mais filhos, se encontravam mais experientes quando da escolarização dos caçulas. Contudo, os filhos

mais novos não apresentaram resultados escolares tão satisfatórios quanto seus irmãos mais velhos.

De acordo com Glória (2007) quando a escolha do estabelecimento de ensino era bem sucedida para os filhos mais velhos, a tendência era de que os caçulas fossem para a mesma escola do irmão. No entanto, quando as expectativas que os pais depositavam no estabelecimento de ensino frequentado pelo primogênito não eram atendidas, os filhos do meio e os caçulas não eram matriculados nessa escola. Glória (2007) aponta, então, a influência que os primogênitos exerceram na escolarização dos irmãos mais novos no que concerne a escolha do estabelecimento de ensino.

Os irmãos mais novos se favoreceram também, em alguns casos, com o auxílio dos mais velhos nas atividades escolares. Esse auxílio também beneficiava os últimos, já que relembavam conteúdos já estudados no momento em que ajudavam os irmãos mais jovens com os exercícios escolares (GLÓRIA, 2007).

Assim como Glória (op. cit.), Bonaldi (2015) também constatou discrepâncias nos percursos escolares e sociais de irmãos, no entanto, enquanto a pesquisa da primeira autora foi realizada com famílias de camadas médias, o trabalho de Bonaldi (2015) enfocou duas famílias de camadas populares. Esse autor ressalta que as diferenças nos resultados escolares dos irmãos por ele pesquisados relacionam-se com outros aspectos que não a posição na fratria. Tais aspectos estariam ligados à vivência de distintos processos de socialização pelos irmãos por morarem em casas diferentes e em razão de divórcio dos pais. Bonaldi (2015) entrevistou dois rapazes que participaram de um cursinho popular da cidade de São Paulo, seus irmãos e suas mães e constatou que ainda que os irmãos entrevistados pertencessem à mesma família e tivessem pouca diferença de idade entre si, suas trajetórias escolares se mostraram bastante distintas. O autor discute então os possíveis fatores que levaram a essa diferenciação no percurso escolar dos irmãos. Em uma das famílias, por motivos financeiros, dois filhos moraram com a avó materna. Um dos filhos que ficou morando com a mãe, o segundo mais velho de uma fratria de seis irmãos, era o que apresentava os melhores resultados escolares, em detrimento dos desempenhos dos irmãos que viviam com a avó. Os irmãos cresceram, então, em espaços de socialização distintos, o que pode tê-los levado a diferentes posições face à escola (BONALDI, 2015). Na segunda família pesquisada, os pais se divorciaram após alguns anos do nascimento do filho caçula. A mãe afirmou que a atenção sobre a escolarização do segundo filho diminuiu, em relação aos investimentos escolares que foram realizados com o primogênito, e que o caçula era muito “mimado” pelo pai. Enquanto o

primogênito era dedicado aos estudos e possuía bom comportamento, o caçula tinha pouco interesse pela escola.

Apesar de Bonaldi (2015) salientar em sua pesquisa que a posição na fratria não influenciou as distintas performances escolares dos irmãos, os dados apresentados indiciam que foi a ordem de nascimento que acarretou diferentes experiências socializadoras. Assim, parece que a ordem de nascimento dos filhos influencia na trajetória escolar de cada irmão, visto que: “duas crianças que pertencem a uma mesma fratria não nascem e não vivem nunca exatamente na *mesma* família” (LAHIRE, 2004, p. 207), ou seja, as famílias se modificam à medida que o tempo passa, elas se inserem em novos contextos, passam a conviver com outros grupos e mudam sua condição financeira.

Tanto a pesquisa de Bonaldi (2015) como a de Glória (2007) focaram principalmente na questão das diferenças de desempenho escolares entre irmãos. Outras pesquisas (Diogo, 2006, Lacerda, 2010) vêm apontando a influência que os membros da fratria podem desempenhar na escolarização uns dos outros e a importância que a solidariedade fraternal pode exercer nos percursos escolares dos irmãos.

Diogo (2006), em pesquisa realizada em Portugal, analisou os efeitos da fratria na escolha da carreira escolar, observando que os irmãos exerceram influência na escolarização uns nos outros na construção dessa escolha. Independentemente do pertencimento de classe, a autora observou que sujeitos que tinham irmãos cujos percursos escolares eram acidentados, assim como aqueles que possuíam maior número de irmãos, tendiam a investir menos em sua própria escolarização, e que aqueles estudantes que tinham irmãos no ensino superior, tendiam a ter expectativas de cursar a educação superior e tendiam a escolher o mesmo curso que do irmão ou, pelo menos, cursos em áreas de conhecimento correlatas. A autora supracitada ressalta que ter uma fratria numerosa, três ou mais irmãos, desestimula seus membros a aspirarem a entrada no ensino superior, já que os dispêndios financeiros com esse nível de ensino é muito maior do que com os níveis anteriores. Segundo a autora, comparando duas famílias, que tenham as mesmas condições sociais e os mesmos rendimentos escolares, o número de irmãos interfere na formulação de expectativas acerca do ingresso no ensino superior (DIOGO, 2006).

Lacerda (2010), também estudando trajetórias escolares de irmãos observou a solidariedade fraterna e similitudes nos percursos de dois irmãos, oriundos de meios desfavorecidos economicamente que lograram sucesso na escola e ingressaram em uma instituição de ensino superior altamente seletiva. Os irmãos pertenciam a uma fratria de quatro membros, e ambos eram os mais velhos, com apenas um ano de diferença de idade

entre eles. A família desses irmãos vivenciou uma grande privação material, o que levou os dois a começarem a trabalhar muito cedo e, conforme a referida autora, eles só conseguiram realizar essa incumbência porque compartilhavam a responsabilidade. A autora destaca ainda que esses irmãos tiveram vivências e experiências comuns, por esse motivo, a história de um irmão era contada como entrelaçada à história do outro. Eles sabiam que só poderiam alcançar a ascensão social por meio dos estudos, por esse motivo dedicavam-se de maneira intensa para obterem bons resultados escolares. Lacerda (2010) ressalta que a solidariedade entre os irmãos, juntamente com a mobilização da mãe e autodeterminação dos sujeitos, foram os fatores que permitiram a constituição dos percursos escolares longevos de ambos. A participação da mãe, que concluiu o ensino fundamental, se deu, sobretudo, no início da trajetória escolar dos irmãos e consistiu na realização de jogos matemáticos com os filhos, na revisão dos conteúdos para as provas, “tomar a matéria”, e participação na escolha das escolas a serem frequentadas. Os dois irmãos frequentaram sempre os mesmos estabelecimentos de ensino e os processos de escolarização de ambos foram marcados por um excelente desempenho escolar. (LACERDA, 2010).

Para Lacerda (2010) a pequena diferença de idade entre os dois irmãos e o fato de frequentarem sempre os mesmos estabelecimentos de ensino, parecem ter sido fatores que influenciaram as similitudes entre os percursos escolares de ambos. A diferença de apenas um ano de idade entre eles permitiu que os dois tivessem experiências de socialização próximas, o que pode tê-los levado a desenvolverem a relação de solidariedade fraternal observada. De acordo com Lacerda (2010, p. 92): “A cumplicidade, a solidariedade e o apoio moral e afetivo entre eles davam, a ambos, garantia de sustentação em suas decisões quanto à carreira escolar e às implicações em relação ao sustento familiar”.

Os trabalhos apresentados acerca da escolarização de irmãos indicam que eles exerceriam influência na escolarização uns dos outros, seja pelo auxílio nos estudos e nos deveres de casa, seja pela competição escolar que pode ocorrer entre os irmãos, já que segundo Romanelli (2003), o sucesso ou o bom desempenho escolar alcançados por um membro da fratria, pode incentivar os outros a tentarem alcançá-lo, ou mesmo ultrapassá-lo no que tange aos resultados escolares, ou ainda pelo fato apontado por Glória (2007) sobre a escolha do estabelecimento de ensino dos filhos mais novos pelos pais, baseada na experiência com o primogênito.

CAPITULO II

A FAMÍLIA SILVA

“Acho que o maior patrimônio que você dá para o seu filho é um diploma.”

(Entrevista com Tânia, mãe, Família Silva).

A Família Silva é nuclear, constituída de quatro membros. Mário, o pai, tinha na época da entrevista 45 anos de idade e Tânia, a mãe, 49 anos. Os relatos de Tânia confirmam que a

família passou por uma elevação da renda familiar. Bruna é a filha mais velha com dezenove anos de idade e cursava, no momento da entrevista, um cursinho preparatório para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Rodrigo, com treze anos, cursava o 7º ano do ensino fundamental quando foi entrevistado¹⁷ no Colégio Portinari, o mesmo que sua irmã Bruna cursou o segundo e terceiro ano do ensino médio.

Esse Colégio localiza-se na área central da cidade, foi inaugurado no ano de 2002 e oferece o ensino fundamental e médio. De acordo com o Censo Escolar de 2014 publicado pelo INEP em 2015, nesse ano o Colégio possuía 364 alunos, sendo 150 matriculados nos anos finais do ensino fundamental e 61 no ensino médio. Cada série dos anos finais do ensino fundamental possuía no ano de 2015 uma turma, com exceção do sétimo ano que tinha duas turmas. O ensino médio também possuía uma turma para cada ano desse nível de ensino. A média dessa escola no ENEM no ano de 2013 foi 592,2¹⁸ e em 2014, 544 pontos, o que o posiciona em quarto lugar no *ranking* de estabelecimentos privados de ensino médio da cidade de Viçosa.

No ano de 2015, o valor da mensalidade desse colégio do 6º ao 9º ano foi de R\$ 587,00; para o 1º e o 2º anos do ensino médio foi de R \$646,00; para o 3º ano, R\$ 708,00. No entanto, conforme a coordenação desse Colégio, esses valores são negociáveis, o mesmo pode ocorrer em relação aos valores cobrados pelo material didático utilizado nessa instituição, pois esse material pode ser dividido “em até doze vezes”, como afirma a mãe entrevistada. A coordenação do Colégio disse que muitas famílias que procuram a instituição, não podem pagar o preço integral da mensalidade¹⁹, por isso são oferecidos descontos nas mensalidades e bolsas de estudos, de modo assegurar o atendimento dos “pais que almejam uma educação privada de qualidade para os filhos”.

A família de Bruna e Rodrigo reside na cidade de Viçosa em um apartamento próprio, localizado no Bairro Bom Jesus. Esse bairro foi criado na década de 1960 e é um dos bairros viçosenses com maior concentração de pobreza (RIBEIRO FILHO, 1997). Nele estão localizadas duas escolas de educação básica, a Escola Estadual Professor Sebastião Lopes de Carvalho²⁰ que atendia o ensino fundamental e possuía 76 alunos no ano de 2014 e a Escola

¹⁷ As entrevistas com os membros da família Silva foram realizadas no apartamento em que residem, sendo que a primeira ocorreu num sábado com a mãe, Tânia. Na terça-feira seguinte foram entrevistados seus filhos Bruna e Rodrigo, em separado.

¹⁸ Nesse ano realizaram o ENEM 26 alunos.

¹⁹ A coordenação informou também ainda que há um caso de uma mãe que trabalha no Colégio, como inspetora de recreio, em troca de descontos na mensalidade do filho e outra situação em que um estudante atua dando aulas de reforço para outros discentes mais jovens em troca de desconto no valor da mensalidade.

²⁰ A Escola Estadual Professor Sebastião Lopes de Carvalho foi desativada no ano de 2016 devido ao reduzido número de alunos.

Estadual Professor Cid Batista, que atende a Educação de Jovens e Adultos e possuía 11 alunos no ano de 2014. Essas escolas apresentam fluxo negativo de estudantes, o que indicia que são evitadas pelos moradores do bairro.

Os pais, Mario e Tânia, se originam de famílias numerosas. Tânia possui oito irmãos, nasceu na zona rural de uma cidade do interior da zona da mata mineira, de onde se mudou para Viçosa com a família, quando tinha cerca de dez anos de idade. Sua mãe era dona de casa e não frequentou a escola. Seu pai estudou até a 4ª série e era carpinteiro. Apenas uma das irmãs de Tânia concluiu a educação superior. Ela é formada em História e atua como professora em escolas públicas de educação básica de Viçosa. Tânia concluiu o ensino médio e durante toda a sua trajetória escolar frequentou escolas públicas. Ela sempre trabalhou no comércio, como balconista, em média sete horas por dia. Na entrevista Tânia disse que se arrepende de não ter dado continuidade ao processo de escolarização e ingressado na educação superior, mas ao mesmo tempo informa que não teve muitas possibilidades de dar prosseguimento à sua trajetória escolar, pois tinha que trabalhar para ajudar no sustento de sua família de origem. Boa parte do período que cursava a educação básica, Tânia trabalhava durante o dia e estudava à noite.

Mário tem sete irmãos e nenhum deles concluiu um curso superior. Seus pais sempre residiram em Viçosa. Sua mãe era “do lar” e seu pai, agricultor. Ambos estudaram apenas até a segunda série do ensino fundamental. Mário cursou até a 6ª série desse nível de ensino e, como a esposa, sempre frequentou exclusivamente escolas públicas. Ele trabalha como funileiro e atualmente é dono de seu próprio negócio, mas durante muito tempo trabalhou como funcionário nesse mesmo ofício. A carga horária de trabalho diária de Mário é nove horas, mas como trabalha por conta própria, às vezes extrapola esse tempo na oficina, que está localizada no andar térreo de um prédio de quatro andares de propriedade da família, onde também se localiza a sua residência.

Os percursos profissionais de Tânia e Mário podem ser relacionados como percursos típicos de “batalhadores”, visto que os motivos que os levaram a ampliarem a renda familiar foram o desenvolvimento de disposições para o trabalho, resistência ao cansaço, capacidade de poupança e a crença em si e em seu trabalho (SOUZA, 2012). Mário teve autoconfiança suficiente para abandonar a posição de funcionário em uma funilaria e abrir a sua própria oficina, o que faz dele um “batalhador empreendedor”, ou “o pequeno proprietário da pequena fábrica de fundo de quintal” (SOUZA, 2012, p. 56).

Quando se casaram, Tânia e Mário possuíam o lote onde construíram o prédio em que residem. Antes da construção da casa própria eles moraram em uma casa de propriedade

dos pais de Mário. Nessa época, ele montou primeiramente uma oficina no lote que o casal possuía. Os rendimentos obtidos por meio do trabalho nessa oficina eram destinados à construção do prédio, enquanto o salário de Tânia cobria as despesas cotidianas da família.

Bruna, a filha mais velha do casal, tinha seis meses de idade quando a família se mudou para o apartamento onde residem atualmente, o qual, conforme Tânia, não estava totalmente “acabado”:

Quando eu passei pra aqui [*para o apartamento onde reside*], não tinha nem tábua corrida, era tudo cimento grosso. Só que meu marido tinha colocado azulejo aí a gente passou pra cá. Depois... na época... eu trabalhava, ele trabalhava, aí nós terminamos a casa aqui, mais ou menos [...] (Tânia, mãe, Família Silva).

Após a mudança, aos poucos, a família foi construindo os três andares superiores. Segundo Tânia, até hoje a casa onde moram não está “do jeito que ela quer”, porque a prioridade dela e do marido sempre foi economizar para construir os outros apartamentos e com isso assegurar uma renda extra, oriunda dos aluguéis. Pelos relatos de Tânia é possível estimar que essa construção teve a duração de, aproximadamente, 18 anos.

Esse relato mostra a disposição dessa família de poupar o dinheiro, o que conflui com os argumentos de Souza (2012), o qual ressalta que esse grupo de “batalhadores”, é muito cuidadoso com o orçamento familiar e abre mão, muitas vezes, de lazer e conforto, tendo em vista que teme voltar às dificuldades vivenciadas no passado.

Na época do nascimento de Rodrigo, a família passou por momentos de dificuldades financeiras. Tânia teve uma gravidez muito delicada, o que gerou gastos adicionais nesse período e desequilíbrio financeiro da família por um tempo. Com o passar dos anos, a família superou essa fase e retomou os investimentos na construção dos apartamentos “para alugar”. Tânia conta que atualmente a renda gerada pelos aluguéis é revertida para a escolarização dos filhos. Ela disse: “Então... quer dizer, além da renda que eu tenho, do meu serviço, do serviço do meu marido, eu tenho os aluguéis que tipo assim, possibilitou eu pegar o dinheiro do aluguel e pagar escola para os meninos”.

Tânia disse que ela e o marido trabalham duro para que os filhos tenham a chance de estudar e ter um futuro profissional diferente das ocupações que eles têm hoje. A estabilidade financeira que conseguiram alcançar, sempre teve como objetivo assegurar a certificação escolar para os filhos. Tânia disse:

Porque o que a gente deixa pros filhos da gente não são bens materiais, entendeu? Você dá um diploma pro seu filho, aquilo ali ó... você deixar bens materiais, pode acontecer que aquilo ali ó... eles vão acabando, acabando, né? E ficam sem nada. Agora, um diploma ninguém te toma! Aquilo ali é seu, você conquistou! Se tem um concurso, você pode fazer um concurso,

diploma ninguém te toma, ninguém! Você pode ter um carro, eles podem roubar seu carro, você pode bater seu carro, agora o diploma ninguém te tira. Acho que o maior patrimônio que você dá pra seu filho, é um diploma (Tânia, *mãe*, Família Silva).

Em sua fala, Tânia indica que a melhor herança que ela e o marido podem deixar para seus filhos é o capital cultural institucionalizado, isto é, o diploma. Essa convicção coaduna com as discussões de Bourdieu (1998) sobre o valor do diploma, pois esse autor considera que somente o diploma legitima o valor que os sujeitos possuem no mercado de trabalho e, de modo geral, quanto maior for o capital escolar, melhores serão os postos profissionais ocupados e os rendimentos salariais.

Tânia reitera diversas vezes em sua entrevista que o diploma é a melhor “herança” que deixará para os seus filhos e que é o capital escolar que lhes possibilitará melhores chances de mobilidade social. Tânia disse que reconhece a importância da certificação escolar na sociedade atual e, por esse motivo, ela e seu marido abrem mão de uma moradia mais confortável com o intuito de investir na escolarização dos filhos. Ela relata que não está satisfeita com o apartamento em que reside, sem especificar se desejaria mudar de bairro, reformar a moradia ou equipá-la com móveis e utensílios, mas insiste que priorizou investir na construção dos outros apartamentos para serem alugados, para aumentar a renda familiar e investir na educação dos filhos. Para Tânia, só foi possível investir na escolarização dos filhos matriculando-os em um estabelecimento privado porque as condições financeiras da família melhoraram. Ela disse: “Também, as condições de vida da gente melhoraram, entendeu? Porque se não tivessem, não tinha como pagar uma escola particular para eles”. Para essa família parecem ser esferas centrais do cotidiano familiar: o trabalho e os estudos dos filhos.

2.1 O processo de escolarização de Bruna

A trajetória escolar de Bruna, a filha mais velha da Família Silva, teve início quando ela tinha entre quatro e cinco anos de idade, em uma escola de educação infantil privada. A mãe justifica que sua opção por matricular a filha em um estabelecimento de ensino privado nessa primeira etapa da educação básica foi porque “na escola saía mais barato” do que mantê-la em casa e pagar uma babá para cuidar da filha, enquanto trabalhava. Apesar de o início da escolarização de Bruna ter se dado em uma instituição privada, ela cursou todo o ensino fundamental e o primeiro ano do ensino médio em escolas públicas.

A primeira escola pública na qual Bruna foi matriculada localizava-se no mesmo bairro em que a família reside, a Escola Estadual Professor Sebastião Lopes de Carvalho. Ela cursou os anos iniciais do ensino fundamental nessa escola, na qual teve excelente

desempenho escolar. Como a instituição se localizava próximo à residência da família, Bruna ia a pé para a escola todos os dias.

Os anos finais do ensino fundamental e o primeiro ano do ensino médio, Bruna cursou na Escola Estadual Doutor Raimundo Alves Torres. Essa escola situa-se no Bairro Bela Vista, o qual se localiza distante de sua residência e exigiu que sua família custeasse o transporte escolar para o deslocamento. Ela disse que a razão de ter se transferido para essa escola foi o fato de que suas primas já estudavam lá. Ela disse que desejava estar na companhia dessas primas, por isso pediu aos pais para que fosse matriculada nesse estabelecimento de ensino.

Conforme já mencionado, no segundo ano do ensino médio, Bruna foi matriculada no Colégio Portinari, um estabelecimento de ensino privado, onde permaneceu até a conclusão desse nível de ensino. Após a conclusão do ensino médio no ano de 2013, Bruna interrompeu sua trajetória escolar. No ano de 2014 começou a trabalhar como comerciária numa loja “de grife”, o que, segundo ela, foi o motivo que a levou a aceitar o emprego. Ela disse:

Só que lá era assim... é diferente, como lá é uma loja de... de classe mais alta, é diferente... do trabalho da minha mãe. O da minha mãe... É atendente também, só que era super diferente, sabe? Não compara o tratamento, não... por isso que eu fui pra lá (Bruna, *filha*, Família Silva).

Quando questionada sobre a razão de ter ingressado no mercado de trabalho logo após a conclusão do ensino médio e interrompido seus estudos, Bruna disse que almejava sua independência financeira em relação aos pais. Ela disse também que assumir esse emprego gerou uma série de conflitos com o seu pai que não aceitava que a filha interrompesse os estudos para trabalhar: “Era meio contra vontade e... Eu parei de trabalhar porque meu pai já estava assim... Porque como meu pai não estudou, ele queria que a gente estudasse e a tristeza dele era...” O relato de Bruna revela as expectativas que o pai tinha em relação à escolarização dos filhos, ou seja, ele desejava que ela ingressasse em uma instituição de ensino superior, mais especificamente na Universidade Federal de Viçosa.

Além do alargamento da renda já mencionado pela mãe entrevistada a aspiração educacional, nesse caso, que os filhos ingressassem na educação superior é mais um indício de que essa família integra um segmento específico das camadas populares. Para Souza (2012) a “nova classe trabalhadora” aspira um futuro melhor para os filhos e sabe da importância que o capital escolar possui na sociedade, sem o qual os integrantes dessa classe têm que trabalhar duro, no sentido físico da expressão. Segundo esse autor, “[...] as famílias batalhadoras sabem a verdade sobre o mundo do trabalho. Ele é cruel com quem não estuda,

cobra o preço da dignidade como um feitor dos tempos de escravidão, com chicotadas proporcionais ao tamanho do erro do escravo” (SOUZA, 2012, p. 111).

No início do ano de 2015, Bruna se matriculou num cursinho preparatório para o ENEM, no turno noturno, oferecido por um colégio privado de ensino médio de Viçosa, mas continuou trabalhando. O cursinho foi custeado pelos pais de Bruna, enquanto seu próprio salário se destinava a suas despesas pessoais. Ela disse que “só ajudava com uns R\$100,00 quando dava”.

A conciliação de trabalho e estudo, no entanto, foi uma situação bastante estressante como conta Bruna:

Estava tipo assim, uma coisa em cima de mim que não sei... se por minha pouca idade... Eu já estava muito nervosa, já não estava convivendo bem aqui em casa, porque eu não tinha tempo pra nada... Pra fazer as coisas que eu gosto. Final de semana que eu gosto de ir pra roça, eu ficava em casa dormindo porque eu ficava morta de cansada. Pegava no serviço, tinha que estar na loja oito e meia, eu ainda abria a loja. Então, assim, eu tinha que estar sempre mais cedo lá... Uma carga muito pesada pra cima de mim. Aí eu decidi parar [*de trabalhar*] (Bruna, *filha*, Família Silva).

Ao mencionar que resolveu parar de trabalhar Bruna reconhece que foi sua escolha, tanto começar, como parar de trabalhar e destaca que algumas de suas amigas não puderam fazer tais escolhas, pois tinham que trabalhar para custear os estudos. Bruna disse também que se arrependeu de ter passado um ano trabalhando e de ter interrompido seus estudos, embora acredite que sua experiência no trabalho tenha lhe propiciado o desenvolvimento da autonomia. Ela disse: “[...] hoje eu vejo que eu perdi um ano, se eu tivesse estudado talvez eu já estaria na Universidade”.

No momento da entrevista Bruna estava fazendo o cursinho preparatório para o ENEM e aguardando com ansiedade os dias do exame. Ela disse que quer cursar Zootecnia ou Medicina Veterinária, alegando que as escolhas desses cursos se devem ao fato de que “ela ama os animais”. Perguntada sobre quais dos dois cursos mais deseja cursar ela disse que “dependerá de sua nota, se alcançar uma boa média cursará Medicina Veterinária, mas também ficará feliz se conseguir ser aprovada no curso de Zootecnia”.

2.2 O processo de escolarização de Rodrigo

Rodrigo, o filho caçula, atualmente está matriculado no sétimo ano no Colégio Portinari, o mesmo frequentado por Bruna durante o segundo e o terceiro anos do ensino médio. Rodrigo foi matriculado nessa instituição no ano seguinte à saída de sua irmã mais velha desse Colégio, fator esse que, segundo Bruna, “facilitava financeiramente”. Dessa

forma, a família pôde destinar os dispêndios com a educação da filha para a escolarização do caçula, sem custos adicionais nesse primeiro momento.

A trajetória escolar de Rodrigo se iniciou quando ele tinha seis anos de idade, em uma escola pública, localizada próximo à residência da família. Ele cursou apenas um ano da educação infantil nessa escola pública que atualmente foi desativada. Os anos iniciais do ensino fundamental, Rodrigo cursou em outra escola pública, a Escola Estadual Madre Santa Face²¹, uma instituição de reputação no contexto educacional de Viçosa, localizada no centro da cidade. Rodrigo se deslocava diariamente por meio do transporte escolar custeado pela sua família do bairro onde reside para essa escola.

Como essa escola não oferece os anos finais do ensino fundamental, após a conclusão dos anos iniciais Rodrigo foi transferido para o Colégio Portinari, uma instituição privada, também localizada no centro da cidade de Viçosa, onde ele se encontra matriculado há dois anos. Tânia, sua mãe, disse que pretende mantê-lo nesse Colégio até conclusão da educação básica, pois está muito satisfeita com a instituição.

Quando Rodrigo ingressou nesse Colégio privado, no 6º ano, apresentou baixo rendimento escolar, tendo ficado para recuperação em algumas disciplinas, mas logo a seguir ele conseguiu se adaptar, pois “pegou firme” e até o momento da entrevista, em outubro de 2015, vinha tendo bom rendimento em todas as disciplinas cursadas no 7º ano. Ele disse ter feito amizades no Colégio e reitera o que foi dito pela mãe, ou seja, seu desejo de permanecer no Colégio Portinari até a conclusão do ensino médio.

2.3 As práticas educativas familiares

Os dados gerados por meio de entrevistas com os membros da Família Silva revelaram as ações parentais em favor das trajetórias escolares dos filhos Bruna e Rodrigo, fundamentadas na importância que a certificação escolar em nível superior tem para essa família. Dentre essas ações destacam-se o acompanhamento da escolarização e a escolha do estabelecimento de ensino.

2.3.1 O acompanhamento da escolarização dos filhos

Na Família Silva, como ocorre de modo geral, o acompanhamento da escolarização dos filhos é realizado pela mãe. Tânia sempre se dedicou a ajudar os filhos nos estudos para

²¹ Conforme Oliveira (2015, p. 56), referindo-se à Escola Estadual Madre Santa Face “O estabelecimento de ensino apresenta o segundo maior nível socioeconômico do município [...] 5,73, o mais alto entre as escolas públicas estaduais e municipais.

as avaliações e na realização dos deveres, está sempre informada sobre o desempenho escolar de ambos e busca formas de reparação quando observa queda no rendimento escolar, como, por exemplo, por meio do auxílio de professores particulares.

A literatura sociológica vem indicando que entre as formas de acompanhamento da escolarização da prole, o dever de casa é um dos modos mais comuns que as famílias possuem de se fazer presentes na vida escolar dos filhos no próprio ambiente doméstico, portanto, é uma importante forma de interação entre as escolas e as famílias. O dever de casa pode funcionar, assim, como uma janela em que as famílias podem olhar como o trabalho escolar está sendo realizado com os filhos e, da mesma forma, por meio dessa prática, os professores podem observar como as famílias acompanham o aluno no ambiente doméstico (RESENDE, 2013). Na Família Silva a realização do dever de casa era considerada uma obrigação, que era supervisionado pela mãe. Quando era necessário, Tânia disse que também auxiliava os filhos. Ela disse que Bruna e Rodrigo nunca deixaram de fazer o dever: “Sempre! Agora, assim, que cresceram, eu nem preciso mandar mais. Graças a Deus! Mas é... sempre, sempre fizeram.”

Tânia disse que auxilia os filhos com os deveres desde que o processo de escolarização dos mesmos se iniciou: “Desde pequenos! O dever de casa era compartilhado. Chegava, era uma alegria na hora de fazer o dever com eles. Ainda mais quando tinha alguma coisa de colorir... sempre, sempre eu ajudei.” Tânia relata que o tempo dedicado à realização do dever de casa era um momento prazeroso, o que indicia a constituição de disposições favoráveis à dedicação aos estudos, ao uso do tempo e à autonomia (LACERDA, 2006).

Sobre o dever de casa Tânia disse também: “[...] se (o professor) passa um dever que ele [*o filho*] não sabe resolver, eu não vou ensinar errado pra ele, aí eu escrevo um bilhete para o professor falando que ele não soube fazer o dever, se ele pode fazer o favor de explicar pra ele de novo.” Esse relato expressa a relação da família com o Colégio privado no qual o filho encontra-se matriculado e explica, em parte, sua satisfação com o mesmo que a faz desejar manter o filho matriculado na instituição até a conclusão do ensino médio.

Segundo Carvalho (2004), as condições para a realização do dever de casa dependem das condições sociais do grupo familiar. Desse modo, a autora salienta que existem três situações que permitem ou não que as famílias realmente acompanhem o dever de casa dos filhos: o conhecimento dos conteúdos, o que naturalmente está ligado ao capital escolar dos membros da família; o tempo livre e o gosto em realizar esse acompanhamento. O prazer mencionado por Tânia quanto à realização do dever de casa parece estar relacionado ao seu gosto em auxiliar os filhos, à disponibilidade de tempo e ao seu capital escolar.

Além de uma atenção ao dever de casa, outra forma utilizada por Tânia para acompanhar a escolarização dos filhos é a verificação dos materiais escolares. Ao olhar os cadernos de Rodrigo, ela deixa a sua assinatura, preocupada com a imagem que os professores possuem do acompanhamento que o filho recebe em casa. Ela considera que, assinando os cadernos do filho, informa aos professores que é uma mãe atenta ao que se passa com o mesmo no ambiente escolar. Juntamente com a preocupação em relação à imagem que os docentes possuem dela enquanto mãe que se envolve no processo de escolarização do filho, Tânia mantém forte vigilância em relação aos resultados escolares de Rodrigo e o auxilia na preparação para as provas. Ela disse:

Até hoje eu estudo. Ele fala que quando eu estudo com ele, ele grava mais, porque eu leio e explico pra ele, e nessas matérias eu tenho facilidade, sabe? Aí eu leio e explico pra ele, ele fala assim: “ô mãe, quando você estuda comigo eu tiro nota boa na prova.” Eu estudo... agora as outras matérias não, porque eu não comando muito bem, sabe? Mas geografia, história e ciências eu estudo com ele (Tânia, *mãe*, Família Silva).

Nas disciplinas em que Tânia não consegue ajudar o filho na preparação para as provas, principalmente as que Rodrigo apresenta mais dificuldades, ela recorre a professores particulares. É importante ressaltar que o auxílio da mãe nos estudos e a realização de aulas particulares de preparação para as provas não ocorreram ao longo de todo o processo de escolarização de Rodrigo, mas especialmente após a transferência do mesmo para o Colégio Portinari:

Na escola pública, as notas deles eram todas A, sabe, tudo A! Aí quando ele entrou na escola [*Colégio Portinari*], ele ficou com umas notas abaixo da média, aí eu tive que procurar... Mesmo lá na escola tendo monitoria... igual matemática e inglês, eu arrumei um professor particular pra ele (Tânia, *mãe*, Família Silva).

Observa-se, assim, indícios de que a escolha do estabelecimento privado pode estimular outros investimentos das famílias em favor da escolarização dos filhos (LACERDA, 2012).

É importante ressaltar também que a transferência de Rodrigo de uma escola pública para um colégio privado na etapa de escolarização de passagem dos anos iniciais para os anos finais do ensino fundamental exigiu uma intensificação dos investimentos educacionais da família para que Rodrigo não apresentasse baixo rendimento escolar. Porém, ainda assim, o desempenho escolar desse caiu após sua transferência para o Colégio Portinari. Segundo Tânia, enquanto na escola pública seus resultados escolares eram excelentes, no colégio privado os resultados obtidos por Rodrigo eram medianos:

[...] não é o melhor, mas tipo assim, ele não está... não é o melhor, mas também não é o pior da turma. Ele está na média porque ele, por exemplo, as

notas dele não têm... não estão abaixo da média. Ele não tira cem, dez em tudo, mas também não tira três, quatro, entendeu? (Tânia, *mãe*, Família Silva)

A frequência às aulas particulares por Rodrigo é a única atividade extracurricular que ele realiza e sua irmã Bruna, além das aulas noturnas do cursinho, faz aulas de redação. Tânia disse:

Então, é porque, como no ENEM a redação conta muitos pontos, e eu tenho uma sobrinha que fez com essa professora a E., e ela passou no COLUNI esse ano, me parece que em 15 pontos ela fez 13 com essa professora. Eu falei assim: “Ó Bruna, como redação conta muito, você quer fazer uma aula de redação específica? Só de redação?”. Porque no cursinho tem aula de redação, mas não é... né? É pra muitos alunos. Na turma da Bruna são 5 alunos de redação (Tânia, *mãe*, Família Silva).

A menção à trajetória da sobrinha, conforme observado acima, é recorrente na fala de Tânia. Isso ocorre devido ao percurso escolar da mesma, pois ela obteve aprovação na seleção para o ingresso num Colégio de alta reputação, considerado por muitos como o ingresso prévio na Universidade²², devido à qualidade da formação e os resultados que seus egressos têm obtido em processo seletivos de cursos e instituições de prestígio.

Tânia acompanha a escolarização dos filhos também por meio de sua presença nas escolas frequentadas por eles. Ela afirmou que comparece às reuniões escolares, mas que não vai ao Colégio sem ser convidada pelos professores ou pela direção. Ela disse que não é convocada com frequência para ir à escola dos seus filhos porque eles nunca tiveram sérios problemas de indisciplina ou de desempenho. Sobre sua presença na escola, a mãe disse:

Eu não falto em nenhuma reunião dos meus meninos. [...] Fora da reunião não. Só se assim... eu ia lá fora da reunião pra pegar as notas dele, mas como também ele nunca me deu trabalho eu nem ia. Eu ia na reunião, estava tudo bem? Tudo bem! E lá, tipo assim, têm os telefones, qualquer coisa eles ligavam, então eu ia em época de reunião pra pegar as notas... (Tânia, *mãe*, Família Silva).

O marido de Tânia, Mário, nunca foi às reuniões promovidas pelas escolas dos filhos. A participação de Mário na vida escolar desses se dá no periférico ao escolar propriamente dito, como, por exemplo, levando e buscando Rodrigo de carro para o Colégio Portinari, nos dias chuvosos ou buscando Bruna todos os dias ao final das aulas no cursinho, uma vez que ela estuda no turno noturno. Mário participa também das decisões quanto ao percurso escolar, como em relação à transferência dos filhos de escolas públicas para colégios privados.

Apesar de o acompanhamento cotidiano da escolarização de Bruna e Rodrigo ter ficado ao encargo de Tânia, os dados da pesquisa indicam que tanto ela como o marido têm

²² O Colégio de Aplicação da UFV (CAp/Coluni) localiza-se no campus e, além da alta qualidade da formação ofertada, com o ingresso nesse colégio os estudantes passam a “experimentar” a vida universitária, tanto em função das exigências escolares, como do tipo de trabalho pedagógico realizado, da utilização dos laboratórios de ensino dos cursos de graduação e da convivência com universitários (NOGUEIRA e LACERDA, 2014).

fortes aspirações que os filhos ingressem na educação superior de ensino. Ela afirma que todos os seus esforços em acompanhar a escolarização dos filhos e custear seus estudos em um colégio privado (para o que ela conta com o apoio efetivo do marido) são motivados pelo objetivo de vê-los formados e independentes financeiramente no futuro:

Desde pequenos, meu sonho é que eles se formem numa faculdade! [...] porque eles não vão ter o pai e a mãe pra sempre, ninguém tem o pai e a mãe pra sempre, eles vão ter que caminhar com as próprias pernas, né? Então eu sempre pensei nisto. [...] Por que eu tirei da escola pública e pus na particular? Pensando nisto, né? Sempre pensando no melhor pra eles (Tânia, mãe, Família Silva).

Tânia espera que os filhos ingressem na Universidade Federal de Viçosa, por ser uma instituição de qualidade situada na cidade em que a família reside. Tânia disse:

Então, eu quero que eles ingressem em uma universidade boa, entrem em numa universidade pública, federal, porque nós temos aqui uma das melhores universidades e não tem porque também entrar na particular se eles têm capacidade pra entrar nessa federal! Eu quero que eles entrem, que eles se formem, que eles tenham um diploma! Que eles tenham uma profissão! (Tânia, mãe, Família Silva).

Esse relato corrobora com discussões apresentada por LACERDA (2012), para a qual a presença da UFV em Viçosa afeta a constituição das aspirações educacionais dos pais e dos filhos.

Sobre os cursos escolhidos pelos filhos, Tânia disse não opinar, pois ambos devem “fazer aquilo que gostam”. O mais importante, segundo ela, é que eles tenham um diploma da UFV:

Então a Bruna, por exemplo, ano passado ela podia ter entrado em agronomia, mas ela quer isto? Ela não quer, ela quer veterinária ou zootecnia são os cursos que ela quer! O que adianta ela formar num curso pra mim e pro pai dela? Ela tem que formar pra ela, depois ficar uma profissional frustrada, não é isto que eu quero, né? Igual muita gente que eu conheço que o pai e a mãe incentivavam: “Ah faz este curso, faz este curso” ficaram dois, três anos lá e não querem aquilo mais! Então quer dizer perdeu três anos numa coisa que não queria pra agradar o pai e a mãe, não... mas ela vai me agradar sim, ela tirando, tendo um diploma dela, não importa o curso, é o curso que ela escolher. E isso eu falo para os dois! (Tânia, mãe, Família Silva).

A análise dos dados revelou que a Família Silva se preocupa com o processo de escolarização da prole, o que condiz com as afirmações de Singly (2007) e Diogo (2012) de que as famílias de todos os meios sociais sabem da importância da escolarização dos filhos para o futuro profissional dos mesmos. Essa família vem realizando esforços ao longo do tempo com o objetivo de oferecer a melhor educação possível para Bruna e Rodrigo. Mário que não concluiu o ensino fundamental e Tânia que não ingressou no ensino superior desejam que o futuro dos filhos seja diferente do deles próprios e consideram que essa diferença só

poderá ser alcançada por meio da certificação escolar em nível superior. Por acreditar que o ensino de estabelecimentos da rede privada é de melhor qualidade se comparado ao que é oferecido na rede pública, transferiram os dois filhos da escola pública para um colégio privado tão logo a renda familiar viabilizou que essa despesa fosse assumida. Cabe destacar que a etapa da escolarização na qual Bruna se encontrava, quando a transferência para o estabelecimento privado se deu, isto é, ela cursava o primeiro ano do ensino médio, tende a levar os pais a buscarem estabelecimentos que ofereçam uma formação considerada de qualidade, tendo em vista que, após cursar esse nível de ensino, os estudantes passam por processos seletivos para ingresso na educação superior.

2.3.2 A escolha do estabelecimento de ensino

Na primeira etapa do processo de escolarização dos filhos, a educação infantil, os motivos que levaram essa família a efetuarem as escolhas das escolas foram de ordem prática. A primeira escola frequentada por Bruna, que era privada, foi escolhida pelo fato de os pais não terem com quem deixar a filha e considerar que mantê-la na instituição era a melhor opção em termos financeiros:

É porque naquela época é... como eu trabalhava e tinha essa escolinha que pegava criança de 4 anos, como pra mim era mais fácil pagar uma escola que uma babá pra ficar aqui com ela, aí eu optei. E como eu trabalho meio período só, na parte da manhã eu ficava aqui com ela. Aí na hora que eu descia pra trabalhar, pra eu não pagar uma babá pra ficar aqui, que ia ter negócio de assinar carteira, esses negócios, o gasto ia ser muito maior. Na escola saía mais barato pra mim (Tânia, *mãe*, Família Silva).

A proximidade do local de moradia foi o critério considerado na escolha da escola de educação infantil frequentada por Rodrigo e também do estabelecimento de ensino frequentado por Bruna nos anos iniciais do ensino fundamental. As escolas frequentadas por ambos estão localizadas no mesmo bairro onde residem, sendo que a que Bruna frequentou nessa etapa da escolarização está localizada na mesma rua. Sobre a escolha da escola nessa etapa da escolarização, Tânia disse:

Essa [escola] do bairro é porque como é aqui do lado de casa [...]. Da facilidade, de eu poder levar ela rapidinho lá e trazer. E na época, até uma menina que era babá do Rodriguinho, quando ela [Bruna] estudou lá, levava e trazia Bruna pra mim. Ela buscava, sabe? A mesma menina que tomava conta dele, porque era só um pulinho ali, ela levava e buscava (Tânia, *mãe*, Família Silva).

Já a decisão de matricular Rodrigo na Escola Estadual Madre Santa Face, onde ele cursou os anos iniciais do ensino fundamental, apesar desse estabelecimento de ensino se localizar distante do local de moradia da família, ocorreu devido à reputação dessa escola, a

qual ocupa o topo da hierarquia de estabelecimentos de ensino públicos que ofertam os anos iniciais do ensino fundamental de Viçosa. Assim, observam-se indícios de que na escolha da escola essa família passou a utilizar condutas de tipo avaliatórias (BALLION, 1982 *apud* NOGUEIRA, 1998). A imagem que a mãe tem da Escola Estadual Madre Santa Face pode ser observada no trecho da entrevista a seguir:

[...] lá é uma escola muito boa. Aqui em Viçosa, assim de escola pública... o ruim lá que é só até o 5º ano, mas é uma das melhores escolas que tem. [...] As pessoas falam, você vai na escola você vê o jeito da escola, lá é tudo limpinho, tudo organizadinho, se o menino não vai na escola eles querem saber porque que o menino não foi na escola, sabe? O acompanhamento lá é muito bom! (Tânia, *mãe*, Família Silva).

Sobre a construção de uma imagem de cada estabelecimento de ensino, Nogueira (1998, p. 52) destaca que:

Para Ballion [...] Essa imagem torna-se então uma ‘imagem-guia’ (BALLION, 1991, p. 213-214). Seu conteúdo liga-se a fatores tais como: grau de tradição, resultados divulgados pelos meios de comunicação, percepção do tipo de clientela, clima disciplinar, comportamento dos alunos, localização, prédio, rumores, sobre os quais elaboram um julgamento subjetivo global.

Os estudos sobre a escolha do estabelecimento de ensino realizados por Alves *et al.* (2010) e Resende *et al.* (2011) indicavam que os grupos familiares provenientes das camadas populares consideravam os critérios práticos para escolher a escola dos filhos. Já a pesquisa de Nogueira *et al.* (2015) indicou que as famílias estudadas consideravam também critérios pedagógicos. O uso de critérios práticos e de ordem pedagógica por famílias de camadas populares se assemelha aos dados encontrados nessa pesquisa, nesse caso, um segmento específico das camadas populares, ou seja, o grupo que vivenciou o alargamento de sua renda na primeira década dos anos 2000. Segundo Bell (2005, p. 18), referindo-se ao contexto norte-americano “pais pobres e da classe trabalhadora buscam escolas fundamentados em formas similares aos pais mais favorecidos. Eles consideraram mais escolas e citaram razões acadêmicas [...]” (*tradução nossa*).²³

Quanto à escolha do estabelecimento a ser frequentado por Bruna, a primogênita da Família Silva, observa-se que após a conclusão dos primeiros anos do ensino fundamental, cursados numa escola pública localizada no bairro onde residia, ela foi transferida para outra escola pública, mais distante do local de moradia, que oferta as séries finais do ensino fundamental e o ensino médio. Nos relatos da mãe e da própria Bruna, é possível observar que

²³ A tradução desse texto para o português, originalmente escrito em inglês, foi realizado por Phelipe Rodrigues de Oliveira Pinto, mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Viçosa.

nessa decisão também teve a participação da filha, que quis ir para a mesma escola para a qual suas primas tinham sido transferidas.

A mãe de Bruna destaca também que a escolha dessa escola se relaciona ao fato de que sua irmã era professora nessa instituição e dava boas referências da mesma, o que foi fundamental para que essa escola integrasse o “conjunto de escolha” (BELL, 2005, p.19) ou “repertório de escolha” (BELL, 2005, p.24) da família. Tânia ressaltou que suas sobrinhas que estudaram nessa instituição se formaram na UFV:

[...] porque eu tenho uma irmã que é professora de história, e minha irmã dava aula lá. Ela falou assim: “Lá é bom e tal”, e o ESED RAT também, na época em que Bruna estudou lá era um colégio muito bom! E a gente fica ouvindo os outros falarem que... tinham sobrinhas minhas que estudaram lá, tem sobrinha do meu marido que estudou lá, hoje ela formou na UFV. Então já tinham essas referências e eu coloquei ela lá (Tânia, *mãe*, Família Silva).

Segundo Bell (2005, p. 28):

As redes proporcionam acesso a reflexões e julgamentos sobre as escolas que não estão disponíveis na lista do Estado, nos testes de pontuação, nas credenciais dos professores e nos níveis de graduação. As redes proporcionam acesso às experiências reais de pessoas reais [...] redes sociais podem ajudar os pais a imaginar como seus filhos poderiam se sair em determinada escola.

Conforme já mencionado, na efetivação da escolha da escola pública onde matricular a filha, Tânia considerou não só a opinião da irmã que era professora na mesma, mas também a trajetória escolar bem sucedida de sua sobrinha que frequentou essa escola durante a educação básica e ingressou na UFV.

Na escolha do Colégio Portinari para matricular Bruna, quando ela cursava o ensino médio também teve um peso a recomendação de outra sobrinha de Tânia que se formou em Agronomia na UFV e, atualmente, cursa o mestrado nessa instituição. Tânia disse que essa sobrinha destacou o fato de que o colégio privado tinha poucos alunos e, portanto, os professores tinham como dar maior atenção a cada estudante. A trajetória escolar longa e de sucesso dessa sobrinha e o fato de que ela tinha frequentado esse mesmo Colégio deu um peso maior à sua recomendação.

Aliado à indicação da sobrinha, outro fator que contribuiu para que Tânia efetuasse a transferência dos filhos para o colégio privado foi a visão negativa que ela tem dos estabelecimentos de ensino da rede pública. Andrade (2012) e Nogueira (2013) também observaram em suas pesquisas a representação negativa que os pais que transferiram seus filhos de escolas da rede pública para colégios privados tinham do ensino público. Assim, mesmo que a matrícula dos filhos se desse em colégios privados menos reputados, com os custos das mensalidades mais acessíveis, era visto como melhor que deixar os filhos em

estabelecimentos públicos. Na pesquisa de Nogueira (2013), os pais investigados relataram que o maior problema das escolas públicas era a falta de segurança, assim, os alunos estariam expostos a um ambiente onde circulariam drogas e armas, o que poderia ser propício ao desenvolvimento da criminalidade infanto-juvenil.

Em sua entrevista, Tânia também mencionou a questão da insegurança como um dos problemas da escola pública. Ela disse: “Hoje tem aluno que responde à professora, a professora tem que... ou mandá-lo sair de sala e não dar mais confiança pra aquilo, porque não pode levar o caso muito longe não, e sofre ameaça, né?”. Tânia também se refere à indiferença do corpo docente em relação ao ensino, como um problema que caracteriza as escolas públicas. Ela disse:

Igual Bruna já estudou na escola pública... não entendeu a matéria e se alguns alunos estivessem conversando, o professor: Ah, não entendeu? Não vou explicar mais, porque para o que eu ganho aqui é o suficiente. Ou senão, falava assim... o que eu tinha raiva na escola pública também é de professor falar: Ah, eu ganho tão pouco aqui, se vocês aprenderem pra mim tanto faz (Tânia, *mãe*, Família Silva).

Tânia disse que realiza cobranças dos professores que trabalham no Colégio Portinari, o que não acontecia na escola pública. Por estar pagando pela educação dos filhos, essa mãe vê uma melhor recepção dos professores a possíveis cobranças que vierem a receber por parte dos pais:

Então ó, eu acho que na particular você pode cobrar, você cobra mais dos professores, entendeu? Tipo assim [...] se o Rodrigo está com problema na matemática igual ele tem, se ele não entendeu a matéria, eu posso chegar perto professor e falar com ele: “Olha, meu filho não está bem, será que você pode dar uma atenção especial pra ele?” (Tânia, *mãe*, Família Silva).

A greve dos docentes que trabalham na rede de ensino público, a qual traria prejuízos ao nível da aprendizagem dos alunos, foi outro problema da escola pública apontado por Tânia. No trabalho realizado por Nogueira (2013) a questão das greves também esteve presente nos depoimentos dos pais como um aspecto negativo da escola pública. Conforme Tânia os alunos são prejudicados durante o movimento grevista. Ela disse:

Ela [Bruna] ficou 4 anos lá, só que nessa época, nesses 4 anos que ela ficou lá estava tendo muita greve da escola. Tipo assim, teve uma vez que tiveram 4 meses de greve. Aí eu falei com... eu pensei, cheguei, conversei com meu marido e nós chegamos à uma conclusão, quando ela fosse fazer o ENEM, com esse tanto de greve que tinha, a menina não ia ter, né? Não ia ter formação nenhuma pra fazer uma prova boa (Tânia, *mãe*, Família Silva).

Outra razão apontada por Tânia que se refere à sua desconfiança em relação ao ensino público é a quantidade de conteúdos ensinados nessa rede de ensino que, em sua opinião, “deixa a desejar”. Referindo ao percurso escolar de Rodrigo, ela disse:

[...] acho que o nível do ensino da escola pública deixa muito a desejar. Pra você ter uma ideia, quando ele passou pro Colégio Portinari, coisa que os meninos lá já tinham visto, e sendo que ele [Rodrigo] saiu de uma escola pública boa, ele ficou perdidinho! Ele não sabia nada! O inglês, por exemplo, ele falava assim: “Mãe, o que a professora passa pra mim eu não sei ler, o que eu escrevo no caderno muito menos!” (Tânia, *mãe*, Família Silva).

Tânia, apesar de elencar vários problemas da escola pública, destaca que o maior deles é a grande quantidade de alunos em uma sala de aula, essa questão pesou fortemente na escolha do Colégio Portinari: “Então, quer dizer, não é uma sala muito lotada e lá, assim... como que eu te falo? Eles dão muita assistência pro aluno. [...] Eles têm professor individual, têm monitoria, se quiser, lá tem, lá tem sala de...”.

Outra razão que fez com que essa família escolhesse o Colégio Portinari, foi o valor da mensalidade²⁴:

Só que também eu olhei o preço um pouco, sabe? Porque lá no Colégio Portinari também, eu consegui meia bolsa! [...] Então, eu fui e conversei com o A., aí como eu já tinha essa sobrinha que tinha estudado lá, eu conversei com ele e tudo. E a proposta que fez pra mim coube no nosso bolso, aí... (Tânia, *mãe*, Família Silva).

Dado que Bruna e Rodrigo consideram outros que colégios privados oferecem um ensino de melhor qualidade no contexto educacional de Viçosa, se comparados ao Colégio Portinari, o custo da mensalidade parece ter pesado fortemente nessa escolha. Tânia disse ter considerado, durante o processo de escolha, outro estabelecimento de ensino privado, o Colégio Eça de Queiroz, visto que a instituição situa-se mais próxima ao local de moradia da família. No entanto, o valor da mensalidade a impediu de escolher esse Colégio:

Então, eu tinha olhado no Eça de Queiroz, porque [...] é aqui perto de casa. [...] no Eça de Queiroz também eles me davam meia bolsa, mas só que a meia bolsa do Eça de Queiroz saía muito fora pra mim, sabe? Assim, fora do nosso padrão, pra pagar uma escola (Tânia, *mãe*, Família Silva).

A análise dos dados permite considerar que o objetivo dessa mãe era evitar estabelecimentos da rede pública de ensino e escolher uma instituição privada com algum diferencial de qualidade, mas a família não considerou todo o “repertório de escolha” (BELL, 2005, p. 24) no contexto local de Viçosa. Cabe destacar ainda que os relatos de Tânia indiciam que ela presume que as condições de aprendizagem oferecidas pelas instituições privadas são sempre melhores que as da rede pública. Tânia parece desconhecer a hierarquia existente entre os colégios privados de Viçosa e ao longo da entrevista enumerou vários

²⁴ Considerando o desconto, o valor da mensalidade paga pela Família Silva ao Colégio Portinari é de R\$ 450,00. Já o material adotado por esse estabelecimento de ensino para os anos finais do ensino fundamental no ano de 2015, teve o valor de R\$ 593,00, o qual família optou por pagar à vista. Além dos gastos com a escolarização do filho caçula, a família Silva tinha também os gastos com o cursinho pré-vestibular que Bruna frequentava, o qual no primeiro semestre de 2015 teve o valor de R\$ 390,00 mensais e, no segundo semestre, desse mesmo ano teve o valor de R\$290,00. Portanto, as despesas dessa família com o pagamento de mensalidades escolares gira em torno de R\$ 830,00.

aspectos positivos que considera serem comuns aos estabelecimentos de ensino privados, como: o reduzido número de alunos por sala quando se compara com escolas públicas; a oferta da disciplina de língua inglesa desde o primeiro ano do ensino fundamental; a possibilidade de exigir que os professores ofereçam um atendimento individualizado aos filhos e a preocupação da comunidade escolar com o bem estar dos alunos. Segundo Tânia: “[...] eu acho que quem tem condições [financeiras], tem que pagar uma escola particular desde novinho. [...] Eu acho que ajuda muito.”

No caso desta família, a filha mais velha foi transferida para o Colégio Portinari em uma etapa já avançada de sua escolarização. De acordo com Tânia, a época em que Bruna ingressou nesse Colégio, as condições financeiras da família ainda eram difíceis: “Porque antes era difícil, não tinha nem como pagar escola particular. Quando Bruna entrou era muito difícil. Quer dizer, a vida da gente melhorou, né? Graças a Deus!”

Bruna e Rodrigo consideram que esse último, o caçula, foi beneficiado por ter ingressado no colégio privado na transição das séries iniciais para as séries finais do ensino fundamental. Rodrigo disse: “Eu acho que é favoreceu a mim, né? Porque vou ter ensino melhor, vou ter mais chances no ENEM... o aprendizado por ser melhor.”

Os filhos da Família Silva (da mesma forma que a mãe, Tânia) têm uma representação negativa da escola pública. Nessa família, Bruna, a primogênita que ingressou no colégio privado primeiramente, participou de seu próprio processo de transferência e também no do irmão da escolha pública para o Colégio Portinari. Ela disse:

Foi quando eu fiz... eu fiz cursinho pré-COLUNI [...] e o professor passava matéria de física, por exemplo, a gente ainda não tinha física. Ainda não tinha começado [...] só que eu já estava fazendo cursinho no primeiro ano. Ele explicava algumas coisas de física que todo mundo que estava lá sabia e eu não sabia de nada. Eu falei assim: “Ó mãe desse jeito, não vai ter jeito não!” Era muita coisa que o professor dava e os alunos discutiam com muita facilidade, eu não sabia, porque lá não tinha dado ainda. Inglês principalmente que era básico do básico, redação eu não tinha e nem sei se tem aula de redação lá (escola pública que frequentou), se é integrado, eu não sei como que é, porque até onde eu estudei lá não tinha. Eu falei assim: “Não, vai ter que trocar” [...] (Bruna, *filha*, Família Silva).

Bruna disse que expôs sua opinião à sua mãe baseando-se na experiência de teve após ter frequentado uma escola pública e o colégio privado. Ela disse:

No Colégio Portinari já foi assim: “Não mãe tira, coloca lá [*no Colégio Portinari*].” Porque o ESED RAT, a gente estuda lá, a gente vê muita coisa. E sei que pra menino é muito complicado, porque pra desvirtuar é muito fácil. Lá é um colégio que é muito fácil você matar aula, é muito fácil enganar professor e sair de sala, é um colégio muito grande e tem uma área, um pátio enorme. Negócio lá... até de mata... enorme... então era muito fácil, aí já não queria que minha mãe colocasse ele lá não, eu falei com ela. [...] É, pelo o que a gente via lá, falei: “Ah mãe coloca lá é um colégio bom e tal, eu vou estar saindo então assim, o dinheiro que você ia pagar pra mim você paga

pra ele, então isso não é o problema.” Aí ela colocou ele lá, mas eu já interferi [...] (Bruna, *filha*, Família Silva).

Nessa fala Bruna demonstra sua preocupação com o processo de escolarização do irmão. Ela temia que Rodrigo se “desvirtuasse” na escola pública que era grande e oferecia outros atrativos para que os alunos, sobretudo os do sexo masculino, que eram estimulados a “matar” aulas.

Na etapa inicial da escolarização, Bruna e Rodrigo frequentaram distintas escolas, o que se explica pela ordem de nascimento, pela diferença de idade e pelas condições econômicas da família que se alteraram ao longo dos anos. Conforme Glória (2007), as famílias pertencentes às camadas médias por ela entrevistadas, evitavam matricular os caçulas nos mesmos estabelecimentos de ensino frequentados pelos primogênitos, quando a experiência dos primeiros não era bem sucedida. A Família Silva parece ter vivenciado uma situação semelhante, pois não matriculou Rodrigo nas mesmas instituições frequentadas por Bruna. Se por um lado a situação financeira da família se alterou, por outro, é provável que a experiência escolar da filha mais velha nessas escolas tenha levado a família a adquirir conhecimentos acerca do contexto educacional de Viçosa e a refletir sobre a escolha das escolas em que o filho caçula estudaria.

A única instituição que os dois irmãos frequentaram foi o Colégio Portinari, no qual ingressaram em etapas diferentes do processo de escolarização. Enquanto Bruna cursou apenas os dois últimos anos do ensino médio nesse colégio, Rodrigo foi matriculado a partir do sexto ano. Nesse Colégio a família pretende que conclua a educação básica.

Os processos de escolha dos estabelecimentos de ensino frequentados por Bruna e Rodrigo envolveram diversos critérios que foram se aprimorando no decorrer da trajetória escolar de cada um dos filhos. Ressalta-se a participação da filha mais velha no processo de escolha dos estabelecimentos que frequentaria e seu papel na transferência do irmão da escola pública para o Colégio privado.

2.4 As práticas socializadoras familiares

Por meio das práticas socializadoras as famílias se fazem presente na vida escolar dos filhos. Dessa forma é importante considerar essas práticas nos grupos familiares estudados nessa pesquisa. Para tanto, foram coletados dados a respeito da rotina de estudos dos filhos, das práticas culturais, das práticas de leitura e das formas de lazer das famílias.

É a partir da matrícula de Rodrigo, filho caçula da Família Silva, no Colégio Portinari que se inicia a estruturação de uma rotina de estudos diária no período vespertino.

Ao chegar da aula, após almoçar e descansar, ele faz o dever de casa e estuda por cerca de uma hora. Rodrigo está livre para fazer as atividades que lhe agradam. Suas horas livres não são direcionadas nem monitoradas pelos pais. Segundo Tânia, essa rotina de estudos é ampliada quando Rodrigo tem provas:

Quando tem prova, lógico que ele vai estudar... quando tem prova, além de fazer esses horários que ele faz o dever, quando eu chego em casa a noite, eu dou uma revisão com ele nessas matérias que eu te falei que eu manejo mais ou menos. Agora ele sozinho, estuda matemática, português, à noite quando eu chego ele pega e estuda mais um pouco (Tânia, *mãe*, Família Silva).

Em seu estudo Laureau (2007) destaca que é comum dentre as famílias de classes trabalhadoras deixar um tempo livre mais longo para as crianças fazerem as atividades de sua preferência, excetuando-se alguns limites, o que não ocorria com os filhos das famílias de camadas médias, cujas horas livres eram organizadas pelos pais que tinham o objetivo desenvolver os talentos e a autonomia dos filhos, o que certamente gerava vantagens no ambiente escolar para os filhos dessas famílias.

Bruna frequenta o cursinho no turno noturno e aulas particulares de redação em um dia da semana. De acordo com sua mãe ela não é muito dedicada aos estudos. Sobre o tempo de dedicação aos estudos, Bruna disse:

[...] dia de quinta-feira eu tenho aula de redação, aí eu fico na rua à tarde, três horas começa minha aula e eu já fico lá pro cursinho, então dia de quinta-feira, geralmente, eu só refaço uma redação, que eu tenho que refazer e tal. Dia de semana de manhã eu ajudo minha mãe às vezes em algumas coisas, fico por conta do Luck [*cachorro da família*] [...] e à tarde eu faço redação, porque lá é muita redação cobrada. Desde o meio do ano pra cá que eu estou fazendo, então, às vezes eu tenho cinco redações pra fazer [...] então eu acabo focando mais na redação que é no que eu me saio melhor, do que em outras matérias, que eu sei que se eu pegar, tipo assim, física pra estudar, eu já não vou conseguir estudar, aí eu já não joga tempo fora (Bruna, *filha*, Família Silva).

Tanto a organização do tempo de Bruna, como de Rodrigo, no que se refere aos estudos no ambiente doméstico, indicia que as práticas socializadoras familiares não se voltam para uma dedicação intensa ao trabalho escolar.

No que concerne ao comportamento no ambiente escolar de Bruna e Rodrigo, eles próprios e sua mãe disseram que sempre foram alunos com bom comportamento. Apenas uma vez Tânia foi alertada em uma reunião que Rodrigo conversava muito com os colegas durante as aulas. A respeito disso, ela questionou o professor sobre seu papel como mãe nesses episódios, uma vez que, em sua opinião, a autoridade na sala de aula é o docente e caberia a ele aplicar uma sanção no filho:

E falo com o professor que dentro da sala de aula... não adianta falar, aqui em casa eu falo: “Rodrigo, sala de aula não é pra bater papo, é pra você estudar! Você tem que prestar atenção na aula”. Mas quem tem que tomar conta da

sala de aula, eu já falei na reunião, é o professor! Aqui dentro da minha casa não mando eu? Quem manda na sala é o professor! Não adianta professor vir falar comigo: “Ah, porque seu filho está conversando”, ué? Põe ele de castigo! Aplica um castigo nele lá, porque eu vou estar lá pra ver se ele está conversando, eu vou chamar a atenção dele? Eu não sei se eu estou certa pensando assim, sabe? Mas ué, quem manda na sala de aula é o professor! (Tânia, *mãe*, Família Silva).

A fala da mãe de Rodrigo descrita acima pode ser compreendida considerando-se as discussões de Thin (2006) sobre o modo de autoridade nas famílias das camadas populares. Conforme esse autor, a autoridade familiar é exercida por meio da repreensão imediata do ato dos filhos. Assim, as sanções são contextualizadas, isto é, a autoridade em famílias desses meios sociais ocorre, por exemplo, por meio de castigos físicos aplicados no momento em que o comportamento reprovado dos filhos ocorre, por isso, a presença dos pais é necessária para repreender o ato. Na escola, por não estarem presentes, os pais acreditam que são os professores os responsáveis por exercer a autoridade dessa forma e, assim, sentem-se impotentes em regular o comportamento dos mesmos no ambiente escolar.

A autoridade de Tânia no ambiente doméstico se dá, sobretudo, por intermédio do controle dos horários de saída e das companhias dos filhos. Ela disse:

Sabe porque eu nunca proibi ela de sair, nunca! Mas eu acho que a gente tem que, tipo liberdade vigiada, você tem que saber onde seu filho está independente se ele tem 10, 20, 30 anos, se ele mora com você na mesma casa, eu acho que é até uma questão de honestidade, ele tem que te informar onde que ele está. [...] Então assim, a gente tem um limite, igual ele vai andar de *bike*, tem o horário, eu sei que pedal não tem muito horário pra voltar, porque vai que a bicicleta fura pneu, o lugar que está o celular não pega, mas a gente sabe com quem que está, tem os números de todo mundo que está, igual Bruna saiu agora, eu tenho dois números de telefone das meninas que saíram com ela! [...] Então tem que ter um certo limite. Porque eu falo assim você não vai engolir seu filho, mas enquanto você puder ter, manter ali uma ordem, senão... sai hoje volta depois de amanhã, não, né? Tem alguém em casa esperando pela gente (Tânia, *mãe*, Família Silva).

O ambiente familiar que é propenso a uma ordenação e a uma regulação das atitudes e dos comportamentos de seus membros, tais como o controle do tempo em que os filhos estão fora, das amizades que eles possuem e dos locais que frequentam, cujos pais possuem uma presença afetiva constante e a preocupação com as atitudes morais da prole podem, segundo Lahire (2004), afetar positivamente a conduta escolar dos filhos. Desse modo, a família cria um ambiente de ordenação, fechado sobre si mesmo com o objetivo de proteger a prole de influências negativas. Tânia, por exemplo, dizendo-se preocupada também com a dimensão moral da educação dos filhos, disse que verifica a bolsa da filha e a mochila do filho:

Eu olho, eu olho a mochila deles até hoje. De Bruna, de vez em quando eu olho a bolsa! Mas do Rodrigo ele sabe que eu olho. Pra ver... porque eu acho que desde criança você tem que olhar, porque vai que eles vão fazer um trabalho lá que juntam as mesinhas, juntam tudo, ele pega um lápis do colega

sem saber, põe na bolsa, entendeu? Eu quero saber de onde vem esse lápis, tal. A gente tem que ter o hábito de olhar (Tânia, *mãe*, Família Silva).

Com relação às práticas de leitura dentre os membros da Família Silva, observa-se que Mário, o pai, não tem o hábito de ler, Rodrigo lê apenas os livros exigidos pela escola e Bruna disse ler livros que tratam da religião espírita, praticada por ela, que não gosta de outros gêneros literários. Já Tânia disse que lê com frequência, conforme o relato a seguir.

Olha, eu vou te falar... meus meninos nenhum tem o hábito de ler livros, revistas, meu marido também não. Agora, eu sou viciada! Eu não sei dormir sem ler um livro, sem ler uma revista. Pode ser até jornal velho. Eu tenho um hábito muito bom de ler! Eu leio assim... se tiver, se eu for pra um lugar que não tiver um livro pra eu ler, eu leio jornal velho, você acredita? Eu não sei ficar sem ler nada! (Tânia, *mãe*, Família Silva).

Os membros da Família Silva assistem televisão diariamente e os principais programas assistidos são: humor, telejornais (Mário e Tânia), variedades e novelas. Rodrigo gosta também de assistir programas específicos sobre a vida dos animais.

A observação das práticas culturais dessa Família indicia que não há uma preocupação quanto ao uso do tempo disponível dos filhos no sentido de desenvolverem competências e habilidades valorizadas no ambiente escolar, ou seja, as práticas socialmente legitimadas.

2.4.1 A socialização entre irmãos

Bruna e Rodrigo possuem sete anos de diferença de idade. Bruna, por ter maior experiência, sempre aconselha o irmão a estudar e a aproveitar melhor o tempo livre e zelar pelo seu bem estar:

[...] se eu tiver algum desentendimento com algum colega lá na escola, ela fala pra... que briga não vai levar a nada, melhor falar com diretor. É... caso de sair na rua, assim, fala pra tomar cuidado [...] fala que tem que prestar atenção na aula é... ter muito cuidado com qualquer tipo de coisa que acontecer lá (Rodrigo, *filho*, Família Silva).

No que se refere ao acompanhamento escolar do irmão, Bruna o auxilia quando ele tem dúvidas ou solicita sua assistência, ela o ajuda principalmente a imprimir trabalhos ou realizar alguma pesquisa. Bruna o incentiva também a estudar para realizar o processo seletivo para o CAp/Coluni:

Falo com ele, porque eu tenho duas primas que entraram esse ano. E eu falei com ele que entrou lá é um curso garantido na UFV, porque o... apesar de ser muito cobrado também, né? Mais do que qualquer escola, porque a gente vê minhas primas aqui, o ensino de lá já é muito parecido com da UFV, então quando a pessoa, o adolescente sai de lá pra poder ir pra Universidade ele já não tem tanto impacto igual a gente que é de escola, porque escola deixa a gente mal acostumado e na UFV não é assim, então acho que a pessoa já está, já está muito mais preparado, tem muito mais maldade do que a gente que é de escola normal, eu falo com ele (Bruna, *filha*, Família Silva).

Bruna conhece a reputação e o prestígio do CAp/Coluni e almeja que o irmão ingresse nessa instituição que, a seu ver, oferece condições para o acesso aos cursos da UFV. Assim como a mãe, Bruna quer que Rodrigo ingresse em uma instituição de ensino superior, para que ele tenha uma profissão digna no futuro:

Eu quero que ele... Mesmo se ele se manter no Colégio Portinari, porque eu acho que a minha mãe vai fazer com que ele faça o cursinho lá pro Coluni e tal, mesmo que ele se mantenha no Colégio Portinari eu quero ver ele formado no curso superior, porque está difícil hoje em dia, você com um curso superior já é difícil, você sem... é trabalhar nestas lojas aqui de Viçosa mesmo porque vai fazer o quê? (Bruna, *filha*, Família Silva).

Os dados revelaram que Bruna não possui uma participação efetiva no acompanhamento do processo de escolarização do irmão, o qual é realizado pela mãe do adolescente. Ela apenas o auxilia com impressões de trabalhos feitos no computador, o que Rodrigo não sabe fazer e a pesquisar determinados temas de trabalhos escolares na internet. Com exceção dessas ocasiões, Rodrigo disse que pede ajuda à irmã quando possui muitas dúvidas. Apesar disso, notou-se uma importante participação de Bruna no processo de transferência do irmão pra o Colégio Portinari. Ela apoiou a mãe nessa decisão falando sobre sua experiência e sua opinião acerca da escola pública. Além disso, o processo de escolarização de Bruna parece ter servido como exemplo para a Família Silva, que passou a evitar para o filho caçula determinados estabelecimentos de ensino frequentados pela primogênita e a matriculá-lo no Colégio que consideraram uma experiência positiva para Bruna.

CAPÍTULO III

A FAMÍLIA ALVES

“Eles têm toda capacidade de entrar na Universidade [...] não precisa ser igual a mim...”

(Entrevista com João, *pai*, Família Alves).

A Família Alves é recomposta, constituída de quatro membros. João, o pai, tem na época da entrevista 43 anos de idade e Fabiana, a companheira de João, 41 anos. Mateus é o filho mais velho, com 17 anos de idade e cursa o 3º ano do ensino médio. Maria, a caçula, tem 12 anos e cursa o 6º ano do ensino fundamental.

A família reside em casa própria, localizada no Bairro Bom Jesus, o mesmo em que mora a Família Silva. Por limitações de tempo disponível por parte de João, o primeiro membro da família a ser entrevistado foi seu filho mais velho, Mateus, que concedeu a entrevista na casa de sua avó materna, que se situa no Bairro de Fátima. Cerca de duas semanas depois João foi entrevistado na casa de sua mãe, também situada no Bairro de Fátima. A filha caçula de João, Maria, só foi entrevistada em janeiro de 2016, pois se encontrava viajando no mês de dezembro. A entrevista com Maria ocorreu na casa da avó paterna. Os locais das entrevistas foram escolhidos pelos três membros da família. Por coincidência, ou por algum motivo, nenhum encontro foi realizado na casa da família. Mateus justificou o fato de a entrevista ser realizada na casa de seus avós maternos, informando que

desde a morte da sua mãe, tem ficado também bastante tempo com eles, já que ambos são idosos e teme por deixá-los sozinhos.

João e a mãe de Mateus e Maria separaram-se há cerca de sete anos. Os filhos do casal moravam com o pai. Laura morou sozinha por um tempo e quando ficou doente voltou a morar na casa de seus pais. Ela faleceu em meados de 2015.

João tem uma companheira, Fabiana, com a qual vive há cerca de quatro anos. A casa em que residem é própria e foi adquirida por meio de financiamento, o qual ainda está sendo pago. Segundo Mateus, seus pais resolveram comprar a casa quando ele tinha dois anos de idade. Anterior a isso, a família residiu por dois anos em casa alugada que se localizava no Bairro Santa Clara.

A família de Laura, a mãe de Mateus e Maria, já falecida, origina-se de São Miguel do Anta, uma cidade vizinha a Viçosa. Seu pai era funcionário da Universidade e, embora saiba ler e escrever, frequentou a escola por um curto período. A mãe de Laura, não era alfabetizada, e teve o ofício de costureira e cabeleireira. Mateus conta que nos últimos anos sua avó decidiu começar a estudar no Núcleo de Educação de Jovens e Adultos (NEAD) da UFV, mas com a doença de Laura, não deu prosseguimento aos estudos.

Laura era a filha mais velha e tinha quatro irmãos. Todos os cinco concluíram o ensino superior, sendo que Laura e mais duas irmãs estudaram na UFV. Mateus e João não souberam informar com exatidão em que curso Laura graduou-se. João acredita que ela tenha cursado Ciência e Tecnologia de Laticínios. Laura não trabalhava em sua área de formação, ela exercia o cargo de servidora pública da Prefeitura de Viçosa, talvez por isso não sabiam precisar o curso concluído por Laura.

Duas irmãs de Laura se formaram nos cursos de Matemática e Nutrição da UFV e são as madrinhas de Mateus e Maria respectivamente. Essas tias têm uma importante participação na vida dos sobrinhos, tendo em vista que estão sempre prontas a lhes oferecer apoio moral e financeiro, mesmo residindo em outros estados. Conforme Mateus, as tias insistem com eles sobre a importância dos estudos e sempre incentivaram os afilhados a realizarem a prova de seleção para ingresso no CAp/Coluni, onde ambas estudaram.

João, o pai, é natural de Viçosa e seus pais, como os pais de Laura, são oriundos de São Miguel do Anta. A mãe de João ocupava-se dos trabalhos domésticos e já foi lavadeira e cozinheira por um tempo. Ela estudou até o 2º ano do ensino fundamental, mas, segundo João, não é alfabetizada. Seu pai estudou até a quarta série e atuava na construção civil. Os pais de João tiveram oito filhos, desses quatro concluíram a educação superior. Um irmão de João é padre e tenente capelão da aeronáutica, outra irmã é formada em Pedagogia e outro

irmão que também concluiu a graduação e trabalha na UFV e, por fim, João, formado em Processos Gerenciais.

Assim como Laura, João frequentou somente escolas públicas de Viçosa, durante o ensino fundamental: Escola Municipal Ministro Edmundo Lins e Escola Estadual Effie Rolfs. O ensino médio, João cursou no Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET) de Rio Pomba integrado ao curso técnico de Agropecuária. Há quatro anos João concluiu o curso superior de Processos Gerenciais. Esse curso, na modalidade à distância foi realizado em uma faculdade privada. João afirma que retomou os estudos com o objetivo de elevar o salário na empresa em que trabalha atualmente, a qual contribuía com 30% do valor da mensalidade do curso, como investimento na formação dos funcionários. João disse:

[...] estão implantando na empresa o plano de carreira, isso e até mesmo por questão do incentivo da empresa da gente estar estudando, melhorando, e também para outras oportunidades que às vezes virem a surgir, às vezes surge outra coisa, você às vezes não ter um superior, igual muitos concursos que deixei de fazer, foi pelo fato de não ter esse curso superior. Então surgiu a oportunidade, ia ficar bem pesado, mas deu pra concluir (João, *pai*, Família Alves).

A fala de João mostra sua convicção que é por meio do capital escolar, isto é, pela certificação escolar, que ele e seus filhos poderão alcançar uma mobilidade social (RIBEIRO, 2014).

Atualmente João trabalha no almoxarifado de uma empresa que fabrica produtos alimentícios. Ele trabalha nessa empresa a 20 anos, de segunda à sexta-feira, durante nove horas por dia. Aliado ao emprego fixo, ele realiza outras atividades para complementar a renda familiar. Há sete anos trabalha em uma churrascaria aos finais de semana, trabalha também como garçom e churrasqueiro. Além disso, atua em alguns domingos como árbitro em jogos de futebol. João disse que concilia esses “bicos” com o trabalho formal, “sempre correndo atrás, fazendo uma coisa ou outra”. Dessa forma, João pode ser considerado um “batalhador”. Segundo Souza (2012) muitos “batalhadores” necessitam ter mais de um emprego para alcançarem uma estabilidade financeira. Essa dupla ou tripla jornada de trabalho não é vivida pelo “batalhador” sem sofrimento, as longas horas de trabalho são acompanhadas por um grande cansaço físico e, conseqüentemente são diminuídas as horas de lazer e o tempo de convivência com a própria família. Para Souza (2012, p.50):

[...] essa classe conseguiu seu lugar ao sol à custa de extraordinário esforço: à sua capacidade de resistir ao cansaço de vários empregos e turnos de trabalho, à dupla jornada na escola e no trabalho [...] a uma extraordinária crença em si e no próprio trabalho.

Apesar do grande esforço gerado pela dedicação a esses trabalhos, João destaca que os “bicos”, além de complementar a renda, permitiram à sua família o acesso a bens, que talvez não pudessem adquirir se ele tivesse apenas um emprego. Seu desejo é propiciar à família uma vida estável e confortável, em que ele e os filhos tenham a possibilidade de estudar. João tem sonhos e sabe que para alcançá-los, precisa “trabalhar duro”. Assim, ele reconhece que a realização de vários serviços foi o que possibilitou a elevação da renda familiar:

Os trabalhos na verdade, eles [...] acabavam entrando como um complemento e acabavam fazendo com que assim a... o nível da gente elevasse um pouco, igual, por exemplo, se eu fosse trabalhar só na PIF PAF e tomar conta dos meninos, da família, hoje talvez eu não tivesse condição de ter um carro, de ter uma casa, entendeu? Sendo minha, talvez eu estaria pagando aluguel até hoje, não teria condição de ter um carrinho. Então assim, isso somou pra isso, sabe? Mas o salário que eu ganhava, ele me mantinha, só que não ia dar pra eu sonhar um pouquinho mais, ter um pouquinho mais de oportunidade, sabe? Igual a faculdade também que eu tinha que pagar, então tudo isso, foi a soma desses esforços, desses serviços extras, que a gente faz que ajuda (João, *pai*, Família Alves).

A renda familiar é constituída ainda da pensão que os filhos recebem da mãe, a qual é paga desde que os pais se divorciaram. Fabiana, a companheira do pai, possui o ensino fundamental completo e trabalha como diarista cinco vezes por semana. Ela tem dois filhos que moram com a avó materna, por isso não contribui com a renda familiar.

3.1 O processo de escolarização de Mateus

No momento da entrevista, Mateus estava concluindo o 3º ano do ensino médio no Colégio Eça de Queiroz, instituição privada que oferece toda a educação básica. De acordo com o Censo Escolar de 2014, publicado pelo INEP em 2015, naquele ano o colégio possuía 226 discentes matriculados no ensino médio, além dos estudantes matriculados na educação infantil e no ensino fundamental, que totalizam aproximadamente 1.000 alunos. Conforme informações de pessoas que trabalham no Colégio Eça de Queiroz, existe a possibilidade de algumas pais conseguirem bolsas de estudos para os filhos em troca da prestação de serviços na escola como, por exemplo, acompanhamento dos recreios, pintura dos prédios ou auxiliares de classe na educação infantil. Além disso, pode ser beneficiado com bolsa de estudos, o aluno que tem bom desempenho em esportes, visto que o Colégio participa de competições escolares.

A trajetória escolar de Mateus teve início quando ele tinha dois anos de idade na instituição do Projeto Ação Social Evangélica de Viçosa, denominada Rebusca. Essa instituição é mantida por meio de doações e recebe crianças cujos pais trabalham²⁵ no

²⁵ Para manter os filhos na Rebusca, as famílias contribuem com R\$ 25,00 mensais.

contraturno escolar e em tempo integral no caso da educação infantil. Como João e Laura trabalhavam durante todo o dia e não tinham condições financeiras para pagar uma babá decidiram colocar os dois filhos na Rebusca quando ambos tinham dois anos de idade.

No 1º ano do ensino fundamental Mateus foi matriculado na Escola Estadual Effie Rolfs, uma instituição reputada na cidade de Viçosa que atende o ensino fundamental e o ensino médio. Essa escola localiza-se no campus da UFV, o que colabora com a sua distinção no contexto educacional local de Viçosa. Essa escola ocupa uma posição favorável na hierarquia dos estabelecimentos de ensino públicos, sendo muito procurada por famílias das camadas populares mobilizadas escolarmente (LACERDA, 2012).

No início do seu processo de escolarização, Mateus ia de transporte escolar para Escola Estadual Effie Rolfs e, no contraturno escolar, para a instituição Rebusca. A partir dos dez anos de idade, ele passou a se deslocar sozinho, utilizando uma bicicleta. Até o 7º ano do ensino fundamental, Mateus conciliou o ensino regular com as atividades na Rebusca. Mateus e Maria relataram que nessa instituição eram realizadas diversas atividades como palestras, passeios e aulas de dança e eles eram auxiliados na realização do dever de casa.

Quando cursava o 7º ano do ensino fundamental, Mateus decidiu deixar a instituição e se dedicar apenas aos estudos e à prática de esportes. Nessa época ele frequentava o Projeto Nadar e seus treinos eram realizados no período noturno. Mateus competia por esse projeto de natação e teve bom desempenho em várias competições. Além da natação, ele praticava também outras modalidades de esporte, o que lhe facultou a concessão de bolsa de estudos no Colégio Eça de Queiroz. Assim, no segundo semestre do ano em que Mateus cursava o 9º ano do ensino fundamental, ele foi transferido para esse Colégio²⁶ privado, onde permanece até hoje, cursando o terceiro ano do ensino médio.

De acordo com o pai de Mateus, quando o filho foi matriculado nessa instituição privada, teve algumas dificuldades de adaptação:

[...] ele chegou na metade do ano, então, o que ele já estava vendo no Effie Rolfs, só tinha visto numa série anterior, então o que chegou e viu, o pensamento dele era assim: “Eu vou chegar lá, no máximo o pessoal vai estar adiantado, mas vai ser uma matéria que vai estar dentro do contexto.” Quando ele chegou e percebeu, aí ele tomou um baque [...] (João, *pai*, Família Alves).

Mateus também mencionou que vivenciou dificuldades quando se matriculou no Colégio Eça de Queiroz. Ele destacou a queda do seu rendimento se comparado a seu

²⁶ O valor da mensalidade do 1º e 2º anos nesse nível de ensino foi de R\$ 730,00 e do 3º foi de R\$ 796,00 no ano de 2015. Mateus tem a bolsa de estudos, mas a família deve custear a matrícula e o material escolar. No ano de 2015, para o 3º ano do ensino médio, o valor da matrícula foi de R\$ 796,00. João disse que a matrícula e o material juntos, geravam um custo aproximado de R\$ 350,00 por bimestre.

desempenho na escola pública, onde era conhecido pelos colegas como o CDF²⁷, e posteriormente no Colégio Eça de Queiroz, onde ele parece ter se tornado um aluno com desempenho escolar mediano:

Então, no começo, igual eu falei, primeiros 6 meses, por exemplo, ficou meio puxado porque era outro ritmo e mesmo eu estando na mesma série que o pessoal, a matéria deles era mais adiantada, aí eu acabei perdendo algumas coisas, eu tive que tentar recuperar. E a questão de desempenho é porque no Effie Rolfs... eu gosto muito de matemática... lá eles me chamavam de “CDF”, no Effie Rolfs, no Colégio Eça de Queiroz, o pessoal já estava mais avançado, eles já desempenhavam mais por estar em um colégio particular, alguns já pensavam no futuro muito mais que no Effie Rolfs e era um nível mais alto, aí eu acabava ficando pra baixo, um pouco mais (Mateus, *filho*, Família Alves).

Inicialmente Mateus menciona sua dificuldade em acompanhar o ritmo da turma na aprendizagem dos conteúdos e que isso o fazia não se sentir, nos primeiros meses no Colégio Eça de Queiroz, como pertencente ao grupo formado pelos colegas de turma. Porém, logo a seguir ele disse que deixou de participar de algumas reuniões e festas dos colegas por falta de recursos financeiros por parte de sua família: “A pessoa... no começo fica meio... coisa, né? Roupas de marca, aquelas coisas tudo e você não tem como socializar, sair final de semana, gastar aquela dinheirama toda (...).”

João relatou que notou uma mudança de comportamento por parte do filho após seu ingresso no colégio privado. Ele disse:

O fato de ele estudar em escola particular, o fato, primeiramente, de ele estudar em escola pública, Mateus era um menino assim muito mais a vontade, esse à vontade eu quero te dizer, porque todo mundo era da classe dele, todo mundo era do perfil dele, todo mundo é normal igual ele, normal assim, você está entendendo? [...] Classe social, entendeu? Agora ele lá no Colégio Eça de Queiroz, ele era mais... ele era um, não era igual todos, ele estava lá por ser bolsista, ele não estava lá porque o pai tinha condição de pagar igual os outros, nem todas as festas que às vezes os meninos participavam, ele não tinha condição de participar porque às vezes eu não tinha condição de pagar. Então nisso, eu tenho certeza que teve esse recuo e ele teve essa diferenciação, ele percebeu essa diferenciação. (João, *pai*, Família Alves).

A dificuldade de integração que Mateus teve com os colegas do Colégio Eça de Queiroz parece estar relacionada aos diferentes estilos de vida de alguns colegas, à posse diferenciada por parte de alguns de bens de consumo e às formas de lazer que estavam relacionadas às condições financeiras das famílias. Segundo João, o círculo de amizades do primogênito diminuiu quando ele foi transferido para o colégio privado.

Mateus disse que com o tempo conseguiu se entrosar com alguns colegas: “[...] ao longo do tempo dentro do colégio alguns, nem todos, mas alguns sim, aproximam, conversam

²⁷ CDF é a sigla de “Cu de Ferro”, a qual, segundo Bourdieu (2007) é uma expressão pejorativa utilizada para se referir a pessoas muito preocupadas com o seu rendimento escolar.

no primeiro dia de aula, por exemplo, e você acaba se entrosando muito rapidamente [...].” Ele se referiu à flexibilidade do Colégio Eça de Queiroz, na aceitação de negociações quanto ao valor das mensalidades escolares a serem pagas pelas famílias que querem ter seus filhos matriculados nessa instituição, mas não dispõem de renda elevada, como uma das razões que faz com que nesse Colégio exista certa mistura social, ou seja, que o corpo discente seja bastante diversificado do ponto de vista social. Ele disse:

É, igual no Colégio Eça de Queiroz tem muita facilidade de, por exemplo, você vai lá e conversa com eles, se você quiser colocar seu filho lá, eles vão te dar uma porcentagem, por exemplo, nem tudo lá a pessoa vai pagar integral, total, tudo. Acaba sendo muito variada a questão social lá, pode ter gente muito rica, classe média, e até uns de classe baixa também, que acabam ganhando bolsa igual eu ganhei (Mateus, *filho*, Família Alves).

Conforme já mencionado Mateus foi beneficiado no Colégio Eça de Queiroz com uma bolsa, mas João paga a matrícula e o material utilizado pelo colégio. Mateus descreve com detalhes em sua entrevista a forma utilizada para pagamento dos valores relativos à matrícula e ao material escolar, o que demonstra que isso só foi possível com negociação familiar e apoio da família extensa:

[...] meu pai não trabalha com cheque, mas minha avó usa, aí a gente pediu ela o cheque, por mês porque a gente dividiu em seis meses eu acho tudo isso, e meu pai foi pagando pra ela a cada mês, ele foi acertando com ela, porque não tinha como ele pagar e ele não trabalhava com cheque, e eles [*Colégio Eça de Queiroz*] eram... cheque ou à vista no caso, dinheiro à vista, lá também não aceita cartão, aí ele fez esse negócio com ela e acabou funcionando [...] (Mateus, *filho*, Família Alves).

Mateus faz uma avaliação muito positiva do Colégio Eça de Queiroz: “Boa escola sim, muito boa escola, tanto do material, dos professores, toda diretoria, do pessoal, eles são muito [...] trabalham pela escola, pros alunos, e acredito que seja uma boa escola sim.”

No momento da entrevista, Mateus já havia realizado o ENEM e aguardava a sua nota para ver como seria o ano de 2016 no que se refere à sua escolarização. Ele desejava ingressar no curso de Engenharia Florestal, uma vez que, em sua visão esse curso ofereceria uma maior possibilidade no mercado profissional:

Engenharia Civil também, mesmo gostando de matemática eu não acho que seja uma coisa que, para o futuro seja tão necessário, porque muita gente está visando esse curso. Eu procuro um curso menos visado, porque tenho a certeza de ter um emprego no futuro sem muita concorrência [...] Direito está muito sendo visado, e Engenharia agora, com essa Olimpíada e Copa, você viu muita gente entrando nesse curso, eu acredito que esses cursos mais altos assim não chegam a me atrair não, eu optei por Engenharia Florestal (Mateus, *filho*, Família Alves).

Além da UFV, Mateus considera a possibilidade de ingressar na Universidade de Brasília (UnB) e na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), tendo em vista que

possui duas tias nesses diferentes estados que já lhe ofereceram estadia, caso a sua nota do ENEM não seja suficiente para ser aprovado na UFV.

Mateus também tem outros planos se não conseguir ingressar em uma universidade pública. Ele cogita também entrar na carreira militar, já que vê grandes benefícios na carreira. Ele disse que seu tio “tem uma vida muito boa”. Mateus considera ainda, como última opção, ingressar em uma faculdade privada.

3.2 O processo de escolarização de Maria

O processo de escolarização de Maria tem sido semelhante ao do irmão. Ela começou a frequentar a instituição Rebusca com dois anos de idade e foi matriculada na mesma escola pública em que Mateus estudou, a Escola Estadual Effie Rolfs, a partir dos seis anos de idade, quando ingressou no 1º ano do ensino fundamental. Maria tem 12 anos de idade, concluiu o 6º ano do ensino fundamental e ainda frequenta a mesma escola, a qual segundo ela continuará a frequentar. Assim como Mateus, Maria estuda em tempo integral, dividindo as atividades da escola regular com a Rebusca. Ela vai de ônibus para essa instituição, depois para a escola e retorna para casa por meio do transporte escolar.

O pai, diferentemente de Maria, disse que tinha a intenção de matriculá-la em uma escola privada, de forma a propiciar a ela a mesma oportunidade que Mateus teve de estudar em um colégio privado, indiciando que também essa família considera aquilo que é consenso no contexto brasileiro, ou seja, que as instituições privadas de educação básica oferecem um ensino de melhor qualidade se comparadas às instituições públicas comuns²⁸.

3.3 As práticas educativas da Família Alves

Além das práticas empreendidas pelos pais da Família Alves deve-se destacar a participação dos filhos no seu próprio processo de escolarização e na escolha das atividades extraclasse a serem realizadas e a atuação do irmão mais velho na trajetória escolar da irmã, por meio da opinião na escolha do estabelecimento de ensino. Os dados revelam, também, uma importante participação dos parentes, principalmente das tias de Mateus e de Maria e até mesmo da Rebusca, na definição das práticas educativas empreendidas por essa família.

²⁸ Instituições públicas comuns estão sendo aqui consideradas aquelas que não são seletivas do ponto de vista social e escolar e não gozam de elevado prestígio acadêmico, como é o caso do CAP/Coluni e de outros colégios de aplicação mantidos pelo poder público federal e os colégios militares.

3.3.1 A escolha do estabelecimento de ensino

A matrícula dos filhos na Rebusca se deu por uma questão de ordem prática, tendo em vista que os pais, ainda casados na época em que Mateus e Maria foram matriculados na instituição, trabalhavam e não tinham com quem deixarem os filhos. Os benefícios trazidos ao processo de escolarização de ambos devido à frequência a Rebusca, fez com que os pais os mantivessem nessa instituição ao longo de boa parte de seu percurso escolar. Os pais consideraram que nessa instituição os filhos estariam seguros, livres de más influências e teriam o acompanhamento de profissionais da educação.

A matrícula dos filhos na Escola Estadual Effie Rolfs foi facilitada tanto pelo fato dos mesmos frequentarem a Rebusca, pois há uma espécie de “associação” entre essas instituições, ou seja, o estudante que frequenta a Rebusca tem certa facilidade em se matricular nessa escola estadual, onde a disputa por vagas é elevada, como pelo fato de que o pai de Laura era funcionário da UFV e havia certa tradição de que a escola atenda estudantes cujas famílias são ou eram funcionários dessa universidade e os pais estudaram na escola e ainda pelo fato de que um irmão matriculado na instituição facilita a conquista de outra vaga para o outro.

É importante destacar que a escola do bairro em que a família reside oferecia o ensino fundamental e se localiza próximo à casa da família, mas nenhum dos filhos foi matriculado nessa escola e sim numa escola pública estadual que goza de prestígio no contexto educacional local, indicando que essa família realizou “escolhas ativas” (HÉRAN, 1996 *apud* NOGUEIRA, 1998).

Segundo João, a escolha pela Escola Estadual Effie Rolfs ocorreu pelo fato de ele próprio já ter estudado nessa instituição e conhecer seu modo de funcionamento, o qual em sua opinião é exemplar quando comparado ao de outras escolas públicas da cidade:

[...] pelo fato de eu já ter estudado lá, eu tinha um conceito muito bom do colégio. Então assim, por eu gostar, ver que a coisa, funcionava muito bem lá, então eu optei de pôr os meninos lá, pelo menos eu pensei: “Se vão ir ficar em uma escola pública, fique numa escola pública que eu conheço, que eu sei como é que é a rigidez, o jeito que era, a organização, e aí por esse motivo (João, *pai*, Família Alves).

Para esse pai a disciplina que uma escola exige dos alunos é um dos fatores mais importantes em um estabelecimento de ensino. Portanto, uma boa escola deve, em primeiro lugar, exigir disciplina e respeito por parte dos alunos:

Pra mim uma boa escola é o seguinte, é que primeiramente começa pelo o respeito que os alunos têm com os professores, isso é fato que eu acho isso fundamental. [...] Eu acho que o colégio tem que ter isso, na minha época era assim, e assim funcionava. Então tem que ter disciplina [...] (João, *pai*, Família Alves).

O principal motivo que levou a Família Alves a transferir o filho mais velho de uma escola pública para um colégio privado foi a oferta de bolsa integral. Mateus, o primogênito, sempre se destacou nos esportes e praticava diversas modalidades. Como competia em diversos jogos escolares e obtinha bons resultados, Mateus foi notado por professores de educação física de colégios privados. Quando ele cursava o 9º ano do ensino fundamental, dois desses professores o procuraram, sendo um deles do Colégio Eça de Queiroz, oferecendo-lhe bolsas de estudos.

As bolsas oferecidas ao estudante eram integrais em ambos os colégios. No entanto, nos dois casos a família de Mateus teria de arcar com os custos das matrículas anuais e do material, o qual era semestral. Quanto à escolha pelo Colégio Eça de Queiroz, os depoimentos de Mateus e João divergem. Esse último diz que ele e Laura não interferiram na escolha entre os dois colégios, que foi Mateus quem decidiu ir para o Colégio Eça de Queiroz por esse ser mais próximo à sua residência. O pai disse:

Não, a única coisa que eu falei com ele foi: “Mateus, em qual você escolher, eu vou pagar, o que tiver de ser eu vou pagar”, aí ele escolheu o Colégio Eça de Queiroz pelo fato de ser mais perto, mas isso aí eu deixei aberto pra ele, como ele conseguiu com esforço próprio dele, então eu falei pra ele: “O que você conseguir, o que você quiser nós vamos fazer”, porque aí já tinha ficado muito mais fácil, né? Aí ele escolheu o Colégio Eça de Queiroz [...]. Foi a critério dele, ele mesmo que quis, ele mesmo que escolheu, não teve interferência de nenhum da gente, ninguém (João, *pai*, Família Alves).

Já Mateus disse que a escolha pelo Colégio Eça de Queiroz se deu devido aos custos dos materiais e da matrícula nesse Colégio que eram menores se comparados ao outro colégio privado que ofereceu bolsa de estudos, assim era o que era mais viável financeiramente para os pais:

[...] eles fizeram as propostas no caso, e pediram a gente pra ir ao colégio, fui com minha mãe, a gente foi no colégio [*nome do outro colégio privado*] e depois a gente veio no Colégio Eça de Queiroz, ouvir as duas propostas, aí nisso dentro do nosso coisa... da nossa vida assim social, ficou mais aliviado pro meu pai e pra minha mãe pra eu estudar no Colégio Eça de Queiroz [...] Igual, a minha mãe que foi comigo olhar as propostas, mas depois a gente juntou, conversou com meu pai também, aí ele falou tipo assim: “Vai apertar um pouco, mas é só a gente acertar os gastos e aceitar”, a gente escolheu, a melhor proposta foi a do Colégio Eça de Queiroz no caso. Facilitar, não prejudicar ninguém (Mateus, *filho*, Família Alves).

Em sua entrevista João disse que embora não tenha interferido no momento em que o filho escolheu o Colégio Eça de Queiroz, hoje ele agiria diferente e aconselharia Mateus a aceitar a proposta do outro colégio privado, tendo em vista que atualmente considera que esse último oferta um ensino de melhor qualidade se comparado ao Colégio Eça de Queiroz. Essa imagem foi construída com base na experiência de uma sobrinha de João que estudou no

outro colégio privado e conseguiu aprovação no curso de Engenharia de Alimentos na UFV. A experiência bem sucedida no ENEM dessa sobrinha fez com que João “acreditasse no potencial do Colégio”. Também o fato de que filhos de amigos se encontram matriculados em outros colégios privados da cidade colaborou para que João compreendesse melhor a hierarquia existente entre os estabelecimentos dessa rede de ensino. Ele considera os dois colégios privados que estão no topo da hierarquia “são os melhores da cidade”. Isto também indica a influência das redes sociais na construção da representação de João sobre a hierarquia de estabelecimentos de ensino privados no contexto de Viçosa e a qualidade dos estabelecimentos.

Na época em que Mateus recebeu as propostas dos dois colégios, mesmo com a divergência entre as falas dele e do pai, é possível perceber que foram considerados apenas critérios de escolha de ordem prática. Segundo João, o filho optou pelo Colégio Eça de Queiroz devido à localização geográfica da instituição na cidade, ou seja, é o Colégio mais próximo de sua residência e os custos com a matrícula e o material eram menores.

João disse que transferir o filho da escola pública para um colégio privado já era um pensamento que ele e Laura possuíam, antes mesmo da oferta de bolsa de estudos pelos colégios, visto que sempre foi o desejo de ambos que o filho tivesse uma trajetória escolar de sucesso e ingressasse no CAP/Coluni, pois assim Mateus estaria apto a ingressar em qualquer curso que desejasse na UFV. Assim, a oferta de bolsa integral para o filho foi um acontecimento de suma importância para a família, uma vez que João e Laura acreditavam na superioridade da qualidade do ensino ofertado na rede privada e essa oferta viabilizou a concretização num tempo mais curto de um objetivo.

Além da convicção de que a educação básica ofertada nos colégios privados é melhor que a pública, a experiência de Mateus e dos sobrinhos na escola privada e o anseio de oferecer aos filhos as mesmas oportunidades escolares, provocou em João o desejo de também transferir a filha mais nova, Maria, da escola pública para um colégio privado.

No momento da entrevista João estava procurando um colégio para matricular a filha e já possuía referências sobre alguns estabelecimentos de ensino privados de Viçosa, obtidos por meio de informações transmitidas por Mateus, pelos sobrinhos e por colegas que têm filhos matriculados em colégios privados. O acúmulo dessas informações permitiu que João construísse uma imagem dos estabelecimentos de ensino da rede privada da cidade. Seu desejo era o de matricular a filha em um colégio bastante exigente em termos de disciplina. Conforme Andrade (2012), os pais esperam que a atuação da escola vá além do ensinamento

dos conteúdos, almejando que a educação moral e a disciplina também sejam trabalhadas com seus filhos.

João, o pai, não considera transferir a filha Maria para mesmo colégio frequentado por Mateus. As razões apresentadas para o evitamento desse Colégio foram o fato de que a filha Maria não gostaria de estudar nesse estabelecimento e as informações que João obteve por meio de suas redes sociais era a que esse colégio não era o ideal para a filha, sem, no entanto, especificar quais as características do colégio não se adaptam ao perfil da filha.

Mateus relatou que seu pai pediu sua opinião para saber se realmente “compensava” transferir Maria da escola pública para um estabelecimento de ensino privado e pediu uma sugestão de qual o melhor colégio para matriculá-la:

É porque, ele me perguntou qual era a diferença, porque no começo [...] fiquei meio cabisbaixo porque eu estava muito apertado [...] ano passado ele já me perguntou [...] se eu acho que compensa, aí eu falei que compensava, porque é muito mais avançado que uma escola pública, aí ele pediu opção [...] tem o Colégio [*nome do colégio privado*] também, que é um colégio muito bom. Que eu falei para a idade dela, o Colégio Eça de Queiroz não seria o ideal, seria o Colégio (nome do colégio privado), aí ele pensou, ele conversou com o pessoal os colegas dele também, alguns tem filhos que estudam em escolar particular, eles também entraram na mesma conclusão com ele, o Colégio [*nome do colégio privado*] seria uma opção muito boa pra ela, pela idade dela (Mateus, *filho*, Família Alves).

Apesar do desejo de matricular Maria em um colégio privado, a Família Alves não possui condições de arcar com os custos integrais das mensalidades dessa instituição. Assim, conforme João, o colégio escolhido será o que tiver o valor da mensalidade mais baixo:

[...] já fiz assim uma pesquisa, uma sondagem por alto, olhei primeiramente se teria alguma que iria oferecer bolsa. As que vão oferecer bolsa... vão oferecer bolsa, mas não para a idade dela, pra série dela, então vai ter que ser mesmo a questão de valor mesmo a que tiver mais em conta que ela vai ter que estudar (João, *pai*, Família Alves).

Conforme Andrade (2015, p.6):

O fator custo se revelou importante, pois, ainda que de origem prática, apresenta-se como limitador de outras motivações para a escolha da escola. Ou seja, para algumas famílias embora não seja o custo o primordial na escolha de uma escola é o essencial para sustentá-la.

As restrições de ordem financeira limitam a consideração de outros critérios de escolha considerados importantes por João, como o rigor de um colégio no que se refere ao comportamento dos alunos. Nesse sentido, parece que, no caso da escolha do estabelecimento a ser frequentado por Maria, a Família Alves, não conseguindo realizar a escolha de acordo com “a opção desejada”, faria a escolha “possível” (NOGUEIRA, 2013, p. 125).

Na visão de João é preferível matricular a filha em uma instituição privada, mesmo que essa instituição não seja a que ele realmente deseja, do que deixá-la continuar frequentando a escola pública, isso porque possui uma visão negativa dos estabelecimentos públicos, principalmente no que diz respeito ao papel desempenhado pelos docentes dessa rede de ensino:

Tem uns professores que às vezes tem deixado a desejar lá, então assim, os meninos chegam em casa e comentam, igual a Maria é muito disso, ela chega: “Ô pai, professora lá está assim, assim, assado”, entendeu? “Deixa de dar aula, pra ficar fazendo isso”. Então este tipo de detalhes as vezes que têm acontecido lá que tem deixado a gente um pouquinho chateado, que é o fato que eu estou pensando também agora, igual o Mateus já saiu também do colégio particular, de eu levar a Maria pra um colégio particular também [...] (João, *pai*, Família Alves).

Para esse pai, os professores da rede privada recebem maior cobrança tanto da direção, quanto dos pais dos alunos e tenderiam a se dedicar mais a profissão:

Na escola particular, os professores além de serem mais cobrados, a escola exige, porque são reuniões muito mais frequentes de pais, sabe? E tem pai que chega lá e fala com o professor, que você vê professor até assim, chorando sabe? Não porque se sentiu ofendido, mas pela cobrança, eu acho que o excesso de pressão que eles, os professores de escolar particular... (João, *pai*, família Alves).

De acordo com João, os estabelecimentos de ensino da rede privada também “cobram” mais dos alunos:

Das poucas vezes que o Mateus foi à escola, as vezes que por algum motivo esqueceu, deixou de fazer [*o dever de casa*], a escola foi e ligou fazendo o comunicado, se o Mateus faltou, por que ele faltou, sabe? O que aconteceu, tudo isso era perguntado, já pelo fato lá na escola pública não é, se você é chamado lá, é quando às vezes o aluno apronta alguma coisa, faz algum tipo de coisa que não é aceito pela escola, não pelo fato dele deixar de fazer um dever, então assim, eu vejo muito mais cobrança em escola particular, em cima do aluno (João, *pai*, Família Alves).

Na visão de João, quando os filhos estão matriculados em estabelecimentos de ensino privados os próprios pais têm maior possibilidade de cobrar os filhos para que eles obtenham bons resultados escolares. Ele disse:

[...] já na escola particular, como você está pagando, e não é barato, você quer exigir do seu filho, “Ó, você dá resultado, se não vou passar você pra outra escola”, você tem como pressionar, e como você pressiona em escola pública? Se ele estiver mal, você vai por em uma escola particular, você vai falar isso? Então não tem... você entendeu a diferença? Então isso incentiva e faz com que dê resultado, eu percebo muito resultado (João, *pai*, Família Alves).

Assim, para João a grande diferença entre os estabelecimentos de ensino privados e os públicos está na maior cobrança existente nos primeiros, tanto da escola, como das famílias sobre os professores, dos professores sobre os alunos e das famílias sobre os filhos. Na visão

desse pai é toda essa cobrança que faz com que as instituições de ensino privadas dêem mais resultados sobre a escolarização dos alunos do que as escolas da rede pública.

Mostrando a representação negativa que possui do ensino público, João disse também que embora tema uma instabilidade financeira na família, busca alternativas para que não seja necessário transferir o filho Mateus do colégio privado para a escola pública ou no caso da Maria, quando ela passasse a frequentar um estabelecimento privado. Ele disse:

[...] eu não pensava em recuar não, única forma que às vezes vai ter talvez, de eu recuar, é que se caso for ter que tirar, infelizmente, nunca gostaria que acontecesse, for por uma questão financeira. Mesmo assim ainda, eu tenho um recurso de pedir um tio, alguém pra que me ajude, ou prestar esse papel, hora nenhuma eu penso em voltar ela pra escola pública mais não (João, *pai*, Família Alves).

Mateus informou também, em sua entrevista, que suas tias maternas já se prontificaram em ajudar financeiramente a família para que Maria possa ser transferida para um colégio privado.

3.3.2 O acompanhamento da escolarização dos filhos

Devido à conciliação do emprego formal com os trabalhos informais que realiza e ao acúmulo de tarefas domésticas, sobretudo após a separação de Laura, João possui pouco tempo para auxiliar os filhos em seu processo de escolarização. No que concerne à realização dos deveres de casa, ele relatou que em algumas ocasiões pede ao filho mais velho, Mateus, que auxilie a irmã mais nova:

Muitas vezes eu não conseguia ajudar com o dever de casa, eles mesmo se viravam, um com o outro, às vezes sozinhos. [...] É até hoje, quando eu não posso, às vezes tenho que chegar em casa, estou fazendo comida ou alguma coisa: “Ô Mateus, ajuda a Maria lá a fazer o dever”, aí ele que ajuda ela a fazer o dever, sabe? (João, *pai*, Família Alves).

De acordo com Glória (2007), o fato de os irmãos mais velhos auxiliarem os caçulas nos estudos traz benefícios não somente para esses últimos, mas também para os primogênitos que relembram conteúdos já estudados. Além da ajuda do irmão mais velho, Maria tem a oportunidade de fazer o dever de casa na Rebusca, onde há estagiários que auxiliam os alunos na realização desses deveres. João destaca dentre os benefícios que os filhos tiveram por frequentarem a Rebusca, o acompanhamento dos deveres:

E a Rebusca também, nesse passo contribuiu muito, porque os meninos chegavam de manhã na Rebusca [...] e primeira coisa ajudava os meninos a fazerem a lição, pra já ir com a lição pronta pra escola. Então como também tinha professores lá, acabava ajudando os meninos a terem mais entendimento da matéria, então como o professor repetia a matéria eles já estavam bem aprimorados quanto aquilo ali, sabe? (João, *pai*, Família Alves).

Ainda que os filhos tenham contado com o serviço prestado pela Rebusca, João verificava se eles realmente haviam feito os deveres e a mãe Laura tinha um papel importante nesse acompanhamento. Mateus, referindo-se ao acompanhamento dos pais, disse: “[...] sempre olhava se estava fazendo, e se tinha, quanto que tinha pra fazer.”

A transferência da escola pública para o colégio privado exigiu um aprimoramento das práticas de acompanhamento da escolarização de Mateus por parte da Família Alves. João contou que essa tarefa era exercida principalmente por Laura, mãe de Mateus, a qual por ter mais tempo livre e bastante conhecimento escolar o auxiliava. Na visão de João foi esse acompanhamento da mãe que ajudou o filho a conseguir acompanhar os conteúdos escolares do Colégio Eça de Queiroz:

[...] na época a mãe dele, como ela tinha bastante conhecimento em termos de matéria, ele vinha pra casa da mãe dele e ficava estudando. Ela pegava ele na parte... depois da 17:00 que ele saía da Rebusca, levava [...] aí depois ele ia pra casa dela, ela apertava com ele nas matérias, segurava ele bem, aí ele deu conta (João, *pai*, Família Alves).

Conforme Mateus tanto a mãe, como o pai eram bastante exigentes no que se refere ao seu rendimento escolar. Essa exigência se intensificou quando ele foi transferido para o colégio privado:

[...] quando eu ia final de semana, minha mãe sempre perguntava, como estava indo a escola, boletim sempre cobravam [...]. Aí a gente chegava em casa: “E o boletim?” [...] eles perguntavam e tinha que entregar o boletim, e quando tirava aquelas notas médias assim, tipo, a média é 15, e tirava 15, eles ficavam: “Isso aqui tem que melhorar”, e não sei o quê. E no Colégio Eça de Queiroz era diferente [...] ficavam assim: “Agora você está vendo que está no Colégio Eça de Queiroz você tem que melhorar mais ainda do que você era antes”, eles sempre ficavam assim em cima da gente, porque igual esse ano eu fiz o Enem, agora eles querem um resultado pra ver se deu tudo certo, se correu tudo bem (Mateus, *filho*, Família Alves).

Mateus disse que sua rotina de estudos diários teve de ser modificada quando ele foi transferido para o Eça de Queiroz, até que ele “pegasse o ritmo dos colegas”:

[...] desde o Effie Rolfs, por exemplo, eu não era aquela pessoa de chegar em casa e ficar seis horas estudando, nunca fui disso, eu sempre tive facilidade de prestar atenção na aula, dentro da sala de aula, e chegava em casa fazia os deveres, e se tivesse alguma dificuldade eu acabava tentando fazer, resolver. E como entrei no Eça de Queiroz tive que mudar isso, porque eu tive que tentar acompanhar o pessoal, porque eu estava muito atrás. Aí no 9º e 1º ano eu já tinha que estudar mais em casa [...] (Mateus, *filho*, Família Alves).

Conforme os relatos, a transferência de Mateus para o Eça de Queiroz exigiu maior dedicação do próprio aluno aos conteúdos estudados no novo colégio e a intensificação das práticas de acompanhamento familiar, para que ele conseguisse “dar conta”.

Durante todo o seu percurso escolar Mateus nunca teve notas abaixo da média. João considera que ele e Maria são alunos focados e possuem bons desempenhos escolares, apesar

de terem passado em alguns momentos por algumas dificuldades, como quando Maria teve uma nota abaixo da média em Ciências. Sobre o rendimento escolar dos filhos ele disse:

Então, os dois, todo tempo eles foram muito bem focados. O Mateus depois... agora nesse terceiro ano, o terceiro ano que ele fez que era integrado, que ele... que a nota dele deu uma recuadazinha, mas toda vida eles foram muito bons alunos, todos os dois. A Maria acho que pela questão da idade ela estar se... achando mais mocinha também, que deu uma reduzida na questão das notas dela, mas todo tempo, até ano passado, ano retrasado, a Maria foi uma aluna exemplar, eu ia nas reuniões de colégio, e os professores falavam: “Oh João, a Maria está de parabéns, tanto com as notas, quanto comportamento”. Então assim, não tenho muito a me queixar dos meninos quanto a isso não (João, *pai*, Família Alves).

Ao longo de sua trajetória escolar, Mateus fez quatro vezes o processo seletivo do CAp/Coluni. Ele disse que suas madrinhas que foram alunas desse Colégio sempre o incentivaram a se apresentar para o processo de seleção e estudar para ser aprovado no exame de seleção. A primeira tentativa ele fez no 8º ano do ensino fundamental, como treineiro.

Maria também recebe esse incentivo das tias assim como o do pai para ingressar no CAp/Coluni:

Já até falei isso com ela já e tal, eu falei com ela, falei: “Maria, oportunidade melhor que você vai ter na vida, vai ser se você fizer um bom Coluni, porque aí você vai estar pronta pra disputar com qualquer um, qualquer vaga em qualquer lugar, fora isso minha filha, você vai ser uma no meio de milhões, concorrendo com coisa muito... sabe... difícil!” (João, *pai*, Família Alves).

Tanto João, como Mateus e Maria conhecem a reputação do CAp/Coluni e o consideram como sendo um estabelecimento de ensino de alta qualidade no contexto educacional de Viçosa. As duas tias que estudaram nesse Colégio de Aplicação também desejam que Maria ingresse nesse Colégio, da mesma forma que aspiravam que Mateus tivesse conseguido aprovação, e tenha uma experiência bem sucedida como ambas tiveram, tendo em vista que uma delas trabalha em um banco e a outra é professora universitária. Elas dão aos sobrinhos apoio afetivo e moral e, se necessário, financeiro, para que eles invistam no processo de escolarização longa.

Lacerda (2012) expõe os motivos pelos quais essa instituição possui tanto prestígio e notoriedade no contexto educativo brasileiro e, principalmente no contexto de Viçosa, uma cidade média:

Dentre as características que distinguem o CAp/COLUNI estão: o tipo de escolarização oferecida, valorizada socialmente e reconhecida, no duplo sentido do termo, ou seja, devido à visibilidade e legitimação dessa formação, que garante aos egressos a aprovação em vestibulares muito disputados no contexto brasileiro; a alta concorrência dos seus processos seletivos; o tipo de organização das atividades acadêmicas que impõe a sucessão ininterrupta de atividades escolares intensas e controladas, elevando ao máximo a produtividade escolar e consumindo todo o tempo disponível dos alunos (LACERDA, 2012, p. 13).

João disse que nunca deixou de ir a uma reunião escolar de Mateus e Maria. Ele e Laura revezavam nas idas às reuniões de pais promovidas pelas escolas. As reuniões no Colégio Eça de Queiroz, eram frequentadas por Laura com mais assiduidade, pois nessa época já se encontrava aposentada e tinha mais tempo disponível. Segundo João, ele e Laura frequentavam também as reuniões realizadas pela Rebusca. A fala de Mateus mostra essa negociação e o envolvimento dos pais quanto à frequência às reuniões promovidas pelas escolas frequentadas pelos filhos: “[...] era mais a minha mãe, como meu pai trabalhava o dia inteiro, aí não tinha como ele ir, quando minha mãe não tinha como ir, ele arrumava um jeito e ia no lugar, mas sempre iam também.”

João também incentiva os filhos a realizarem atividades extraclasse, como a prática de esportes e a frequência a cursos de inglês. Mateus pratica diversas modalidades de esportes como, por exemplo, a natação, o jiu-jítsu e o futebol. Ele também faz um curso de redação com uma professora particular, o mesmo frequentado por Bruna da Família Silva, que é custeado pela madrinha.

No momento da entrevista, Mateus tinha começado há pouco tempo a frequentar um curso de inglês. João contou que já havia alertado o filho sobre a relevância de aprender a língua inglesa para os estudos, mas Mateus só decidiu começar a fazer um curso de idioma estrangeiro, após a realização do ENEM, quando ele próprio percebeu a importância que o aprendizado dessa língua poderá trazer para o seu futuro:

[...] o Mateus eu já tinha falado com ele desde a época que ele estava na Rebusca, ele tinha até começado a fazer inglês, eu falei: “Ô Mateus, esse inglês vai fazer falta pra você, você vai ter que fazer isso qualquer hora, você vai ter que fazer”. Então agora como ele fez o ENEM, então se ele vir entrar na Universidade, vai ser exigido, vai ser exigido mesmo! Então eu falei assim ó: “Se eu fosse você começava a fazer isso o quanto antes, porque depois caso, se Deus ajudar você passar, você não ter que sobrecarregar mais ainda, ficar tendo que fazer inglês, fazer Universidade”, ele podia ter feito isso, quando ele estava com 12 anos que eu paguei pra ele o ICBEU, só que: “A pai não estou gostando, não sei...”, aí não fez, mas aí agora ele viu essa necessidade, ele por si próprio escolheu o curso pra começar fazer (João, *pai*, Família Alves).

Reconhecendo a relevância de atividades extraclasse que desenvolvem importantes habilidades cognitivas nos filhos, João também ensinou o jogo de xadrez a ambos.

Maria, sua filha caçula faz aulas de violino há dois anos no Salão Paroquial da cidade. Essas aulas são gratuitas e foi a própria Maria quem quis começar a aprender esse instrumento musical. Outra atividade extracurricular realizada por ela é um curso de Desenvolvimento de Jogos e Aplicativos que é particular e foi escolhido por Maria, a qual teve a opção de estudar o inglês, mas preferiu o primeiro.

João conta que além dessas atividades, ele vem tentando estimular a filha para que ela comece a praticar esportes para que, assim como Mateus, ela consiga uma bolsa em algum colégio privado da cidade por se destacar em algum esporte:

[...] Maria agora que eu estou começando a implantar com ela também, porque qual que é a minha ideia? A minha ideia é fazer com que a Maria se pareça com o Mateus nessa questão de esporte pra também conseguir uma bolsa, então eu estou treinando com ela handebol, treinando com ela futebol, porque o pouquinho que uma menina jogar bola já é muito, quase mulher nenhuma joga. Já é uma coisa fácil de destacar, então qual é a minha ideia: “Maria, vamos começar a fazer algum tipo de esporte muito frequente, que você vai se destacar, destacando você vai ser igual o Mateus, eles vão te oferecer uma bolsa, se eles oferecerem uma bolsa a coisa fica mais fácil”, entendeu? (João, *pai*, Família Alves).

João deseja que os filhos ingressem na Universidade Federal de Viçosa, por ser uma instituição de excelência que oferece uma educação de qualidade e localiza-se em Viçosa. Ele disse:

Ah! Bom, isso aí eu já falei com eles, priorizei pra eles a questão da Universidade mesmo, eles têm essa oportunidade aqui, está aqui dentro, que façam a Universidade! Eles têm toda capacidade de entrar na Universidade, fazer um curso dentro da Universidade, não precisa ser igual a mim que foi aos trancos e barrancos, ter que fazer uma faculdade aí meia boca, pra falar que tem um diploma, eles podem fazer uma coisa bem feita, eles tem oportunidade, tem idade, tem competência pra fazer uma coisa bem feita (João, *pai*, Família Alves).

A presença do CAp/Coluni e da UFV em Viçosa parece mobilizar a Família Alves no sentido de investir na escolarização dos filhos com o objetivo de que consigam ingressar nessas instituições, da mesma forma que foi observado por Lacerda (2012) em pesquisa realizada com outros sujeitos. Ao se referir à UFV, João diz “Universidade da gente”, o que sugere que essa família, assim como as outras duas que foram investigadas por esta pesquisa, aspiram que os filhos ingressem nessa instituição. Esse pai não vê as quatro pilastras (que são símbolos da UFV e geralmente são vistas como barreiras físicas entre a Universidade e a cidade de Viçosa) como obstáculos para o acesso dos filhos a essa instituição.

João deseja que os filhos tenham um futuro diferente do que ele próprio teve. Ele almeja que ambos tenham uma formação de qualidade e um certificado escolar valorizado socialmente, diferentemente do que ele obteve. Ele almeja que os dois filhos alcancem uma autonomia no futuro, referindo-se a questão financeira, para que construam suas próprias vidas:

Ah! Eu quero que eles, na verdade, sejam pessoas independentes, que não precisem de ficar, por exemplo, eu como esteio, que eles tenham a vida deles própria, que eles não precisem ficar na minha dependência, não precisem ficar na dependência um do outro, que eles tenham a casa deles, tenham o

carro deles, que eles vivam a vida deles, da melhor forma possível, sem necessitar de ninguém, constituam família [...] (João, *pai*, Família Alves).

Sobre a escolha dos cursos superiores pelos filhos, João relatou o seu desejo de que ambos cursem Medicina na UFV, mas destaca que a decisão final é dos filhos:

Ó, pra mim todos eles eu gostaria que fizessem um curso, tipo, igual hoje que tem aqui a oportunidade da Universidade da gente ter medicina, eu gostaria que os dois fizessem medicina. Na minha opinião os dois poderiam fazer, só que às vezes nem sempre isso bate de frente com a vontade da pessoa, igual o Mateus por exemplo, eu queria que ele fizesse isso, e ele já escolheu Engenharia Florestal, não sei porque ele quer ser Engenheiro Florestal, vai ser Engenheiro Florestal, nada contra. Agora a Maria ainda não tem uma cabeça formada, ela não tem, então eu vou tentar ir convencendo ela, jogando alguma coisa nela, pra ver se ela chega nesse [...] mas depois se ela escolher uma outra coisa, não vou ser eu que vou interferir nisso não, entendeu? Isso é critério deles mesmo (João, *pai*, Família Alves).

3.4 As práticas socializadoras da Família Alves

A rotina diária dos membros da Família Alves é envolta de muitas tarefas, tendo em vista que os filhos realizam diferentes atividades extraclasse e o pai concilia distintas atividades profissionais. Apesar do limitado tempo disponível João se ocupa da dimensão moral da educação dos filhos e demonstra sua preocupação em afastá-los de companhias indesejáveis, monitorando as saídas de ambos, sempre levando e buscando-os quando fazem algum passeio com amigos:

[...] buscava na porta, se não fosse eu, às vezes quando ele estava mais novinho que a mãe dele ainda estava com a gente ela buscava, agora que eu estou com a Fabiana, ela às vezes vai de moto e busca, sempre foi bem acompanhado, sempre foi bem monitorado, acho que não tem como ser 100% estar ali perto, porque nem sempre você consegue, mas na maioria das vezes a gente sempre [...] Maria às vezes quer ir pra casa de colegas dela, a Maria vai lá? A mãe da menina está em casa? Ligo pra mãe da menina: Aqui, Maria está querendo ir aí, pode ir? A senhora vai ficar em casa o tempo todo? Ah! Vou João, pode deixar vir sim, vou ficar em casa, não vou sair não... Então tá, se ela quiser sair pra outro lugar a senhora não deixa, vai ficar aí. Assim que funciona (João, *pai*, Família Alves).

A preocupação com o comportamento dos filhos não se restringe aos seus passeios e amizades. Na casa da família Alves existem regras no que se refere à realização de tarefas domésticas pelos membros da família, por meio das quais, João tem como intenção preparar os filhos para a vida adulta. Ele disse:

Igual lá em casa, todo mundo levanta, arruma cama, cada um arruma a sua, acabou de almoçar, cada um lava seu prato, cada dia da semana é um que arruma cozinha, entendeu? Então lá em casa tem tudo isso, mas isso eu faço pra eles, não é porque eu sou exigente, eu sou radical não, é porque isso na vida deles vai ser uma coisa que amanhã eles vão me agradecer, não vou estar aqui às vezes pra ver, mas eles vão ter isso como exemplo (João, *pai*, Família Alves).

Em sua casa, João aprecia a união da família e faz questão que seus membros estejam juntos:

Todo dia que a gente está... final de semana em casa café da manhã é todo mundo na mesa, sabe? Almoçar, ninguém senta em sofá pra almoçar, é todo mundo sentado na mesa, almoça na mesa, janta na mesa [...] Eu tenho essas regras, esses tipos de coisas que eu sigo isso pra mim (João, *pai*, Família Alves).

As regras citadas por João mostram a ordem moral do ambiente doméstico. Segundo Lahire (2004), essa ordem pode ser muito benéfica para o processo de escolarização dos filhos, mesmo que não possua essa finalidade específica. Dessa forma, viver em uma casa que possui regras, em que cada membro tem um papel na residência e os filhos sabem que o pai monitora suas amizades e saídas, pode levar a prole a adotar um comportamento de respeito e adesão às normas escolares, o que, segundo João, Mateus e Maria possuem, e a construção de valores como honestidade e pontualidade, que são muito valorizados na escola.

João preza pela convivência dos membros da família inclusive nos momentos de lazer, quando vão juntos à praia nos feriados ou a sítios de amigos aos finais de semana. Nos fins de semana, Mateus joga futebol, pratica outros esportes e assiste a filmes e a séries no computador.

Maria, usualmente, vai casa à avó paterna, onde se encontra com suas primas. Ela informou também que gosta de acessar as redes sociais na internet, e que, por esse motivo, seu pai regula os seus horários, senão ela fica “até tarde em *facebook*”. Maria informou que gosta de ir a peças teatrais promovidas pela UFV e a apresentações de dança na Rebusca. O pai a acompanha em algumas dessas apresentações.

A Família Alves possui diferentes preferências no que se refere aos programas televisivos. João, além de assistir programas de esportes e telejornais, se diz “um viciado em novelas”, desde quando era jovem. Mateus declarou não gostar muito de televisão e preferir assistir filmes pela internet. Na televisão ele assiste apenas a jogos de futebol. Maria, assim como o pai gosta de novelas, porém voltadas para o público infantil e desenhos.

As práticas de leitura dos membros da Família Alves se resumem a leituras de notícias em *sites* da internet por João e Mateus, esse último estimulado pelos professores do Colégio Eça de Queiroz, que ressaltam a importância de estar informado sobre os acontecimentos atuais para se sair bem na prova de redação do ENEM. Mateus lê também revistas emprestadas pela tia que é assinante da Carta Capital. Ele disse que apesar de já ter lido alguns romances por vontade própria, não gosta de ler e atualmente lê somente quando é exigido pela escola.

João disse que exige de Maria a leitura de alguns livros infantis, pois reconhece a importância das práticas de leitura, no entanto, a filha caçula não gosta de se dedicar a essa prática.

A relação entre os irmãos Mateus e Maria, conforme ambos disseram, é de amizade. Mateus auxilia a irmã mais nova nos deveres de casa quando sua ajuda é solicitada por ela ou pelo pai. No entanto, a influência de Mateus no processo de escolarização de Maria vai além do acompanhamento do dever de casa, pois sua opinião e também sua experiência escolar foram fatores importantes que nortearam as ações de João em relação ao percurso escolar da filha caçula.

Maria disse que o irmão sempre a incentiva a estudar. O fato de já estar na última etapa da educação básica, em um colégio em que o nível de ensino que mais se destaca é o médio, Mateus convive com professores que estimulam os alunos a estudarem para ingressarem em uma instituição de ensino superior de prestígio. Da mesma forma convive com colegas com os quais compartilha ansiedades e momentos de estudos em grupo. Assim, estando mais informado sobre o sistema de ensino da cidade de Viçosa, Mateus aconselha a irmã a estudar e ingressar no CAp/Coluni. Além disso, sua ansiedade em relação ao ingresso na UFV provavelmente é sentida pela irmã na convivência familiar.

CAPÍTULO IV

A FAMÍLIA COSTA

“[...] todos os dois, meus filhos, sempre foram assim, sempre tiraram as melhores notas, 3º bimestre já passam de todas matérias.”

(Entrevista com Valéria, mãe, Família Costa).

A Família Costa é nuclear, constituída de quatro membros. Valéria, a mãe tem na época da entrevista 42 anos de idade e Cláudio, o pai, 41 anos. Lucas é o filho mais velho com quinze anos de idade e cursava o primeiro ano do ensino médio na época da entrevista. Pedro tem 12 anos, cursava o sexto ano do ensino fundamental.

As entrevistas com os membros da família Costa foram realizadas no apartamento da família que se situa no Bairro João Braz, em Viçosa. Conforme Ribeiro Filho (1997) esse bairro possui uma grande heterogeneidade do ponto de vista social. Existem áreas habitadas por uma população socialmente favorecida e outras onde se concentram bolsões de pobreza. Nesse bairro há uma escola municipal, que oferece a educação infantil e os anos iniciais do ensino fundamental, Escola Municipal Anita Chequer. Essa instituição possuía no ano de 2014 um total de 174 alunos, sendo 28 da educação infantil e 146 matriculados nos anos iniciais do ensino fundamental.

Valéria e seus dois filhos foram entrevistados em uma mesma tarde. Isso ocorreu por solicitação da mãe, que justificou seu pedido informando que dispunha de pouco tempo. Valéria demonstrou muita solicitude em responder as perguntas que lhe foram feitas e,

principalmente, em narrar sua trajetória escolar e a do seu marido, Cláudio, que se formou em Ciências Contábeis- ela estava se formando em Pedagogia.

Os pais de Cláudio não concluíram os anos iniciais do ensino fundamental. Seu pai era torneiro mecânico e trabalhava em uma fábrica situada em São Paulo e sua mãe se ocupava dos afazeres domésticos. Cláudio tem mais dois irmãos, dentre os quais um concluiu o ensino médio e a outra está cursando Pedagogia na modalidade à distância. Cláudio trabalha como motorista na Empresa Brasileira dos Correios há cerca de vinte anos. Segundo Valéria, o sonho do marido sempre foi o de estudar na UFV. Assim, quando ele concluiu o ensino médio ele se apresentou três vezes para o vestibular dessa Universidade, mas não obteve aprovação. No entanto, após vários anos da conclusão da educação básica, já casado e com filhos, Cláudio frequentou por um ano o cursinho preparatório no qual obteve uma bolsa e se apresentou novamente para o vestibular da UFV, tendo sido aprovado para o curso de Ciências Contábeis.

Cláudio integralizou seu curso de graduação em cinco anos, portanto um ano a mais que o tempo regular. Valéria conta que esses foram “anos intensos” em que ele se afastou da família e se esforçou muito para concluir seu curso:

Ele tomava banho lá no serviço mesmo (*risos*), levava todos os dias roupa e tomava banho no serviço, e ia para aula e era aquela correria! Ele ficou 5 anos afastado da família mesmo, porque era só eu que cuidava dos meninos, dia de sábado, ele chegava do serviço 13h, tomava um banho, descansava um pouco e 17h ele ia para a biblioteca e ficava lá até 23h 30min, todo final de semana! E dia de domingo. Então foi assim intenso! Esses 5 anos dele foram muito intensos! E a família ficou por minha conta durante 5 anos, ele era só trabalhar e estudar mesmo, não... nem tinha como se envolver com família não, problema de família não (Valéria, *mãe*, Família Costa).

O relato de Valéria descreve a dedicação intensa de Cláudio aos estudos e sua disciplina no uso do tempo, pois ele trabalhava quarenta horas semanais e estudava no turno noturno. O esforço de Cláudio se assemelha aos dos “batalhadores” descritos por Souza (2012).

Para esse autor, o grande desafio dos “batalhadores” consiste em conciliar o trabalho com os estudos. Essa situação pode gerar a vivência de conflitos interiores e exteriores devido à quantidade de tarefas a serem cumpridas. A grande carga de trabalho pode também afastar o “batalhador” de sua família, o qual em muitos casos não possui nem mesmo os fins de semana livres.

Mesmo após tantos esforços para a conclusão do curso, Cláudio nunca trabalhou na sua área de formação. Segundo Valéria, ele não pretende trabalhar como contador, pois os ganhos financeiros advindos dessa profissão seriam menores do que aqueles que ele possui

atualmente exercendo a função de carteiro motorizado. Ainda que a conclusão do curso de graduação tenha sido valorizada na carreira de Cláudio, gerando a progressão na carreira e o aumento da remuneração, o fato de ele ter ingressado na UFV, após várias apresentações no processo seletivo, indicia que Cláudio tinha o forte propósito de estudar e se formar nessa Universidade, em decorrência do prestígio da mesma no contexto local. Valéria conta que o marido realizava muitas entregas na UFV e isso fez com que mantivesse a aspiração de ingressar na Universidade, durante o período de interrupção de suas apresentações ao processo seletivo e o ajudou na construção de estratégias para efetivar seu objetivo, por exemplo, frequentando o cursinho preparatório para o processo seletivo durante um ano.

Valéria, ao contrário de Cláudio, não constituiu a aspiração de ingressar na UFV, pelo contrário: “(...) a gente tinha na cabeça que entrar na UFV era impossível, que aquilo ali não era para gente.” Valéria é oriunda de uma família que passou por fortes privações de ordem material, tendo vivenciado diversas dificuldades na infância e parte da adolescência, algumas delas relacionadas ao fato de ser órfã de mãe, que faleceu quando ela tinha três meses de idade.

O pai de Valéria era Auxiliar de Serviços Gerais na Prefeitura de Teixeira, município vizinho de Viçosa (MG), e não chegou a concluir o 1º ano do ensino fundamental. Segundo a filha, ele “lê muito pouco”. Sua mãe era costureira e estudou até o 2º ano do ensino fundamental. O casal teve quatro filhos e Valéria é a mais jovem dentre eles.

A condição de órfã de Valéria fez com que ela não tivesse uma residência fixa durante toda a sua infância e parte da adolescência. Alternava entre morar com parentes e com o pai, que se casou novamente, até completar 12 anos. Ela disse que, por diversos motivos, como a morte da avó materna e conflitos com o pai, nunca ficava muito tempo em uma mesma casa residindo com familiares.

Valéria começou a trabalhar cedo, com 12 anos de idade, em serviços domésticos, primeiramente como babá e depois como diarista, ocupação que exerce atualmente. Nessa época ela cursava o 6º ano do ensino fundamental. Desde que começou a trabalhar, até o seu casamento com Cláudio, ela residiu nas casas das famílias com as quais trabalhava. Assim, a cada mudança de emprego, também mudava o local de moradia.

A constante mudança do local de residência foi o motivo relatado por Valéria para o fato de ter frequentado diferentes escolas públicas durante seu percurso escolar. Quando concluiu o ensino médio, nessa época com mais de 20 anos de idade, ela interrompeu seus estudos. Observa-se, portanto, que Valéria foi submetida a uma situação degradante que é o trabalho infantil e, ainda assim, conseguiu prosseguir seus estudos. Essa situação permite

pensar sua trajetória com a de uma brasileira batalhadora, nos termos apresentados por Souza (2012). Para esse autor (op. cit.), muitos “batalhadores” conciliam estudo e trabalho, tendo em vista que precisam trabalhar para se sustentar e auxiliar a família de origem.

Valéria cursou o ensino médio profissionalizante, tendo concluído o magistério. Após a conclusão da educação básica, parou de estudar por 14 anos. Nesse período, casou-se e teve dois filhos. Cláudio a incentivou a prestar o vestibular para ingresso na UFV. Ela disse que no início relutou, mas: “(...) quando começou a dar o final do curso dele, eu comecei a pensar: - Bem, agora se eu começasse a estudar, ele poderia cuidar dos meninos para mim, para eu estudar, e se a gente invertesse os papéis agora?”

Valéria iniciou sua preparação para o vestibular em casa, estudando sozinha e prestou seu primeiro vestibular com a intenção única de “ver como era a prova” e não obteve aprovação nessa primeira apresentação. No ano seguinte, conciliando estudo, trabalho e afazeres domésticos e as “coisas de igreja” (ela era catequista e coordenadora do grupo de reflexão da sua rua) Valéria se apresentou novamente para o vestibular da UFV e foi aprovada no curso de Pedagogia. Ela destaca, com orgulho, o fato de ter sido aprovada no vestibular sem ter frequentado cursinho preparatório e relembra com alegria o dia em que viu seu nome na lista de aprovados: “Foi um dia assim, acho que fiquei uns dois dias no mundo da lua (*risos*), sem mentira nenhuma, acho que foi o dia mais feliz da minha vida aquele dia!”

Ao longo de todo o curso de graduação Valéria confirmou sua condição de “batalhadora”, conciliando estudos e trabalho. Ela trabalha como diarista em três casas diferentes quatro vezes por semana e sua jornada de trabalho varia entre seis e onze horas diárias. Aliado ao trabalho na casa das famílias, o qual conforme Pochmann (2012) é exercido, sobretudo, por mulheres provenientes das camadas populares, Valéria atuou também, no último ano do seu curso de graduação, no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), cujas atividades eram desenvolvidas nas escolas públicas de educação infantil e ensino fundamental duas vezes por semana.

As trajetórias de Valéria e Cláudio, conforme já mencionado, podem ser consideradas típicas de um casal “batalhador”, pois ambos vivenciaram por alguns anos de sua vida uma jornada tripla (trabalho, estudos e cuidados com a família). Para a realização dessa jornada destaca-se, além do grande empenho de cada um, o apoio moral entre eles no decorrer desse período e a divisão das tarefas entre o casal. Souza (2012) destaca a importância do capital familiar e o auxílio mútuo entre os membros da família para que essa alcance uma estabilidade financeira ou até mesmo uma mobilidade social. No caso desta família, a mãe assumiu os cuidados com a família e com a casa, enquanto o marido trabalhava e estudava.

Quando Valéria retomou os estudos, o marido assumiu tarefas no ambiente doméstico para que ela pudesse se dedicar aos estudos. Mesmo que ambos não tenham ampliado significativamente o capital econômico com a certificação escolar²⁹, o casal adquiriu capital escolar, o que traz reconhecimento social à família, o que, segundo Alves *et al.* (2010), os torna mais aptos a investirem simbolicamente na educação dos filhos.

Durante os primeiros oito anos da vida de casados, Valéria e Cláudio moraram em uma casa alugada, localizada no bairro João Braz. O trabalho de Cláudio nos Correios, cujo salário era acrescido de horas extras, e a remuneração de Valéria ampliaram a renda familiar e fizeram com que a situação financeira da família melhorasse “consideravelmente”. Além disso, o acesso ao crédito permitiu a obtenção de bens de consumo que antes eram inacessíveis para a família. Valéria disse:

Ah! melhorou, também por causa do fato de eu trabalhar, e também eu acho que assim, houve uma... uma oportunidade de melhora sim, essa forma de você ter crediário para você comprar, então facilitou muito, facilitou muito a vida da gente, propiciou a gente adquirir bens, que até então a gente não sonhava em ter, quando nós casamos a gente tinha uma televisão, uma televisãozinha de 14 polegadas, que eu tinha comprado bem antes de casar, depois foi melhorando, depois a gente comprou uma de 21, depois melhorou, hoje tem uma de 40, foi melhorando, e geladeira a gente tinha também uma de 300 e alguma coisa, 320 litros, trocamos. Mas é o crediário mesmo, que proporcionou essa mudança de vida assim, condições de comprar um carro, financiamento, mais acessível, foi isso mesmo, o crediário (Valéria, *mãe*, Família Costa).

A situação econômica vivenciada pela Família Costa se assemelha àquela vivenciada por outras famílias estudadas por Souza (2012) e Costa (2013) e se referem a um determinado período da conjuntura econômica brasileira. Para esses autores a ampliação do acesso ao crédito nos últimos anos possibilitou que famílias de camadas populares obtivessem bens de consumo anteriormente destinados apenas às camadas favorecidas da população. Vicente (2013) também aponta que para as famílias que elevaram a renda recentemente o consumo pode ser visto como uma forma de se afirmarem enquanto cidadãos e de se sentirem incluídos em um mundo que veem como o ideal: ter uma casa equipada com eletrodomésticos, móveis, enfim, bens de consumo que antes de ampliarem a renda mensal não podiam ter.

A casa própria de Valéria, que foi obtida há seis anos por meio de financiamento, se constitui como um exemplo daquilo que o acesso ao crédito trouxe para a vida dessa família:

Foi financiado, inclusive nós financiamos na Caixa, na época, em 25 anos, mas vamos pagar com menos de 10, menos de 10 anos, se Deus quiser, a prestação já está bem baratinha, estamos pagando R\$ 130,00 reais agora,

²⁹ Após o término da entrevista, perguntei à Valéria se ela pretendia exercer a profissão docente. Ela respondeu com incertezas, falou sobre a baixa valorização econômica e social da profissão e da dificuldade de lidar com a indisciplina dos alunos.

então acho que o crediário, financiamento proporcionou isso, essa melhora (Valéria, *mãe*, Família Costa).

Além da aquisição de bens de consumo essa família se preocupa em investir na escolarização dos filhos. Pedro, o filho caçula foi matriculado em um colégio privado porque os pais não encontraram vaga na escola pública que consideraram como sendo a que oferta um ensino de melhor qualidade. Isso mostra que essa família, no intento de oferecer a eles uma educação de qualidade, investe recursos econômicos em sua escolarização.

4.1 Os processos de escolarização de Lucas e Pedro

O filho mais velho de Valéria e Cláudio, Lucas, tem 15 anos e está cursando o 1º ano do ensino médio. Sua trajetória escolar teve início na Escola Municipal Anita Chequer com quatro anos de idade na educação infantil. Ele permaneceu nessa escola, que se localiza no bairro onde a família reside, até a conclusão dessa primeira etapa da educação básica.

Atualmente Lucas está matriculado na Escola Estadual Effie Rolfs, na qual estuda desde o primeiro ano do ensino fundamental, quando foi transferido da Escola Municipal Anita Chequer para esse estabelecimento. Lucas utiliza atualmente o transporte escolar público para ir à escola. Ele já utilizou o transporte escolar pago e quando estudava na escola do bairro era levado pela mãe.

O irmão caçula de Lucas, Pedro, tem 12 anos e está no 6º ano do ensino fundamental. Assim como o irmão, o processo de escolarização de Pedro se iniciou quando ele tinha quatro anos de idade no mesmo estabelecimento de ensino, a Escola Municipal Anita Chequer. Aos seis anos ele foi transferido para a Escola Estadual Madre Santa Face, situada no centro da cidade onde cursou os anos iniciais do ensino fundamental. Devido ao fato desse estabelecimento não oferecer a segunda etapa desse nível de ensino, Pedro foi transferido para o Colégio Tarsila do Amaral, uma instituição privada, onde a família pretende mantê-lo até o término do ensino fundamental, tendo em vista que esse colégio não oferece o ensino médio.

O Colégio Tarsila do Amaral foi fundado em 1996 e atende a educação infantil e o ensino fundamental. É um estabelecimento de ensino pequeno e não possui muitos alunos. Nos anos iniciais do ensino fundamental havia 90 discentes matriculados em 2015, dentre esses 16,6% vieram de escolas públicas. Nos anos finais desse nível de ensino, o número de alunos se reduz quase pela metade, apenas 50 alunos estavam matriculados do 6º ao 9º ano do ensino fundamental, desses, 12% foram transferidos de escolas públicas. A maior parte dos alunos que está matriculada no ensino fundamental está na instituição desde a educação

infantil, nível de ensino que mais atrai estudantes nesse Colégio. O valor da mensalidade do Colégio Tarsila do Amaral para os últimos anos do ensino fundamental é o mais baixo dentre todos os estabelecimentos de ensino que compõem o contexto educacional privado de Viçosa. Para o primeiro segmento desse nível de ensino é de R\$ 320,00 e para o segundo segmento é de R\$ 350,00, segundo a diretora da instituição. A clientela desse colégio é predominantemente composta por estudantes oriundos de famílias de camadas populares mobilizadas escolarmente e, por isso, buscam um estabelecimento de ensino privado, o qual, presumem, tem um ensino de melhor qualidade, ou seja, a “imagem-guia” (BALLION, 1991 *apud* NOGUEIRA, 1998, P. 52) leva-os a considerá-lo de melhor qualidade se comparado aos estabelecimentos públicos.

Pedro, quando ingressou no Colégio Tarsila do Amaral, não sentiu dificuldade em se relacionar com os colegas ou se adaptar ao trabalho pedagógico realizado pela instituição. Pedro, disse que “gosta bastante” do Colégio, o qual, em sua visão possui um “ensino mais aprofundado” do que aquele oferecido pelas escolas públicas. Assim como o filho, Valéria está satisfeita com o Colégio. No dia da entrevista, ela afirmou que já havia efetuado a rematrícula do filho para o ano seguinte.

Pedro utiliza as linhas regulares de transporte coletivo para se deslocar de sua residência para o Colégio Tarsila do Amaral. Para a escola pública ele utilizava o transporte escolar particular. Com a transferência para a escola privada, a família precisou reduzir os gastos com o transporte. Valéria disse: “[...] o mais novo eu tirei [*do transporte escolar privado*] por causa da escola particular, porque, eu falei pra ele: ‘Pagar a escola e pagar a van, sendo que a lotação é mais barato, fica puxado’. Então, tirei por causa disso.”

A Família Costa reduziu gastos para que Pedro pudesse estudar em um colégio privado. Lucas, o filho mais velho, que também vai para a escola utilizando linhas regulares de transporte coletivo, ganha o vale transporte da Prefeitura, pois estuda em um estabelecimento de ensino público. Cabe destacar que a família tem menos gastos com a escolarização do primogênito que estuda em um estabelecimento público³⁰.

³⁰ Conforme já mencionado Lucas estuda na Escola Estadual Effie Rolfs a qual se localiza no campus da UFV e ocupa o topo da hierarquia dos estabelecimentos públicos de Viçosa, especialmente em função dos resultados que essa escola tem alcançado nas avaliações externas, como ENEM e Prova Brasil.

Os investimentos mais vultosos são feitos na escolarização do caçula³¹ que frequenta o colégio privado. Para Nogueira (2013), o grupo pertencente às camadas populares que ampliou a renda mensal faz pesados esforços a fim de manter os filhos em estabelecimentos de ensino privados, reduzindo gastos e, abrindo mão, muitas vezes, de lazer e conforto em prol do processo de escolarização da prole.

Valéria e Cláudio almejam para os filhos uma educação de qualidade. Com a exceção da escola que Lucas frequenta – Escola Estadual Effie Rolfs –, os pais não consideram a opção de matricular seu filho caçula em outra escola pública.

4.2 As práticas educativas empreendidas pela Família Costa

No que se refere ao acompanhamento do processo de escolarização dos filhos e ao investimento em atividades extraescolares, notou-se uma limitada ação da família. Considera-se que o pouco tempo disponível, sobretudo por parte da mãe, que sempre foi a principal responsável pelo processo de escolarização da prole, o exercício de ocupações manuais por parte dos pais e a confiança que esses possuem na dedicação dos filhos aos estudos e em seus desempenhos escolares levaram essa família a não investir em práticas educativas como o acompanhamento e orientação do dever de casa, a realização de atividades extraclasses que colaboraram no desenvolvimento de habilidade valorizadas no ambiente escolar, dentre outras. Cabe destacar, no entanto, um “tipo específico de presença da família” na escolarização dos filhos, conforme observado por Viana (1998) e o “trabalho escolar” dessa família, discutido por Portes (2001).

4.2.1 A escolha do estabelecimento de ensino

Os dados obtidos revelaram que a escolha do estabelecimento de ensino é a prática educativa mais efetiva dessa família. A Família Costa se dedicou a fazer “escolhas ativas” (Héran, 1996 *apud* Nogueira, 1998) do estabelecimento de ensino desde o início do processo de escolarização dos filhos, ou seja, do primeiro ano do ensino fundamental. O critério de escolha do estabelecimento de ensino frequentado pelos filhos na educação infantil foi de ordem prática, isto é, em função da localização da escola pública que ofertava esse nível de ensino no bairro onde a família reside, o que facilitava para levá-los à escola.

³¹ Segundo Valéria o custo da mensalidade do Colégio Tarsila do Amaral era de R\$ 368,00 no ano de 2015. No caso dessa família, o valor do material foi dividido em quatro vezes de R\$ 216,00: duas parcelas pagas no primeiro semestre e duas no segundo semestre. Valéria disse que ao renovar a matrícula de Pedro nesse estabelecimento de ensino, foi informada que as quatro parcelas do material teriam que ser pagas nos primeiros quatro meses do ano. Além desses gastos, Pedro vai de van escolar para o colégio. Valéria disse que os gastos com o transporte giram em torno de, aproximadamente, R\$100,00 mensais.

A mãe afirmou que sua intenção foi manter os filhos em estabelecimentos de ensino próximos à casa na primeira etapa do processo de escolarização dos filhos. Já no ensino fundamental ela desejava matriculá-los na Escola Estadual Effie Rolfs, a qual ela considera como uma das melhores escolas públicas de Viçosa:

Porque era perto de casa, né? Mais fácil para levar, buscar, e também era só educação infantil mesmo que eu tinha ideia de deixá-lo aqui, porque eu sempre quis colocar ele em um colégio estadual, e eu já tinha isso em mente, que ele ia ficar aqui com 4 e 5 anos, e com 6 ia tentar levar para lá [*Escola Estadual Effie Rolfs*] (Valéria, mãe, Família Costa).

Valéria, quando Lucas tinha a idade adequada para ingressar no ensino fundamental, realizou a inscrição dele na escola pública escolhida – Escola Estadual Effie Rolfs – e conseguiu uma vaga nessa instituição por meio de sorteio. Lucas iniciou o ensino fundamental nessa escola onde permanece até hoje.

Já com relação ao percurso escolar de Pedro, o caçula, desde o início da escolarização, a intenção de Valéria era matriculá-lo no mesmo estabelecimento de ensino frequentado por Lucas. A frequência do filho mais velho a essa escola, levou Valéria a desenvolver sentimentos de confiança em relação à instituição, por esse motivo, seu desejo era também matricular Pedro nessa escola. Certamente também, o fato de Valéria ser estudante da UFRV e a escola estadual se localizar no campus favoreceu que essa mãe obtivesse informações sobre a escola e sua posição no *ranking* de estabelecimentos públicos de Viçosa. Além disso, é preciso observar também que, conforme Bell (2005), os pais de camadas populares tendem a matricular o filho caçula no mesmo estabelecimento de ensino frequentado pelo primogênito, quando a experiência escolar desse último tivesse sido bem sucedida.

Valéria disse que também fez a inscrição de Pedro para o sorteio de vagas na Escola Estadual Effie Rolfs, no entanto não obteve sucesso:

E o Pedro fez a mesma trajetória, dos 4 anos ali, 5, e a ideia era essa, levar para o Effie Rolfs também. E eu tentei, fui na Estação Cultural fazer a inscrição dele, só que quando eu cheguei lá para fazer a inscrição do Pedro, tinham mudado as leis, parece que até o ano que o Lucas entrou podia levar, depois começou esse negócio de zoneamento, e eu não poderia levá-lo, eu tentei, mandaram deixar o nome dele, mas não consegui (Valéria, mãe, Família Costa).

Diante da impossibilidade de matricular o filho caçula na Escola Estadual Effie Rolfs, Valéria buscou informações com uma amiga que atua como professora na Escola Estadual Madre Santa Face, a qual, na opinião dessa mãe é o melhor estabelecimento de ensino público de Viçosa que oferta os anos iniciais do ensino fundamental. Valéria conseguiu matricular o filho nessa instituição. Observa-se, assim, tanto a importância da rede de amigos no processo de escolha do estabelecimento de ensino, como também o fato de que essa família

teve acesso a um tipo de informação que pode ser considerada qualificada, uma vez que foi dada por uma professora que conhece a lógica de funcionamento dos sistemas de ensino.

Após Pedro ter cursado os anos iniciais do ensino fundamental nessa escola, Valéria inscreveu novamente o filho para o sorteio da Escola Estadual Effie Rolfs, tendo em vista que a instituição frequentada por ele não oferecia os anos finais desse nível de ensino. No entanto, mais uma vez, ela não conseguiu a vaga. Diante da não obtenção da vaga na escola pública pleiteada, a Família Costa decidiu-se por transferir Pedro para um colégio privado. Essa decisão se fundamenta na visão negativa que os pais têm dos outros estabelecimentos de ensino públicos da cidade e, portanto, busca evitá-los. Valéria disse: “Eu e o pai decidimos isso. Falei assim: - E agora o que nós vamos fazer com ele? Ele [*o pai*] falou assim: - Vamos tentar... vamos colocar ele em escola particular. Comecei a batalha do vamos atrás da escola”.

Nessa “batalha” para escolher o colégio em que o filho estudaria, a Família Costa considerou apenas duas instituições, tendo em vista que a mãe já tinha ideia dos valores das mensalidades dos colégios privados de Viçosa. Ela disse que sempre teve como referência de ensino um estabelecimento da rede privada de grande prestígio na cidade. Assim, Valéria inscreveu o filho para o processo seletivo desse colégio, o qual oferece descontos proporcionais à nota dos alunos. Realizada a prova, Pedro conseguiu obter 45% de desconto nesse estabelecimento de ensino³². Mesmo com a redução do valor da mensalidade, a família Costa não possuía condições de arcar com os custos das mensalidades e dos materiais didáticos desse colégio. Valéria disse que foi até a instituição e tentou conversar com uma das gestoras, mas não foi possível obter um desconto maior: “Eu fui lá conversei com ela, tentei, mas ela não... deixou, ela falou que não tem como, ela falou assim: - Não, não tem como dar desconto além do que ele fez na prova, é só isso mesmo, R\$ 590,00, não tem como baixar mais”. De acordo com Valéria o colégio não abria mão do valor integral da matrícula, o que aumentava ainda mais a dificuldade da família em transferi-lo para essa instituição.

Não conseguindo matricular o filho no colégio que sempre teve como referência de ensino de qualidade, Valéria procurou o Colégio Tarsila do Amaral, onde o valor da mensalidade era mais acessível:

[...] eu fui no... Colégio Tarsila do Amaral, levei as notas dele, para ela ver e tudo, ela olhou as notas dele, falou assim: - Nossa, excelente aluno, é de aluno assim mesmo que nós estamos precisando aqui. O preço estava muito mais em conta, aí eu coloquei lá, por essa opção (Valéria, *mãe*, Família Costa).

³² Conforme Valéria, o valor da mensalidade com o desconto obtido pelo filho era de R\$ 590,00 com o material didático incluso.

Dessa forma o custo da mensalidade revelou-se um fator muito importante para a escolha do estabelecimento de ensino pela Família Costa. Portanto, não podendo escolher o colégio desejado, aquele que Valéria considera o melhor estabelecimento de ensino privado da cidade, a família fez a opção pela instituição de educação básica cujos custos eram compatíveis com os rendimentos da família.

A transferência do filho mais novo para o colégio privado escolhido ocorreu, sobretudo, pelo fato da não obtenção de vaga na escola pública desejada. A mãe afirmou que não matricularia Pedro em outra escola pública de Viçosa e demonstrou uma visão negativa dos estabelecimentos dessa rede de ensino. Valéria disse: “Não! Não volta [*para a escola pública*], falei: - Trabalho dobrado, agora 24 horas se der. [...] seria um retrocesso na vida dele.”

Para Valéria o principal problema da escola pública é o grande número de faltas dos professores, as quais comprometeriam seriamente a aprendizagem dos alunos, tendo em vista que os conteúdos necessários não seriam transmitidos, em decorrência das faltas dos docentes:

Não é mais aquela coisa, porque escola pública, muita falta de... o que eu vejo até o 5º ano vai muito bem, porque é um professor só, então vai muito bem mesmo, mas depois que passa do 5º ano, começa aquela série de professores, aonde que complica, por quê? Muita falta de professor. Hoje não teve aula de geografia, porque não tem professor, até que eles passam por aquela burocracia do contrato de professor, já se passou um mês, enquanto ele não está tendo aula, porque não tem professor de geografia, a escola particular tem todo dia, então aí que eu vejo a diferença, porque quando ele chega mais cedo em casa, porque faltou professor de matemática, o da particular está tendo a aula de matemática dele, está avançando lá na frente ó [...] (Valéria, mãe, Família Costa).

Para essa mãe, assim como para os outros pais pesquisados, os professores que atuam no ensino público agem de maneira distinta dos docentes que trabalham em colégios privados. Os primeiros teriam suas atividades pouco controladas pelos órgãos públicos, enquanto os professores que atuam em colégios privados, por serem mais “cobrados” pela direção, pelos pais e pelos próprios alunos tenderiam a se dedicar mais à profissão de professor. Na visão de Valéria, o baixo controle sobre a atuação dos professores da rede pública tende a favorecer o absenteísmo docente:

[...] porque pra ele [*o filho matriculado no colégio privado*] não falta professor, faça chuva, faça sol, tem professor na sala de aula, e na pública não, se não tem professor, fica aquela vaga lá ó, o menino vem embora mais cedo, ou fica lá cumprindo horário mesmo, então isso faz a diferença (Valéria, mãe, Família Costa).

Na visão de Valéria, além das faltas dos docentes, outro problema da escola pública é o pouco compromisso com a transmissão dos conteúdos previstos para cada ano escolar e, especialmente, o baixo nível de exigência sobre os alunos. Ela disse:

[...] porque eu vi o prejuízo dele foi nessa área aí, porque a escola particular tem maior conteúdo do que o... o conteúdo é mais abrangente do que a pública, ela suga mais do aluno, porque o aluno tem potencial, e a escola pública acomoda. [...] não tira o melhor do aluno, o melhor que ele pode dar de si, fica com aquela... com o básico ali, o que ele der está bom, e a particular não, particular suga mesmo, tira o sangue, o suor do menino, Pedro até emagreceu depois que foi para a escola particular (*risos*) (Valéria, mãe, Família Costa).

Apesar de considerar que Lucas, o filho mais velho, estuda na melhor escola pública de Viçosa, onde ela queria que o filho caçula estudasse, Valéria compara o ensino ministrado a Pedro no colégio privado e aquele que Lucas tem acesso na escola pública, destacando que a quantidade de conteúdos escolares e o momento da escolarização em que esses conteúdos são transmitidos deixa Lucas em desvantagem:

Então, o principal motivo da escolha, foi não conseguir essa vaga mesmo no Effie Rolfs porque eu não escolheria outra escola dentro de Viçosa que fosse pública, porque é... por enquanto é uma das melhores, pública. Se ele não for para a melhor pública, onde que eu vou colocá-lo? Particular! Porque eu não vou colocar ele em uma escolar pior do que ela, e o ensino da escola pública, eu te falo com toda sinceridade, caiu muito! Seria um retrocesso, porque a escola particular é o que eu te falei, ela tenta tirar o melhor do aluno, a pública não tenta, a pública faz só o que dá mesmo ali, não tenta! Não tenta porque fica naquela assim de que os alunos não acompanham, eles não querem e fica por isso mesmo, particular não, particular o aluno têm que acompanhar! E o ritmo é puxado, é acelerado, é muito conteúdo, são muito abrangentes os conteúdos, ele [*Pedro*] estuda matéria que o irmão dele fala: “Ô mãe estou vendo isso aqui agora no ensino médio! Ele está no 6º ano.” Ele [*Lucas*] pegou a prova de História do Pedro e falou: “Mãe, eu não vi isso quando eu estava no 6º ano”. Ele [*Pedro*] está fazendo matéria que o irmão [*Lucas*] dele está fazendo agora, e escola pública não faz isso (Valéria, mãe, Família Costa).

Apesar de afirmar que os conteúdos do colégio privado são mais abrangentes do que os que são trabalhados na escola pública e salientar alguns “problemas” dessa rede de ensino, comparando os estabelecimentos em que os filhos estudam, Valéria não pretende matricular Lucas em um colégio da rede privada, apesar de acreditar que o ensino oferecido pela escola frequentada por Lucas venha perdendo a qualidade. A mãe não explicou os motivos que a levaram a tomar essa decisão. Acredita-se que essa opção esteja relacionada à dificuldade de ordem financeira em manter dois filhos em instituições privadas e ao valor escolar de cada filho.

Cabe destacar que os estágios realizados por Valéria em estabelecimentos públicos no âmbito do curso de Pedagogia que frequentou e de sua atuação como bolsista do PIBID, favoreceram o conhecimento do contexto educacional de Viçosa.

4.2.2 O acompanhamento da escolarização dos filhos

A casa da Família Costa possui um quarto destinado somente aos estudos, equipado com uma escrivaninha e um computador. Esse cômodo da casa foi transformado em quarto de estudos, quando Cláudio ingressou na UFV. Nessa parte da casa está exposta uma grande foto dele no dia de sua formatura. Segundo Valéria, a foto foi colocada com a intenção de que os filhos, ao entrarem no cômodo se sintam motivados a seguirem o exemplo do pai.

Valéria disse que atualmente não acompanha efetivamente o processo de escolarização de Lucas e Pedro. Conforme a mãe, esse acompanhamento “mais próximo” se efetuou, sobretudo, até o terceiro ano do ensino fundamental. A partir do quarto ano, ela deixava “tudo por conta deles”, desde a verificação dos materiais escolares à realização do dever de casa:

Não, desde... eu acompanhei até o 3º ano, do 3º ano para frente não precisaram mais, quando têm alguma dúvida pergunta, mas tudo... o que está no ensino médio [*Lucas*] nem pergunta nada mais, nem para mim nem para o pai. E o Pedro, esse ano ele teve algumas dúvidas de matemática, mas aí consultou o pai dele e resolveu. Mas assim, de acompanhá-los mesmo foi até o 3º ano (Valéria, *mãe*, Família Costa).

Embora o auxílio dos pais não seja mais tão frequente, Valéria, contou que em sua casa, a realização do dever é uma exigência que ela faz aos filhos cotidianamente. Ela disse: “Dever de casa sempre! Nunca deixo sem fazer. [...] A única pergunta que eu faço todo dia é: - Tem tarefa? Porque eu vejo sempre ali, né? Tem tarefa?, eles: - Tem mãe, daqui a pouco vou fazer, e faz. Só isso que eu faço todo dia.”

Em sua pesquisa, Nogueira *et al.* (2015) perceberam que as práticas educativas das famílias de camadas populares por eles investigadas iam se modificando no decorrer das trajetórias escolares dos filhos e dependiam também do desempenho escolar da prole. Assim, nas famílias em que os filhos obtinham bons resultados escolares, ou naquelas em que os filhos eram mais autônomos e responsáveis, o acompanhamento escolar por parte da família era menor.

Valéria ressaltou em diversos momentos da entrevista o excelente desempenho escolar dos filhos. Ela mostrou os boletins de ambos que, de fato, apresentavam excelentes resultados. No entanto, a mãe disse que os filhos não estudam em casa, nem mesmo quando têm provas: “Semana de prova: - Prova de quê? Eles: - Prova disso. Mas não vi você estudando. Eles: - Mas eu não estudo. Eles estudam na escola. Eles: - Eu presto atenção no que o professor está falando. Em casa não.”

O paradoxo entre o fato de os filhos não estudarem em casa e terem bons resultados escolares já levaram Valéria a se questionar sobre o nível de exigência das escolas

frequentadas pelos filhos. Segundo a mãe, essas dúvidas se resolveram quando transferiu o filho mais novo para o Colégio Tarsila do Amaral, onde Pedro manteve sua prática de prestar apenas atenção nas aulas e não estudar para as provas em casa, sem que isso representasse queda no seu rendimento escolar:

[...] todos os dois, meus filhos, sempre foram assim, sempre tiraram as melhores notas, 3º bimestre já passam de todas matérias. Eu e o pai [*marido*], sempre que a gente conversava, a gente falava assim: “Ou essas escolas estão muito fracas, ou esses meninos são muito inteligentes, não é possível!” O menino todo ano, 3º bimestre já passou de tudo, só nota boa, igual o Pedro era só A, desde o 1º ano. A gente tinha essa dúvida, esse monte de interrogação: “Será que a escola está muito fraca? Ou ele é muito inteligente?” Aí quando colocamos ele na particular, que nós vimos a diferença que é, de conteúdo, de uma escola para outra, e continuou com as mesmas notas, e no 3º Bimestre já tinha passado de tudo, que ele [*marido*] viu e falou: “Realmente, não era a escola que era fraca não, era ele mesmo que é um pouco mais avançado”. E eles são assim, e não são aqueles meninos de estudar, você não vê eles estudando para prova: “Amanhã vou ter prova disso, estou estudando.” É só na escola, desde o início, só na escola (Valéria, *mãe*, Família Costa).

Durante o tempo que estudavam, os pais Valéria e Cláudio, alternavam entre si a ida às reuniões que ocorriam nos estabelecimentos de ensino frequentados pelos filhos:

Então é assim, quando ele estava estudando, era só eu que frequentava todas as duas reuniões, agora ficou assim, enquanto eu estava estudando ele que participava das reuniões, esse ano que é um ano que eu adiei o curso, que foi um ano mais *light*, está dando pra eu conciliar, às vezes dá pra eu ir eu vou, quando dá pra ele ir ele vai (Valéria, *mãe*, família Costa).

De acordo com Valéria, mesmo que Cláudio tenha comparecido em algumas reuniões escolares dos filhos e esclareça ocasionais dúvidas em termos de conteúdos que esses venham a ter, o acompanhamento da escolarização de Lucas e Pedro é exercido principalmente por ela. Para Valéria essa é uma tarefa executada, sobretudo pela mãe:

É mais por minha conta. Essa função é mais delegada a mãe mesmo, o pai fica mais por fora, aliás, fica por fora de muitas coisas, porque ele sempre tentou criar, assim, uma relação de amizade com os meninos, mas não sei, parece que os filhos têm uma barreirinha com os pais, muito difícil de atravessar, não sei porque que é criado isso, mas eles têm isso, com mãe não, com mãe é facilidade, chegam da escola vêm te contar aquela novidade, aquela coisa, conversa com você, com o pai eles não fazem isso. Eu não sei se é muito por causa da gente também, porque eu sou assim, desde que foram pra escola, já ia buscar na escola, eu já ia perguntando como é que foi, o que tinha acontecido de diferente e não sei o quê, e a gente vai criando esse laço, e com o pai eles não têm isso, eles não têm isso com o pai deles, agora, é coisa da gente mesmo, que a gente tem essa preocupação com os filhos (Valéria, *mãe*, Família Costa).

Valéria disse que seus filhos Lucas e Pedro nunca tiveram problemas na escola, nem no que tange ao desempenho escolar, nem de ordem comportamental, por esse motivo, mesmo que sempre frequente as reuniões escolares dos filhos, ela não conhece muito os professores deles. Ela disse:

Corpo docente, aí está uma coisa que eu não posso te falar muito, por quê? Por causa dessa... dessa coisa deles não me darem problemas na escola, então assim, você está sempre tranquila, quando você vai à escola e pergunta alguma coisa: “Ah seu menino? Ah nossa, ótimo, não dá trabalho nenhum, não sei o quê”, tem professor que consegue nem saber o nome, porque fala que é aluno que não incomoda, acabam não frisando, aquele aluno que incomoda muito acaba frisando o nome dele de tanto falar, porque todo dia você fala, todo dia, toda hora está falando. Quando eu fui lá, por exemplo, pegar uma nota dele que tinha ficado do... que eu fui lá pegar porque não estava pronta, quando eu voltei a menina ficou assim: “Primeiro ano”, a supervisora, aí ela está assim: “Não estou conseguindo lembrar do seu menino, não estou conseguindo lembrar. Porque a gente conhece muito aluno, mas o seu não estou conseguindo lembrar”, eu falei: “Pois é, ele estuda aqui desde os 6 anos”, ele já está com 15, muitos anos que já está lá. Mas é assim, passa, acaba passando despercebido, então assim, quando é um professor só até a gente conhece, mas agora igual ele, tem um monte de professor, eu te confesso que eu não conheço os professores dele, como ele não me dá nenhum problema pra eu ir lá saber quem é o professor, e o que está acontecendo, entendeu? Então não tem essa... te confesso que eu não tenho esse interesse, e nem tempo disponível também para fazer isso (*risos*) (Valéria, mãe, Família Costa).

Quanto à realização de atividades extracurriculares pelos filhos da Família Costa, apenas Pedro realiza uma atividade semanal. Ele faz aulas de natação aos sábados. Ele também frequenta a catequese às segundas-feiras. Lucas não realiza outra atividade além das escolares.

Quanto ao futuro escolar dos filhos, a possibilidade de ingressar no CAp/Coluni parece ser um desejo ambíguo, tendo em vista que embora a mãe reconheça o alto padrão de qualidade da instituição e admita ter insistido muito para que o filho mais velho fizesse o processo seletivo, afirmou que os adolescentes são muito imaturos para as exigências feitas pelo CAp/Coluni:

Então, vai ficar por escolha dele, porque eu quis que ele fizesse o Coluni, ele fez um ano e não passou, esse ano ele não quis tentar, e deixei por escolha dele, falei assim: “Eu não vou forçar”, ano passado eu forcei um pouco, insisti muito, esse ano eu dei liberdade: “Você quer fazer o Coluni?”, “Não quero mãe, porque eu vou ter que fazer o primeiro ano de novo, e eu não quero”, eu falei assim: “Mas você é novo”, porque ele entrou muito novo, “Você vai sair do Coluni com 18 anos normal”, porque ele tem 15 anos, ele é de junho, ele já vai pro segundo ano com 15 anos, ele falou: “Mãe eu não quero fazer”, eu falei assim: “Eu vou deixar por sua escolha”, sabe por quê? O pai e a mãe podem querer muitas coisas boas para os filhos, mas a única coisa que não podem fazer pelos filhos e estudar! Quem vai sentar ali, quem vai estudar é ele, não adianta eu forçar, se eu forçar eu acho que fica pior, então eu sempre dei essa liberdade pra eles, aí eu não forcei, ele não fez o Coluni. Vai ficar até o final do ensino médio lá no Effie Rolfs mesmo, e outra coisa também que eu falei pra ele: “Eu considero esses alunos muito jovens para entrar no Coluni, eles não tem uma estrutura muito bem formada para ingressar nesse mundo escravista, que é o estudo do Coluni, eu considero muito assim, fecha em um mundo só de estudo, o mundo deles, e eu acho eles muito novos, porque quando você vai fazer vestibular com 18 anos, eu não considero que as pessoas tenham ideia do que querem fazer, de como que é aquilo ali, eles não têm ideia disso, você imagina entrar no Coluni! São muito novos, e é cobrado coisas assim, além da idade deles, aí eu falei com eles

assim: “Ó, do Coluni, ingressam 150 alunos por ano na Universidade, quantas vagas têm em uma Universidade? Quer dizer que só entra lá quem saiu do Coluni? São 150 alunos espalhados por aí do Coluni, mas e os outros, entram como?” Então não é o mais importante, mais importante é você ter consciência daquilo que você quer e o Coluni eu não considero que... é o melhor, mas também ele não é o único, a única porta de entrada que você tem (Valéria, *mãe*, Família Costa).

Na entrevista, após fazer todas essas considerações, Valéria disse que espera que o filho mais novo ingresse no CAp/Coluni, alegando que essa aspiração se deve ao fato de que o Colégio Tarsila do Amaral não oferece o ensino médio. Ela pretende matricular Pedro em um cursinho preparatório para o processo seletivo do CAp/Coluni:

Então, o lema lá da... o lema da escola dele é que lá só tem até o 9º ano, porque depois é o Coluni, não é escola particular, entendeu? Depois é o Coluni, quando sair de lá vai pro Coluni, então assim, ele vai tentar também! Vou ver se eu pago um cursinho pra ele fazer e tudo, mas também não é aquela coisa assim, aí já não sei se ele continua, mas agora, para pública ele não volta mais não (Valéria, *mãe*, Família Costa).

Valéria deseja que os filhos curse o nível superior de ensino. Ela disse que não cogita um curso específico para nenhum dos dois, uma vez que eles é que deverão decidir o que gostariam de estudar, apesar disso ela disse que nas brincadeiras com os filhos, desde pequenos, tenta observar e sugerir determinadas profissões. Assim, apesar de não ser categórica na indicação de um curso que deva ser escolhido pelo filhos, os seus relatos indiciam que ela deseja que eles ingressem em cursos de prestígio:

Pedro às vezes eu brinco com ele que ele vai fazer engenharia mecânica, mas é porque ele gosta muito de mexer com... até quando ele brincava muito em casa, ele gosta muito de desmontar brinquedo, montar de novo, e falou que é um parafuso, um prego, um arame, é com ele mesmo, sabe? Eu sempre brincava com ele, que ele ia fazer engenharia mecânica de tanto gostar. O Lucas eu sempre falava da arquitetura por causa dos desenhos, ele é um artista pra fazer desenho, adora! Ele olha o desenho, olha uma coisa assim e desenha aquilo na maior facilidade. Eu sempre falava que ele ia fazer arquitetura de tanto gostar de fazer desenho (Valéria, *mãe*, Família Costa).

Ainda que se observe uma baixa indução da escolha do curso superior a ser frequentado pelos filhos, Valéria aspira, de um modo bem mais explícito que os filhos ingressem na UFV, e alega que isso se deve ao fato de essa instituição se localizar na cidade em que a família reside: “[...] a UFV, né? Sempre! Pode ser que seja alguma diferente, eu não sei, mas a preferência da mãe é a UFV, ficar dentro de casa, muito melhor.”

4.3 As práticas socializadoras familiares

A rotina dos filhos da Família Costa é livre, com reduzido monitoramento. Lucas e Pedro estudam no turno matutino. Quando chegam da escola têm a tarde livre, com exceção da segunda-feira, quando Pedro frequenta a catequese. Valéria disse que sua casa é

completamente desregrada e que os filhos fazem aquilo que gostam e não possuem “horário para nada”:

Não, eles não têm horário para nada! Falo que aqui é uma casa completamente desregrada. Quando eu falei isso com o dentista deles, ele falou assim: “Mas não pode!”, não tem horário para nada. Começou essa questão do horário, por causa do pai [*marido*], voltar a estudar. Quando ele começou a fazer cursinho, o mais novo estava com 2 anos, era aquela coisa, ficava o dia todo sem ver o pai, porque ele saía para trabalhar, estava dormindo, vinha na hora do almoço muito pouco, ia fazer cursinho, chegava em casa 22h 30min, 23h da noite, aí começou esse negócio. No início eles dormiam, era 21h, nove e pouca estavam dormindo todos os dois, mas começou aquele negócio: “Vamos esperar o papai chegar, ficar um pouquinho com o papai”, e assim ficou, todo dia tinha que ver o pai deles chegar [...] Era assim, aí começou a sair da rotina de dormir cedo. E hoje aqui em casa é só depois da meia noite, todo mundo! E eles acordam 5h 30min para ir pra escola. É condenável por médico, dentista, todo mundo, porque criança tem que dormir, tem que ter horário, tem que ter tudo, eles não têm [...] (Valéria, mãe, Família Costa).

Como dormem tarde da noite e acordam cedo, Pedro e Lucas chegam da escola e dormem à tarde. A única obrigação que possuem, segundo a mãe, é fazer o dever de casa. Terminada essa tarefa eles jogam vídeo game, assistem filmes e séries no computador. Os pais não monitoram essas atividades. A mãe disse:

[...] são criados à vontade! Não tem horário de estudo, não tem horário de dormir, fazem tudo assim com total liberdade. Não tem briga com eles, tipo assim: “Você vai jogar tantas horas”, que dizem que é certo fazer isso, né? Você vai estipular: “Você vai jogar duas horas por dia”, ou: “Você vai jogar meia hora”, não tem! (Valéria, mãe, Família Costa).

A liberdade concedida aos filhos parece estar ligada à confiança que a família tem nos mesmos, reconhecidos como alunos exemplares, com excelentes desempenhos escolares. O fato de os filhos ficarem em casa, mesmo que jogando parece trazer para os pais uma sensação de tranquilidade, que sempre estão fora de casa nos dias de semana em função das exigências de seus respectivos empregos. Para a mãe, os filhos estando em casa, estarão livres de más companhias e más influências:

[...] são adolescentes, estão na faixa de 12 a 15 anos, são crianças ótimas, não me dão trabalho com nada, assim, só sair de casa para ir para escola mesmo, não tem essa vontade de falar assim: “Vou sair com meus amigos para ir para tal lugar”, não tem, não existe isso aqui em casa, a vida deles é aqui, o mais novo... o que ele faz de diferente é brincar com os meninos da vizinhança aqui na rua, jogando bola, brincando de pique, faz isso até hoje, todos os dias eles fazem a noite, porque aí os filhos da... os netos da vizinha ali [...] e eles brincam aqui, com o outro que mora ali na frente. O mais velho não, o mais velho é o conhecido como o antissocial (*risos*). Puxou o pai, a família do pai é toda assim, não gosta (Valéria, mãe, Família Costa).

Valéria considera que a timidez dos filhos faz com que eles prefiram ficar em casa, em seus quartos do que sair, fazer alguma atividade fora de casa. Segundo ela, Lucas passa a maior parte do tempo em seu próprio quarto, onde ele se sente seguro do convívio social:

Não gosta não, falou que é gente para ele... a vida dele, ele fala que a vida dele é o quarto dele, é o lugar que ele está melhor. Não gosta nem de ir para a casa da avó dia de domingo, eu falo com ele: “Vamos lá na casa da vovó”, ele: “Mãe, hoje eu não vou não”, eu falo: “Mas vamos para casa da vovó, lá também tem um quarto, você pode ficar no quarto”, ele falou comigo: “Mãe, o melhor lugar que eu me sinto a vontade mesmo, é no meu quarto, mas na minha cama, ali que eu gosto de ficar”. Ele não gosta de sair, ele é bem antissocial mesmo. Sai, vai para a escola, volta, vai para escola e volta, e a vida dele é só isso (Valéria, mãe, Família Costa).

Valéria afirma que embora não regule os sites que os filhos visitam na internet, em alguns momentos entra no quarto deles “de surpresa” para ver o estão fazendo. Ela disse que eles não “mexem com nada de errado” na internet e estão sempre jogando ou assistindo filmes e séries.

As atividades de lazer da Família Costa são realizadas principalmente em casa. Conforme Valéria seu único lazer dos últimos tempos tem sido descansar e assistir à televisão, uma vez que tem estado extremamente sobrecarregada com a conclusão do curso e todas as outras atividades que precisa conciliar como, o emprego, o PIBID e a família:

Olha, meu lazer (*risos*), quando eu tenho, meu lazer, eu deito e durmo (*risos*). Quando me sobra esse tempinho, no domingo, quando sobra... Mas o lazer que eu tenho é assistir novela, assistir novela não, normalmente eu ligo a televisão, deito lá no meu quarto [...]” (Valéria, mãe, Família Costa).

Na casa da família Costa a televisão é um bem de consumo de suma importância. Existem vários aparelhos em diversos cômodos da casa, inclusive na cozinha. Segundo Valéria a família foi adquirindo novos aparelhos de televisão, à medida que os filhos cresciam e seus membros não entravam em um consenso sobre o programa a ser assistido:

[...] a gente não vê televisão junto, aqui não existe isso. É o jeito, e eu sempre ouvi isso: “Em uma casa tem que ter uma televisão, porque aí a família fica toda junta”, eu falei: “Pra quê? Pra ficar brigando?”, “Eu quero assistir futebol”, “eu quero assistir desenho”, “eu quero ver não sei o quê”, nada, pra quê isso? Vou ficar brigando por causa de uma televisão? Resolvi o problema! A gente só tinha uma mesmo, quando nós casamos, nós tínhamos uma televisão. Aí vieram os meninos e começou a briga: ele estava vendo desenho, o pai chegava para almoçar e queria ver programa de futebol, e virava aquela confusão, “Só agora que o papai pode ver televisão”, “Mas eu estou vendo meu desenho!”, e começava aquela confusão, aí falei: “Está na hora de ter outra televisão”. E foi duplicando e começou: um estava vendo desenho, outro programa de futebol, “Mas mamãe quer ver novela!” (*risos*). Cada um agora tem a sua, faz o que quiser. Coloquei no quarto deles, eles jogam a vontade, a de lá é só para jogo! É deles mesmo, eles assistem se quiserem, mas é mais para jogo mesmo, videogame, o pai tem a dele aqui na sala, ele só vê televisão na sala, assiste aos programas de futebol dele, até 24 horas por dia se quiser. Aí fica cada um na sua, ficou a família toda dividida! A

mamãe deita na cama e vai ver novela, quer dizer, liga a televisão, vira vai dormir, e assim ficou, ficou assim (*risos*) (Valéria, *mãe*, Família Costa).

Lucas disse que não gosta muito de assistir televisão, que prefere usar seu computador e a internet para assistir seriados e filmes. Seu irmão caçula afirmou gostar de programas como desenhos, jogos de futebol e séries de televisão. Cláudio aprecia assistir programas esportivos e Valéria gosta de novelas. Ela disse que também “assiste” telejornais enquanto prepara o café da manhã na televisão que tem na cozinha.

Os membros da Família Costa são bastante caseiros e preferem assistir a programas de TV ou jogar vídeo games do que realizar passeios. Considera-se que a preferência por permanecerem no lar se deve à tripla jornada enfrentada pelos pais Valéria e Cláudio em diferentes momentos: “Ele [*Cláudio*] não ia a lugar nenhum, tinha festa de aniversário de alguma criança eu ia sozinha com os meninos, eu estava me sentindo solteira, assim mãe solteira (*risos*), toda festa que eu chegava: - Cadê o Cláudio? Eu falava assim: Cláudio não veio, está estudando.”

Valéria disse que a vida acadêmica lhe consome todo o tempo livre e as energias. Os filhos, socializados nesse ambiente, em que os pais tinham poucos momentos de lazer fora de casa, parecem ter se apropriado desse comportamento. Para Valéria, a criação dos filhos é baseada, sobretudo, no exemplo da família:

É naturalmente, é passado naturalmente porque eu falo: “Criação de filho você não tem uma receita pronta, não tem o que seguir”, parece que isso é transmitido para eles da sua convivência, da sua vida mesmo, do seu exemplo que você dá para eles, não tem uma receita que fala assim: “Ah eu vou criar meu filho dessa forma. Com meu filho vai ser assim, assim, assim, assim...”, não tem essa receita, eu falo: “Não tem”, me perguntam como eu consigo fazer isso: “Não sei, não sei” [...] (Valéria, *mãe*, Família Costa).

A família como a mais importante instância de socialização é a principal responsável pelos modos de ser e agir dos filhos, uma vez que as pessoas com as quais mais se convive são aquelas que coabitam (BERGER e BERGER, 1977) e, no caso da Família Costa, os pais e os irmãos. De acordo com Lahire (2004), mesmo que as crianças não reproduzam as ações dos membros de sua família, se baseiam nessas para construir sua própria identidade. Dessa maneira, parece que Lucas e Pedro foram aprendendo comportamentos e desenvolvendo sua identidade na medida em que observavam os modos de ser e agir dos pais.

Na Família Costa, Valéria é a única que mantém práticas de leitura, as quais giram em torno, essencialmente, de textos acadêmicos que são exigidos pelas disciplinas do curso de Pedagogia. Ela disse que antes de ingressar na Universidade tinha o hábito de ler revistas. Ela

disse que desde a adolescência pegava revistas emprestadas com uma professora, a qual foi responsável por desenvolver o gosto pela leitura de revistas em Valéria:

[...] eu sempre tive o hábito de ler revista, sempre gostei muito, eu aprendi na... quando eu estava na 7^o série..., 7^o que ela deu aula pra mim [...] dona G., eu tinha uma paixão por aquela professora, e eu nunca tive dinheiro assim, não tinha dinheiro para comprar revista, e ela assinava a Veja, aí ela falava muito da revista na sala e tal, e me veio a ideia de passar a pedir a professora emprestado a revista, na semana seguinte, porque ela chegava, ela lia a revista, e na outra semana ela [*a revista*] não tinha utilidade para ela [*dona G.*], aí ela emprestava a revista pra mim. E assim, eu lia durante o tempo que ela deu aula pra mim na 7^o, 8^o série, depois eu continuei pegando revista com ela muito tempo [...] e depois disso, ele [*marido*] sempre, negócio dele trabalhar no correio, fazia muita entrega, não sei o quê, aí às vezes vinha revista, não sei se vinha sem endereço, ou não sei o quê e sempre caíam essas revistas aqui, Veja, Isto é, então eu mantive aceso esse hábito de leitura dessas revistas, gostava muito! (Valéria, *mãe*, Família Costa).

Apesar de verem a mãe sempre lendo e terem revistas circulando pela casa, Lucas e Pedro afirmaram que não gostam de ler nenhum gênero literário. Valéria relatou:

O Lucas, ele começou a criar esse hábito de ler, na... antes mesmo de ir para escola, a tia dele, que é professora, esposa do tio dele, irmão do pai, começou a dar coleção de livros para ele [...] todo dia para dormir a gente contava história para ele, e ele pedia todo dia, eu falava com ele: “Escolhe o livro que você quer que conta para você”, ele ia e escolhia [...] tinha contar historinha todo dia. Quando ele veio para escola, continuou esse hábito da historinha, quando ele fez o “prezinho” de 5 aqui, a professora dele, tinha esse negócio de toda sexta feira, dar um livrinho pra levar pra casa, e pedir a mãe pra contar a historinha, ficava assim, todo final de semana. Quando ele saiu daqui e foi pra Effie Rolfs, a professora do 1^o ano lá, tinha isso também, toda sexta-feira, levar o livrinho pra casa, e na segunda-feira tinha que contar lá o livrinho na escola que leu. Era assim, então, até o primeiro ano ele tinha isso da leitura com ele, ele gostava que a gente contasse história pra ele, ele gostava! E o que aconteceu? Quando veio o segundo ano, a professora do segundo ano, já não tinha esse hábito de leitura todo final de semana igual, portanto, a primeira reunião que teve eu questionei ela, ela falou assim: “Não, porque agora a gente dá ficha de leitura aqui na escola mesmo, é cobrado aqui” Eu falei pra ela que estava muito... que eu estava achando muito importante isso, de todo final de semana, ter que levar um livro, e estava bom, porque ele gostava! Aí quebrou esse ritmo no 2^o ano, e acabou, os laços dele com a leitura foram cortados (Valéria, *mãe*, Família Costa).

Parece assim que a não continuidade das práticas de leitura que se iniciaram quando crianças, acabou não alimentando o gosto pela leitura de Lucas, o que também ocorreu com Pedro, posteriormente. Dessa forma, ambos só leem quando a escola solicita algum trabalho ou ficha de leitura de algum livro específico.

2.4.1 A socialização entre irmãos

Lucas e Pedro possuem uma diferença de idade de três anos. Segundo Valéria, o desempenho escolar de ambos é semelhante, apesar de o primeiro filho ter sido mais

estimulado pelos pais, os quais por terem apenas Lucas, tinham mais tempo e disposição para se dedicar ao filho mais velho:

[...] o Pedro já veio, já chegou com um irmão e já é um ambiente diferente, porque o Lucas era só, era único, então tudo era voltado pra ele, quando vem o irmão já divide, não é mais a mesma coisa. A criação já é toda diferente, porque não é mais sozinho, sempre tem um companheiro, para brincar, pra tudo. Igual o Lucas, o Lucas foi criado assim, com muita liberdade de escrita, quando ele começou a sentar assim, a gente já dava lápis, papel, tudo para ele, minha casa vivia bagunçada, quando ele era pequeno, até hoje eu tenho os desenhos dele, de quando ele tinha 2, 3 anos, que ele rabiscava, ele sentava na sala, e o pai dele trazia rascunho lá do correio, e ele sentava ali no chão, e era lápis e papel para a sala toda, todo dia era aquela bagunça, e ele fazia desenhos, ele coloria, ele sempre gostou muito (Valéria, *mãe*, Família Costa).

Tal como a pesquisa de Glória (2007) revelou, o primogênito, também no caso da Família Costa, foi o filho que recebeu maior atenção dos pais no que concerne às preocupações escolares, uma vez que esses eram mais jovens e, por três anos, pais de apenas um filho. Apesar disso, Lucas não teve desempenho superior ao do irmão mais novo, o qual se considera favorecido por ser o filho caçula, visto que pode contar com a ajuda do irmão mais velho para assuntos relacionados ao seu processo de escolarização e a outros do seu cotidiano:

[...] bastante coisa eu aprendi com meu irmão porque às vezes nos meus deveres eu tenho dificuldade e meus pais não estão em casa eu pergunto pra ele e ele me ajuda e quando eu tenho dificuldade, quando estou jogando essas coisas assim ele me ajuda também porque ele conhece mais (Pedro, *filho caçula*, Família Costa).

Além do auxílio que recebe do irmão, Pedro acredita que outra vantagem trazida por seu lugar na fratria, tenha sido sua transferência da escola pública para um colégio privado, o qual ele acredita que possui “o ensino mais aprofundado” do que o oferecido por estabelecimentos de ensino da rede pública, que Lucas frequenta:

Questão do meu irmão eu acho que não favoreceu muito não porque as matérias que eu estou estudando ele está estudando também, às vezes ele não consegue me explicar direito o que é aí eu tenho que esperar meus pais chegarem ou se não eu procuro na internet ou senão no livro mesmo pra saber (Pedro, *filho caçula*, Família Costa).

Lucas acredita que sua experiência na escola pública levou a família a efetuar a escolha do colégio privado para matricular o irmão caçula: “[...] talvez pelo fato de eu já estar estudando na escola pública minha mãe saber o que é a escola pública, talvez ela pode ter colocado ele no Colégio Tarsila do Amaral mais cedo no sexto ano, talvez seja pelo que ela já sabe sobre a escola pública.”

Se considerarmos que a matrícula em um colégio privado durante a educação básica por si só favorece um percurso escolar, o alargamento da renda mensal da Família Costa parece ter beneficiado o filho caçula que a partir do sexto ano do ensino fundamental

começou a frequentar um estabelecimento privado. Outro fator que pode ter favorecido o irmão mais novo decorre do fato de Valéria cursar Pedagogia. Estando presente em discussões cotidianas na sala de aula sobre o sistema de ensino brasileiro e sobre o contexto educacional de Viçosa e inserida em escolas públicas e privadas, por meio de estágios acadêmicos e o PIBID, Valéria certamente adquiriu um maior volume de informações – um capital informacional – que a levou a evitar determinados estabelecimentos de ensino públicos de Viçosa, dos quais ela possui uma visão negativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No Brasil tem sido salientada nos últimos anos a elevação da renda mensal por um grupo social oriundo das camadas populares. Divergências de inúmeras ordens, como a própria denominação desse contingente populacional, têm circulado no meio acadêmico e midiático a respeito da caracterização de tal grupo. Nesta pesquisa considerou-se esse contingente populacional como pertencente a uma fração das camadas populares, uma vez que há consenso sobre a sua origem.

Conhecer e analisar as práticas educativas e socializadoras de um grupo específico dentre aqueles que elevaram a renda, isto é famílias que transferiram os filhos de escolas públicas para privadas e considerar não somente as práticas empreendidas pelos pais, mas também pelos irmãos foi o objetivo deste estudo. Dentre as práticas educativas familiares, o enfoque desta pesquisa recaiu, principalmente, sobre a escolha de estabelecimentos de ensino da rede privada.

A análise dos dados, que foram colhidos junto a três famílias das camadas populares que passaram por uma elevação da renda mensal, mostrou que essas famílias possuem práticas distintas e comuns entre si. As práticas da Família Silva estão voltadas para a realização de um objetivo: o de que os filhos obtenham educação de nível superior. Todo o esforço dos pais em trabalhar intensamente e poupar dinheiro para investir na construção de apartamentos para ter uma renda extra dos aluguéis, foi com o objetivo de reverter o dinheiro oriundo dessa renda extra na escolarização dos filhos.

Essa família, entendendo a importância da certificação escolar de nível superior na sociedade atual, deseja que os filhos alcancem essa certificação para que no futuro sejam pessoas independentes, tenham uma profissão qualificada e alcancem uma mobilização social. Com esse propósito, a família realizou a transferência dos filhos de escolas públicas para colégios privados, uma vez que acredita na superioridade da qualidade desses últimos sobre as escolas públicas, das quais possui uma visão negativa. Para Tânia, a mãe da Família Silva, as escolas públicas são instituições inseguras, propensas ao desenvolvimento da delinquência infanto-juvenil; os professores dessa rede de ensino são indiferentes no que se refere ao processo de aprendizagem dos alunos e propensos a realização de greves docentes; além disso, para essa mãe, os conteúdos ensinados pela escola pública “deixam a desejar”. Para Tânia, todas essas questões são agravadas pelo grande número de alunos por turma. Esse último foi o principal motivo que fez com que essa família transferisse os filhos de escolas públicas para o colégio privado. Nesse aspecto as redes sociais tiveram grande importância, uma vez que o colégio foi indicado por uma sobrinha de Tânia que havia estudado na instituição como local propício a aprendizagem, tendo em vista que possuía número reduzido de discentes por turma. O custo da mensalidade também teve importância na escolha pelo Colégio Portinari, pois houve a oportunidade de negociação do valor da mensalidade. Foi possível perceber, por meio da análise dos dados que a família Silva utilizou critérios práticos e avaliatórios para escolher os estabelecimentos de ensino frequentados pelos filhos.

O objetivo dessa família era evitar escolas públicas e escolher uma instituição privada com algum diferencial de qualidade, no entanto, não considerou no momento da escolha todo o repertório de estabelecimentos dessa rede de ensino.

Também no que se refere à escolha do estabelecimento de ensino por essa família, destaca-se a participação de Bruna, a filha mais velha da Família Silva, nas escolhas das escolas frequentadas por ela e na transferência do irmão caçula para o colégio privado. A frequência a diferentes estabelecimentos de ensino propiciou uma experiência por essa irmã e um conhecimento em relação ao funcionamento do contexto educacional de Viçosa.

A transferência de Rodrigo para o colégio privado exigiu da família uma intensificação das estratégias educativas, já que seu rendimento escolar sofreu queda ao ingressar no colégio. Assim, a família investiu também em aulas particulares que serviram como estratégias de reparação com o intuito de recuperar o desempenho escolar que ele tinha quando estava frequentando a escola pública.

A mãe, Tânia, está sempre presente na vida escolar dos filhos e está ciente dos desempenhos que ambos possuem. Ela sempre os auxiliou com os deveres de casa e exige a

sua realização. Tânia também ajuda Rodrigo a se preparar para as provas e sempre frequenta as reuniões escolares dos filhos. Nesse sentido ficou claro que o acompanhamento da escolarização de Bruna e Rodrigo é exercido, sobretudo, pela mãe. Mário, o pai, se mostra presente na trajetória escolar da prole por meio da participação em decisões importantes, como na que envolveu a transferência dos filhos para o colégio privado e em questões práticas, como levar e buscar os filhos na escola em determinadas situações.

As análises das práticas socializadoras dos membros da Família Silva indicaram que não existe uma preocupação quanto a organização do tempo dos filhos para a realização de práticas valorizadas no meio escolar. Da mesma forma, o tempo em que Bruna e Rodrigo disseram empregar aos estudos não indica uma dedicação intensa ao trabalho escolar.

Bruna, embora tenha interferido no processo de transferência do irmão caçula, aconselhá-lo e auxiliá-lo quando ele pede a sua ajuda não é uma presença constante na vida escolar do irmão. Assim, o papel de acompanhar o processo de escolarização de Rodrigo é realizado, como já foi mencionado, sobretudo por Tânia, a mãe dos adolescentes.

Com a exceção do Colégio Portinari, os irmãos frequentaram distintos estabelecimentos de ensino ao longo do percurso escolar. Essa diferenciação se deve a grande diferença de idade entre ambos, sete anos, ao alargamento da renda mensal pelo qual a família passou e as experiências propiciadas pela frequência da primogênita a distintos estabelecimentos de ensino, o que fez com que a família evitasse matricular Rodrigo em algumas escolas públicas e escolhesse o Colégio Portinari, pois consideraram que a experiência da filha mais velha foi bem sucedida nesse estabelecimento de ensino.

Já para a família Alves, o principal motivo que resultou na transferência do filho mais velho, Mateus, de uma escola pública para um colégio privado foi a concessão de uma bolsa de estudos integral devido ao fato de esse aluno se destacar na prática de esportes. O pensamento de matricular o filho em uma instituição de ensino privada sempre acompanhou Laura e João, pais de Mateus. A obtenção da bolsa de estudos apenas possibilitou em um menor tempo a concretização desse objetivo. Esse desejo de matricular o filho em um colégio privado se deve a visão negativa que os pais possuem da rede pública de ensino, sobretudo do papel que os professores vêm desempenhando nas escolas públicas. Essa representação negativa vem alimentando na Família Alves o desejo de efetuar também a transferência da filha caçula, Maria, para um colégio privado. Dessa forma, essa família quer evitar os estabelecimentos de ensino públicos, pois conforme João as cobranças existentes nas instituições de ensino privadas sobre os alunos e sobre professores são muito mais frequentes, o que em sua opinião elevaria a qualidade de estabelecimentos dessa rede de ensino. Do

mesmo modo, na visão de João, os pais podem realizar cobranças sobre o corpo docente e sobre os próprios filhos quando esses estão matriculados em colégios privados, o que não ocorre quando frequentam escolas públicas.

A Família Alves evitou a escola do bairro em que reside, a qual atendia os anos iniciais do ensino fundamental e realizou “escolhas ativas” (HÉLAN, 1996 *apud* NOGUEIRA, 1998), uma vez que ambos os filhos estudaram em uma escola pública reputada no contexto das escolas de educação básica de Viçosa pertencentes a essa rede de ensino e, Mateus, foi transferido no último ano do ensino fundamental para o Colégio Eça de Queiroz.

Apesar de afirmar que não se envolveu na decisão de Mateus a respeito de qual colégio estudar, visto que dois estabelecimentos de ensino privados lhe ofereceram bolsa de estudos integral, João mostrou arrependimentos desse não envolvimento, já que devido as suas redes sociais passou a conhecer o sistema educacional privado de Viçosa e, atualmente, considera que o outro colégio privado a oferecer bolsa de estudo seria a melhor opção para o filho.

O intenso acompanhamento do processo de escolarização de Mateus e Maria não é possível de ser realizado devido a atribulada rotina de trabalho de João. Para a realização dos deveres de casa, João conta com o apoio do primogênito para auxiliar a filha mais nova. Além disso, a instituição Rebusca exerce e exerceu um importante papel no auxílio para a realização dos deveres de casa por parte de Mateus e Maria. Como os pais sempre trabalharam em período integral, o fato de os filhos frequentarem a Rebusca no contraturno escolar trazia à família um sentimento de segurança. Além disso, essa instituição contribuiu ainda com a possibilidade da realização de matrícula dos filhos da Família Alves na Escola Estadual Effie Rolfs, visto que há uma associação entre a Rebusca e essa escola que facilita a matrícula nesse estabelecimento de ensino.

A transferência de Mateus para o Colégio Eça de Queiroz exigiu que a família intensificasse suas práticas de acompanhamento escolar, uma vez que ele encontrou dificuldades no início para conseguir acompanhar o ritmo da turma, o que só conseguiu com o auxílio da mãe nos estudos.

Cabe ressaltar também que os filhos da Família Alves realizam distintas atividades extraescolares, as quais eles mesmos escolheram. João vem incentivando a filha caçula a praticar esportes com a esperança de que ela consiga, da mesma forma que o irmão, uma bolsa de estudos por se destacar em alguma modalidade esportiva.

Essas práticas são realizadas pela Família Alves com a finalidade de que os filhos ingressem em uma instituição de ensino superior de qualidade, no caso a UFV e que tenham

um certificado escolar qualificado, diferente do que João obteve, para que no futuro os filhos sejam pessoas independentes. Para a concretização desse desejo, esse pai se sacrifica em diferentes empregos e conta com o auxílio da família extensa.

Na Família Alves, há uma forte preocupação com a dimensão moral da educação dos filhos e com o desenvolvimento da autonomia dos mesmos. Na casa da família há regras de manutenção do espaço doméstico, e de horários de saída e de companhias dos filhos. Esse ordenamento doméstico pode favorecer o comportamento dos filhos na escola, no sentido de respeitarem e se submeterem também as regras do ambiente escolar.

Além de auxiliar a irmã Maria com a realização dos deveres de casa, Mateus também participou da decisão do pai de transferir a irmã caçula para um colégio privado. Ele deu sua opinião baseado na experiência que vivenciou na escola pública e no colégio privado, além disso, Mateus indicou um possível colégio para que o pai matricule a irmã mais nova.

Por meio da análise dos dados foi possível identificar que o principal motivo que levou a Família Costa a transferir o filho caçula Pedro da escola pública para o colégio privado foi a não obtenção de uma vaga na escola pública desejada pela família, a qual é frequentada por Lucas, o filho primogênito, evitando assim o estabelecimento de ensino público do bairro em que residem, o qual foi frequentado por Lucas e Pedro apenas na educação infantil. A mãe dos dois, Valéria também demonstrou ter uma representação negativa acerca de estabelecimentos dessa rede de ensino, os quais teriam como principais problemas o grande número de faltas dos professores, o não cumprimento do currículo e o baixo nível de exigência sobre os alunos. Nesses aspectos, instituições privadas seriam superiores na visão dessa mãe, as quais possuiriam conteúdos mais abrangentes, professores mais dedicados e maior nível de rigidez sobre os alunos.

O custo da mensalidade foi um fator de suma importância no ato da escolha do colégio privado para o filho caçula, tendo em vista que impediu que a família escolhesse o estabelecimento de ensino que realmente desejava, uma vez que a mensalidade dessa instituição era superior ao que a família podia dispor. Dessa forma, o colégio escolhido foi o que apresentava o valor da mensalidade mais baixo entre os estabelecimentos de ensino privados da cidade de Viçosa.

Mesmo realizando comparações entre a escola pública frequentada pelo filho mais velho e o colégio privado frequentado pelo caçula, Valéria não cogita transferir Lucas para um estabelecimento de ensino privado. Acredita-se que essa opção esteja ligada à dificuldades de ordem financeira em manter dois filhos em colégios privados.

A escolha do estabelecimento de ensino é a prática educativa mais intensa na Família Costa, a qual vem realizando escolhas ativas desde que os filhos iniciaram o primeiro ano do ensino fundamental. O acompanhamento da escolarização dos filhos não ocorre com a mesma intensidade. Esse acompanhamento se realizou, sobretudo, até o terceiro ano do ensino fundamental, posteriormente a responsabilidade sobre os próprios percursos escolares ficou ao encargo de Lucas e Pedro. A única cobrança da mãe, nesse sentido, é sobre a realização do dever de casa. O excelente desempenho escolar dos filhos e a confiança em sua dedicação, levaram essa família a designar a tarefa do acompanhamento escolar, bem como a organização de seu tempo livre aos próprios filhos. Assim, na casa da Família Costa não há fixação de horários de estudos ou organização do tempo livre dos filhos em atividades extracurriculares ou em práticas culturais valorizadas pelo ambiente escolar.

No que concerne as práticas de socialização entre Lucas e Pedro, sabe-se que o irmão mais velho auxilia o caçula nos deveres quando esse solicita a sua ajuda, o que Pedro considera ser uma das vantagens de ser o irmão mais novo. Em sua visão, a qual é corroborada por Lucas, outra vantagem decorrente de sua posição na fratria é o fato de ter sido o filho mais favorecido por ter sido transferido para um colégio privado, pois ambos os irmãos, da mesma maneira que a mãe, possuem uma opinião negativa da escola pública, rede de ensino essa frequentada por Lucas.

Foi possível observar pela análise dos dados que as famílias estudadas passaram por uma elevação da renda mensal. Motivos comuns e distintos parecem ter contribuído para isso: o esforço e a disciplina para o trabalho de todas as mães e todos os pais; o acesso ao crédito; a capacidade de poupança e a autoconfiança para abrir o próprio negócio no caso da Família Silva; a conciliação de diversos empregos pelo pai da Família Alves; as horas extras realizadas pelo pai da Família Costa.

Em razão do crescimento dos rendimentos financeiros, essas famílias ampliaram seu poder de consumo de bens materiais e simbólicos. As três famílias estudadas investem na educação dos filhos porque sabem que o capital escolar é o mais valorizado na sociedade atual, desejam um futuro promissor para os filhos e entendem que eles só poderão alcançar uma mobilidade social por meio dos estudos.

Essas famílias acreditam que os estabelecimentos de ensino da rede privada oferecem um ensino de melhor qualidade do que aqueles da rede pública, por esse motivo efetivaram a transferência dos filhos de escolas dessa rede de ensino para colégios privados. O principal problema das escolas públicas, na visão das famílias, é o descaso do corpo docente com relação ao próprio trabalho. Os entrevistados citaram o grande número de faltas dos

professores e a negligência no que concerne ao cumprimento do currículo e com relação ao processo de aprendizagem dos alunos. Esses problemas, na visão dos participantes da pesquisa, não ocorreriam em colégios privados, devido ao alto grau de exigência sobre o corpo docente em tais instituições.

As famílias pesquisadas, no entanto, não transferiram os filhos para os colégios que estão posicionados no topo da hierarquia de estabelecimentos de ensino privados da cidade de Viçosa, isso porque os valores da mensalidade eram mais altos nesses colégios, onde não havia também possibilidades de negociação desses valores.

Assim, no ato da escolha o custo da mensalidade foi um fator de grande importância, uma vez que impediu que as famílias considerassem outros critérios que julgavam mais importantes em uma escola. Dessa forma, foi realizada a escolha pelo estabelecimento de ensino que era possível naquele momento, não os que eram realmente desejados pelos grupos familiares pesquisados.

O contexto educacional local também contribuiu no sentido de permitir que essas famílias realizassem a escolha pelos colégios privados que foram *locus* da pesquisa, tendo em vista que oferecem maiores possibilidades de ingresso de alunos de camadas populares, por meio de negociações acerca do valor da mensalidade, oferecimento de bolsa integral para alunos que se destacam em algum esporte e devido ao baixo custo da mensalidade.

Compreende-se que a intenção dos grupos familiares pesquisados era mais evitar matricular os filhos em escolas públicas, uma vez que possuindo uma representação negativa de estabelecimentos dessa rede de ensino, transferiram a prole para colégios que tinham condições de arcar com os dispêndios financeiros, tendo em vista que ainda não possuem capital econômico o suficiente para matricular os filhos nas instituições que realmente desejam.

As escolas públicas dos bairros em residem foram evitadas pelas famílias a medida do possível. Com exceção de Bruna, da família Silva, todos os filhos cursaram etapas do ensino fundamental em basicamente duas escolas públicas altamente reputadas em Viçosa, Escola Estadual Effie Rolf's e Escola Estadual Madre Santa Face.

Uma escola pública situada no bairro Bom Jesus, onde duas famílias pesquisadas residem, foi desativada devido ao baixo número de estudantes matriculados. A posse dessa informação trouxe consigo um questionamento: a preocupação com a escolarização da prole e o aumento do número de colégios privados tem aumentado tanto o comportamento do evitamento escolar ao ponto de algumas escolas públicas de bairro serem desativadas? Tal questionamento pode resultar em pesquisas futuras.

O fato de dois pais e duas mães dos grupos familiares pesquisados possuírem o ensino superior completo singulariza essa pesquisa das informações disponíveis sobre a escolarização de pessoas pertencentes ao segmento social que elevou a renda nos últimos anos. Além disso, o fato de três desses pais terem realizado os cursos de graduação na UFV, leva a consideração de que o contexto educacional de Viçosa influenciou esses pais a concluírem o nível superior de ensino, principalmente pelo seu prestígio na sociedade e pelo fato de ser uma instituição pública, o que viabilizava financeiramente.

Sobre o processo de escolarização dos pais participantes da pesquisa, é importante destacar também que três desses retomaram os estudos após vários anos da conclusão do ensino médio. O desejo de obter uma certificação escolar e o reconhecimento social por essa certificação e as melhorias no salário, foram alguns dos motivos que levaram esses pais a retomarem os estudos. Outro fato interessante ainda em relação à escolaridade desses pais que possuem nível superior de ensino é que nenhum deles exerce ou exerceu a profissão para a qual estudou.

Quanto maior o nível de escolarização dos membros de uma família, melhores são as chances de se realizar escolhas ativas por estabelecimentos de ensino a serem frequentados pelos filhos (ALVES *et al.*, 2010). Nesse sentido, considerando-se o nível de escolaridade dos pais dos três grupos familiares pesquisados, pode-se dizer que essas famílias estão aptas a realizarem escolhas ativas.

Além da posse do capital escolar, o capital social se revelou importante para o conjunto dessas famílias. O fato de Viçosa ser uma cidade média parece ter favorecido as práticas familiares em favor da escolarização dos filhos devido às possibilidades que emergem em função do capital social, isto é, a circulação de informações a respeito do funcionamento do contexto educativo local e da constituição das aspirações educacionais pelo fato de se localizar na cidade a UFV e o Colégio de Aplicação da UFV, o CAp/Coluni. A presença de ambas as instituições claramente instigaram as famílias pesquisadas a investirem mais no processo de escolarização dos filhos, uma vez que desejam que esses estudem nessas instituições, já que ambas possuem grande prestígio no contexto local e educacional.

O discurso que circula, sobretudo, no meio acadêmico viçosense de que as quatro pilastras, que são monumentos situados na entrada da Universidade funcionariam como verdadeiras barreiras que impedem o ingresso na UFV da população de Viçosa oriunda das camadas populares habitante da periferia, não parece se aplicar aos grupos familiares pesquisados.

Para as famílias estudadas tal barreira é inexistente, pois os entrevistados falaram com muita naturalidade sobre o ingresso dos filhos na UFV e todas demonstraram esperar que eles realizem o curso de graduação nessa instituição, devido ao alto nível de prestígio que essa possui e por se localizar na cidade natal dos sujeitos.

Todos os filhos mais velhos realizaram o processo seletivo para o ingresso no CAp/Coluni e todos os caçulas também planejam fazê-lo. As mães e o pai entrevistados mostraram o desejo de verem os filhos frequentando essa instituição, já que na visão deles o colégio oferece aos seus estudantes condições para ingressarem em distintos cursos de graduação em instituições de ensino superior de prestígio, como a UFV.

Assim, à medida que os filhos progrediam na trajetória escolar as ansiedades acerca de seu futuro educacional e profissional cresceram e as famílias aumentaram suas preocupações no sentido de escolherem o melhor estabelecimento de ensino para os filhos. Essa prática educativa foi a que mostrou um maior envolvimento por parte da família.

No caso de duas famílias, Silva e Alves, a transferência dos filhos para o colégio privado exigiu uma intensificação das práticas educativas, sobretudo, as práticas de acompanhamento da escolarização. Apesar dessa ampliação não se observou uma imposição ou regulação de horários de estudos ou tarefas extracurriculares. A única obrigação dos filhos era a de realizar o dever de casa, o qual era verificado em todos os grupos familiares. Realizada essa tarefa, os filhos ficavam livres para fazerem o que quisessem em seu tempo livre. Dessa forma os horários em que ficavam assistindo à televisão, na internet ou jogando, assim como os conteúdos que assistiam ou acessavam não eram totalmente controlados pelos pais. O fato de todos os pais e todas as mães trabalharem também tornam difíceis essas regulações, já que passam pouco tempo em casa com os filhos.

Já os horários de saída e as companhias dos filhos são regulados pelos pais, com exceção da família Costa, cuja mãe afirmou que os filhos não têm o hábito e nem o interesse de sair e são extremamente caseiros. Essas ações mostram o cuidado que as famílias possuem com o bem estar da prole.

Mesmo que a preocupação com a escola em os filhos estudam e com o processo de escolarização deles, de modo geral, seja grande, as outras práticas educativas não se mostraram tão intensas nas famílias pesquisadas,. Apesar de os pais possuírem capital escolar, deve-se considerar que a certificação escolar de nível superior foi obtida tardiamente nos casos pesquisados. Além disso, as ocupações dos pais e das mães são, de modo geral, manuais e com pouco valor social, o que interfere em seu estilo de vida. Dessa forma, acompanham os

filhos da melhor maneira que podem e investem em atividades extracurriculares que lhes são possíveis.

Com relação às práticas dos irmãos, ao contrário do que se esperava, não foi observada uma importante participação desses membros da família no acompanhamento da escolarização dos irmãos caçulas. Os primogênitos auxiliavam sim os irmãos, mas só regularmente quando esses pediam ajuda, o que não acontecia com muita frequência. No que concerne a escolha da escola, no entanto, observou-se que em duas famílias os filhos mais velhos deram suas opiniões sobre a escolha do estabelecimento de ensino dos irmãos caçulas, uma vez que estavam mais experientes e já haviam passado por um maior número de instituições escolares.

A experiência das famílias com os estabelecimentos de ensino frequentado pelos primogênitos também interferiu no processo de escolha das escolas a serem frequentadas pelos caçulas. Por meio dessa experiência, as famílias estavam mais aptas a escolherem as mesmas escolas frequentadas pelo primogênito quando essa escolha foi bem sucedida, ou a escolherem estabelecimentos de ensino distintos.

A realização desta pesquisa propiciou o conhecimento de algumas práticas educativas e socializadoras empreendidas por famílias que alargaram a renda mensal nos últimos anos. A compreensão mais aprofundada de tais práticas não foi possível neste trabalho, uma vez que, para que isso ocorresse, seria necessária uma observação mais atenta do cotidiano desses grupos familiares.

Os dados mostraram que as práticas familiares se distinguem das empreendidas pelas camadas populares, tendo em vista que são mais refinadas e intensas, entretanto, não chegam a se aproximar daquelas realizadas pelas camadas médias, as quais teriam maiores condições tanto financeiras quanto culturais para investirem de sobremaneira na escolarização dos filhos.

Além da posição social indefinida, não se sabe se esse grupo social que elevou a renda continuará a manter suas práticas de consumo de bens e serviços, devido ao atual cenário econômico, no qual muitos brasileiros têm perdido seus empregos, ficando assim em uma situação de inadimplência. Essa situação pode comprometer tais práticas e obrigar famílias a realizarem o movimento inverso ao estudado nesse trabalho, transferir os filhos de colégios privados para escolas públicas. Tal movimento também pode ser alvo de futuras pesquisas, pois, mesmo desejando evitar estabelecimentos públicos de ensino, algumas famílias simplesmente não poderão devido à conjuntura econômica atual.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Marcos Vinicius Sanches; OLIVEIRA, Julio Cesar; ANDRADE, Viviane Delfino Albuquerque; MEIRA, Anderson Donizete . Proposta metodológica para o cálculo e análise espacial do IDH intraurbano de Viçosa – MG. **Revista Brasileira de Estudos de População**, São Paulo, v. 28, n.1, p. 169-186, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbepop/v28n1/a09v28n1.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2015.
- ALVES, Fátima; FISCH, Gicel, REGIS, André. Escolhas por estabelecimentos escolares: efeito das características das famílias e do contexto de moradia. In: **REUNIÃO ANUAL DA ANPED**, 33ª, 2010, Caxambu. Anais... Caxambu: ANPED, 2010. p. 1-16. Disponível em: <<http://33reuniao.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/GT14-6402--Int.pdf>>. Acesso em: 17 jan. 2015.
- ANDRADE, Marluce. **Escolha de escola pelas camadas populares e nova classe média**. 2012. p. 124. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2012.
- ANDRADE, Marluce. Rede pública ou privada? motivações para a escolha de escola por famílias de camadas populares e nova classe média. In: **REUNIÃO NACIONAL DA ANPED**, 37ª, 2015, Florianópolis. Anais... Florianópolis: ANPED, 2015, p. 1-20. Disponível em: <<http://37reuniao.anped.org.br/wp-content/uploads/2015/02/Trabalho-GT14-3673.pdf>>. Acesso: 04 set. 2015.
- BALARINI, Fernanda Belinassi; ROMANELLI, Geraldo. O processo de escolarização de irmãos de acordo com a posição na fratria. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, Vol. 8, N. 12, p. 61-79, 2012. Disponível em: <http://periodicos.uesb.br/index.php/praxis/article/view/734>. Acesso em: 8 Nov. 2014.
- BARDIN, Laurence. A análise da enunciação. In: _____. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977. p. 169-184.
- BARTELT, Dawid Danilo. (org.) **A “Nova Classe Média” no Brasil como Conceito e Projeto Político**. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2013. 184 p. Disponível em: <<http://br.boell.org/downloads/NCMLivroHBS.pdf>> . Acesso em: 21 nov. 2013.
- BELL, Courtney A. All Choices Created Equal? The Role of Choice Sets in the Selection of Schools. **Peabody Journal of Education**, 200, 191–208. Disponível em: <

http://www.grahamimac.com/housingandeducation/pdf/Bell_2009.pdf> . Acesso em: 01 mar. 2016.

BERGER, Peter L.; BERGER, Brigitte. Socialização: como ser um membro da sociedade. In: FORACCHI, Marialice Mencarini; MARTINS, José de Souza. **Sociologia e sociedade: leituras de introdução à sociologia**. 1ª ed. Rio de Janeiro: LTC- Livros Técnicos e Científicos. Editora S.A., 1977. p. 200-214.

BERGER, Peter e LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Tradução: Floriano Fernandes, Rio de Janeiro, editora Vozes, 2008, 29ª edição, 248 p.

BONALDI, Eduardo Vilar. Sobre o “privilégio dos primogênitos” e as diferenças nas trajetórias educacionais de irmãos. In: **REUNIÃO NACIONAL DA ANPED**, 37ª, 2015, Florianópolis. Anais... Florianópolis: ANPED, 2015, p. 1-20. Disponível em: <<http://37reuniao.anped.org.br/wp-content/uploads/2015/02/Trabalho-GT14-3673.pdf>>. Acesso: 04 set. 2015.

BOURDIEU, Pierre. O capital social- notas provisórias. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Org.). **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 67-69.

_____. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Org.). **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 71-79.

_____. Futuro de classe e causalidade do provável. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Org.). **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 83-126.

_____. Condição de classe e posição de classe. In: BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007. p. 3-25.

_____. A excelência e os valores do sistema francês. In: BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007. p. 231-267.

_____. Condição de classe e condicionamentos sociais. In: BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. Tradução: Daniela Kern; Guilherme J.F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2008. p. 97- 107. Tradução de *La Distinction: critique sociale du jugement*.

_____. *O habitus* e o espaço dos estilos de vida. In: BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. Tradução: Daniela Kern; Guilherme J.F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2008. p. 162-166. Tradução de *La Distinction: critique sociale du jugement*.

BRANDÃO, Zaia; CARVALHO, Cristina; CAZELLI, Sibeles; MANDELERT, Diana; MARTINEZ, Maria Elena; NERY, Francisco; PAULA, Lucília de. **Algumas Hipóteses Sobre a Permanência e a Mudança no Capital Cultural das Elites no Brasil**. SOCED / PUC – Rio, Rio de Janeiro, 2003. Mimeo.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. Escola como extensão da família ou família como extensão da escola? O dever de casa e as relações família-escola. **Revista Brasileira de**

Educação, [S.l.], 2004, n. 25, jan./ abr., p. 94-104. Disponível em:<
<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a08.pdf> > . Acesso em: 26 out. 2015.

DIOGO, Ana Matias. Dinâmicas familiares e investimento na escola à saída do ensino obrigatório. **Interacções**, 2006, n. 2, p. 87-112. Disponível em:
<<http://repositorio.ipsantarem.pt/bitstream/10400.15/206/1/B4%282%29.pdf>>. Acesso: 18 out. 2015.

_____. Do envolvimento dos pais no sucesso escolar dos filhos: mitos, críticas e evidências. **Revista Luso-Brasileira de Sociologia da Educação**. Rio de Janeiro: PUC- Rio, Edição Especial, p. 166-188, 2012.

DUARTE, Lidiany. Câmara reivindica ao Estado a instalação da Superintendência Regional de Ensino. **Câmara Municipal de Viçosa**, Viçosa, 18 abr., 2016. Disponível em:
<<http://www.vicosamg.br/institucional/noticias/2016/04-2016/camara-reivindica-ao-e-stado-a-instalacao-da-superintendencia-regional-de-ensino>>. Acesso em: 21 abr. 2016.

GLÓRIA, Dília Maria Andrade. **Uma análise de fatores sociodemográficos e sua relação com a escolarização dos filhos em famílias de camadas médias**. 2007, 288p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

KERSTENETZKY, Celia Lessa; UCHÔA, Christiane. Moradia inadequada, escolaridade insuficiente, crédito limitado: em busca da nova classe média. In: BARTELT, D. D. (org.) **A “Nova Classe Média” no Brasil como Conceito e Projeto Político**. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2013. p. 16-31. Disponível em:
<<http://br.boell.org/downloads/NCMLivroHBS.pdf>> . Acesso em: 21 nov. 2013.

LAREAU, Annette. A desigualdade invisível: o papel da classe social na criação dos filhos em famílias negras e brancas. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 46, p. 12-82, dez. 2007. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/edur/n46/a02n46.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2015.

LACERDA, Wânia Maria Guimarães. LACERDA, Wânia Maria Guimarães. **Famílias e Filhos na Construção de Trajetórias Escolares pouco Prováveis**: o Caso dos Iteanos. 2006, 416p. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, 2006.

_____. Solidariedade entre irmãos e relações intergeracionais na construção de percursos escolares de excelência. **Educação em Perspectiva**, Viçosa, v.1, n.1, p. 82-102, jan./jun. 2010. Disponível em:
<<http://www.seer.ufv.br/seer/educacaoemperspectiva/index.php/ppgeufv/article/viewFile/13/8>>. Acesso em: 20 mar. 2012.

_____. **Escolher o estabelecimento de ensino**: Estratégias de famílias e Ecologia do quase mercado escolar de Viçosa (MG). 2012. Relatório de pós-doutorado (Pós-doutorado em Educação) Faculdade de Educação. Universidade Federal de Minas Gerais, 2012. Mimeo.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares**: as razões do improvável. Tradução: Ramon Américo Vasques e Sonia Goldefefer. São Paulo: Ática, 2004. 367 p.

MEDEIROS, Jonas; JANUÁRIO, Adriano. A nova classe trabalhadora e a expansão da escola privada nas periferias da cidade de São Paulo. In: **ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS**, 38, 2014, Caxambu: ANPOCS, 2014. p. 1-30.

NERI, Marcelo Côrtes. (Coord.). **A nova classe média: o lado brilhante dos pobres**. Rio de Janeiro: FGV/IBRE/CPS, 2010. Disponível em <<http://www.fgv.com.br>>. Acesso: 20 set. 2013. 121 p.

_____. (Coord.). **A nova classe média: o lado brilhante da base da pirâmide**. São Paulo: Saraiva, 2011. 312 p.

NOGUEIRA, Maria Alice. Trajetórias escolares, estratégias culturais e classes sociais: notas em vista da construção do objeto de pesquisa. **Teoria e Educação**. n. 3, p. 89- 112, 1991.

_____. A escolha do estabelecimento de ensino pelas famílias. A ação discreta da riqueza cultural. **Revista Brasileira de Educação**, n.7, p. 42-56, jan-abr. 1998.

_____; AGUIAR, Andréa. A escolha do estabelecimento de ensino e o recurso ao internacional. **Atos de pesquisa em educação**. [S.l.], v. 2, nº 1, p. 3-22, jan./abr. 2007. Disponível em: <proxy.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/download/164/126>. Acesso em: 24 mar. 2015.

_____. Um tema revisitado. As classes médias e a educação escolar. In: DAYRELL, Juarez; NOGUEIRA, Maria Alice; RESENDE, José Manuel; VIEIRA, Maria Manuel (Orgs.). **Família, escola e juventude**. Olhares cruzados Brasil-Portugal. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012, p. 110-131.

_____. No fio da navalha: a (nova) classe média brasileira e sua opção pela escola particular. In: ROMANELLI, Geraldo.; NOGUEIRA, Maria Alice; ZAGO, Nadir, (Orgs.). **Família e escola: novas perspectivas de análise**. 1ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p.109- 129.

_____; LACERDA, Wânia Guimarães. Os *rankings* de estabelecimentos de ensino médio e as lógicas de ação das escolas: o caso do Colégio de Aplicação da UFV. In: KRAWCZYK, Nora (Org.). **Sociologia do ensino médio: crítica ao economicismo na política educacional**. São Paulo: Cortez, 2014. p. 127-161.

NOGUEIRA, Cláudio; RESENDE, Tânia Freitas; VIANA, Maria José. Escolha do estabelecimento de ensino, mobilização familiar e desempenho escolar. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, 2015, v. 20, n. 62, p. 749-772. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v20n62/1413-2478-rbedu-20-62-0749.pdf>>. Acesso: nov. 2015.

OLIVEIRA, Flávia. A má notícia é que o ajuste está forte. A boa é que há ajuste. **O Globo**, Rio de Janeiro, 16 ago. 2015. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/economia/a-ma-noticia-que-ajuste-esta-forte-boa-que-ha-ajuste-17199056#ixzz3ptDf2ac7>> . Acesso em: 28 out. 2015.

OLIVEIRA, Leonardo Rodrigues de. **Dinâmicas locais e atos parentais de escolha de estabelecimentos de ensino público estaduais reputados em Viçosa (MG)**. 2015. 137 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2015.

PAIXÃO, Lea Pinheiro. Significado da escolarização para um grupo de catadoras de um lixão. **Cadernos de Pesquisa**, n. 124, p. 141-170, jan./abr. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742005000100008&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 02 jan. 2015.

PASTORE, José; VALLE SILVA, Nelson. **Mobilidade social no Brasil**. São Paulo: Makron, 2000, 98 p.

PINTO, Fátima Cunha Ferreira; GARCIA, Vanessa Coelho; LETICHEVSKY, Ana Carolina. Pesquisa nacional de qualidade na educação: a escola pública na opinião dos pais. **Avaliação e Políticas Públicas em Educação**. Rio de Janeiro, v.14, n.53, p. 527-542, out./dez. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v14n53/a08v1453.pdf>>. Acesso em: 10 jun.2015.

POCHMANN, Márcio. **Nova classe média?: O trabalho na base da pirâmide social brasileira**. São Paulo: Boitempo, 2012. 127p.

PORTES, Écio Antônio. **Trajetórias e estratégias escolares dos universitários das camadas populares**. 1993. 248 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1993.

_____. **Trajetórias escolares e vida acadêmica do estudante pobre da UFMG: um estudo a partir de cinco casos**. 2001. Tese de doutorado. Faculdade de Educação. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

RESENDE, Tânia de Freitas; NOGUEIRA, Cláudio Marques M.; NOGUEIRA, Maria Alice. Escolha do estabelecimento de ensino e perfis familiares: uma faceta a mais das desigualdades escolares. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, v. 32, n. 117, p. 953-970, out-dez. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v32n117/v32n117a04.pdf>>. Acesso em: 05 fev. 2015.

RESENDE, Tânia de Freitas. Pela “janela” do dever de casa, o que se vê das relações entre escolas e famílias? In: ROMANELLI, G.; NOGUEIRA, M.A.; ZAGO, N., (Orgs.). **Família e escola: novas perspectivas de análise**. 1ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 199-219.

RIBEIRO, Carlos Antônio Costa. Mobilidade e estruturas de classes no Brasil contemporâneo. **Sociologias**, Porto Alegre, n. 37, p. 178-217, set/dez. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/v16n37/1517-4522-soc-16-37-00178.pdf>>. Acesso em: 07 jul. 2015.

RIBEIRO FILHO, Geraldo Browne. **A formação do espaço construído: cidade e legalização urbanística de Viçosa-MG**. 1997.247p. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ.

ROMANELLI, Geraldo. Questões teóricas e metodológicas nas pesquisas sobre a família e escola. In: ZAGO, N.; CARVALHO, M. P.; VILELA, R. A. T. (Orgs.). **Itinerários de pesquisa- perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 245-264.

SINGLY, François de. **Sociologia da família contemporânea**. Tradução: Clarice Ehlers Peixoto. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007, 208p.

SOUZA, Jessé. **Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?** 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. 404 p.

_____. A invisibilidade da luta de classes ou a cegueira do economicismo. ? In: BARTELT, D. D. (org.) **A “Nova Classe Média” no Brasil como Conceito e Projeto Político**. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2013. p. 55-68. Disponível em: <<http://br.boell.org/downloads/NCMLivroHBS.pdf>>. Acesso em: 21 nov. 2013.

THIN, Daniel. Práticas educativas das famílias. In: VAN ZANTEN, Agnès. **Dicionário de educação**. Petrópolis: Vozes, 2011. P. 402- 405.

VAN ZANTEN, Agnès. Les stratégies parentales. In: VAN ZANTEN, Agnès. **L'école de la périphérie**. Scolarité et ségrégation en banlieue. Paris: PUF, 2001, p. 93-113.

_____. Reflexividad y elección de la escuela por los padris de la clase media en Francia. **Revista de Antropología Social**, Madrid, v. 16, p. 245-278, 2007. Disponível em: <http://revistas.ucm.es/index.php/RASO/article/view/RASO0707110245A/9165>. Acesso em: 13 nov. 2015.

VIANA, Maria José Braga. **Longevidade escolar em famílias de camadas populares: algumas condições de possibilidade**. 1998, 302 p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998.

_____. As práticas socializadoras familiares como *locus* de constituição de disposições facilitadoras de longevidade escolar. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n.90, p. 107-125, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br>> Acesso em: 05 nov. 2013.

VICENTE, Eliana. Nova classe média: um delírio coletivo? In: BARTELT, D. D. (org.) **A “Nova Classe Média” no Brasil como Conceito e Projeto Político**. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2013. p. 81- 93. Disponível em: <<http://br.boell.org/downloads/NCMLivroHBS.pdf>>. Acesso em: 21 nov. 2013.

